



O JESUS HISTÓRICO E O MÍTICO
DESAFIO PARA O DIÁLOGO INTER-RELIGIOSO
(100 perguntas e respostas)









José Pinheiro de Souza

O JESUS HISTÓRICO E O MÍTICO
DESAFIO PARA O DIÁLOGO INTER-RELIGIOSO
(100 perguntas e respostas)

Fortaleza, 2012





O Jesus Histórico e o Mítico - Desafio para o diálogo inter-religioso.
© 2012 Copyright by José Pinheiro de Souza

Contato com o autor:

E-mail: jpinheirosouza@uol.com.br

Blog: www.jpinheirosouza.blog.uol.com.br

Site: www.professorpinheiro.com

Capa: Mônica Costa

Diagramação: Franciana Pequeno

Ilustração da Capa: Carlos Henrique (Guabiras)



SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS	11
NÃO IMPORTA O CAMINHO	13
CREDO MACROECUMÊNICO	14
ABREVIATURAS E SIGLAS	15
APRESENTAÇÃO	17
PREFÁCIO	19
INTRODUÇÃO	25
AS 100 PERGUNTAS E RESPOSTAS	41
1 - JESUS NASCEU DE UM PARTO VIRGINAL E MIRACULOSO?	41
2 - ISAÍAS 7,14 É PROVA DO NASCIMENTO VIRGINAL DE JESUS?	42
3 - MATEUS 1,23 É PROVA DO NASCIMENTO VIRGINAL DE JESUS?	43
4 - JESUS NASCEU EM BELÉM?	44
5 - JESUS FOI O NOSSO “BODE EXPIATÓRIO”?	46
6 - JESUS DECLAROU SER “DEUS CONOSCO” (“DEUS ENCARNADO” E “FILHO DE DEUS”)?	49
7 - JESUS RESSUSCITOU FISICAMENTE?	50
8 - O SEPULCRO VAZIO É PROVA DA RESSURREIÇÃO FÍSICA DE JESUS?	52
9 - JESUS RESSUSCITOU MORTOS?	53
10 - JESUS FOI O ÚNICO QUE RESSUSCITOU APÓS TRÊS DIAS?	56
11 - JESUS SUBIU AO CÉU, SENTOU-SE À DIREITA DE DEUS, DE ONDE RETORNARÁ PARA JULGAR A HUMANIDADE?	57
12 - OS DOGMAS CATÓLICOS SOBRE A NATUREZA DE JESUS SÃO VERDADES ABSOLUTAS?	58
13 - JESUS FUNDOU “O CRISTIANISMO DOS CRISTÃOS”?	61
14 - A DOCTRINA DE PAULO É IDÊNTICA À DE JESUS?	63
15 - O DEUS DE PAULO É IDÊNTICO AO DEUS DE JESUS?	64
16 - O JESUS DE PAULO É IDÊNTICO AO JESUS HISTÓRICO?	64
17 - JESUS É LITERALMENTE “DEUS”?	65
18 - O DEUS DE JESUS É LITERALMENTE “UMA PESSOA” (OU “TRÊS PESSOAS”)?	65

19 - JESUS INSTITUIU ALGUM “DOGMA DE FÉ” DA IGREJA CATÓLICA?	66
20 - JESUS INSTITUIU OS SETE SACRAMENTOS DA IGREJA CATÓLICA?	67
21 - JESUS INSTITUIU O SACRAMENTO DO BATISMO DA IGREJA CATÓLICA?	67
22 - JESUS INSTITUIU O SACRAMENTO DA CONFISSÃO?	70
23 - JESUS REALIZOU O MILAGRE DA “TRANSUBSTANCIAÇÃO”?	72
24 - JESUS AFIRMOU QUE A COMUNHÃO EUCARÍSTICA É NECESSÁRIA PARA A SALVAÇÃO DE TODOS?	73
25 - JESUS AFIRMOU QUE ESTAVA FISICAMENTE PRESENTE NA EUCARISTIA?	74
26 - JESUS É LITERALMENTE “DEUS O FILHO”?	75
27 - TODAS AS PASSAGENS EVANGÉLICAS ATRIBUÍDAS A JESUS SÃO LITERAL E HISTORICAMENTE VERDADEIRAS?	78
28 - JESUS ENSINOU QUE EXISTE O INFERNO ETERNO?	81
29 - JESUS FOI TENTADO PELO DIABO, PASSOU GRANDE PARTE DE SUA VIDA PÚBLICA “EXPULSANDO DEMÔNIOS” DO CORPO DAS PESSOAS E, APÓS SUA MORTE, “DESCEU AOS INFERNOS”?	85
30 - JESUS FOI O ÚNICO DEUS ENCARNADO?	87
31 - JESUS ERA UMA PESSOA “EXCLUSIVISTA”?	88
32 - JESUS COSTUMAVA FAZER DECLARAÇÕES EXCLUSIVISTAS NA 1ª PESSOA DO SINGULAR (“EU SOU”) ?	89
33 - JESUS É “O ÚNICO CAMINHO”?	91
34 - SÓ JESUS SALVA?	92
35 - JESUS É “O ÚNICO FILHO DE DEUS”?	93
36 - JESUS É “A ÚNICA VERDADE”?	97
37 - JESUS FEZ MILAGRES QUE SUPOSTAMENTE “ANULAM AS LEIS DA NATUREZA”?	98
38 - JESUS ANDOU SOBRE A ÁGUA (ACALMANDO UMA TEMPESTADE)?	98
39 - JESUS MULTIPLICOU PÃES?	100
40 - JESUS TRANSFORMOU LITERALMENTE ÁGUA EM VINHO?	100
41 - JESUS MUDOU A SUBSTÂNCIA DO PÃO E DO VINHO EM SEU PRÓPRIO CORPO E SANGUE?	101
42 - JESUS SUBIU AO CÉU FISICAMENTE?	102

43 - JESUS É O VERBO DE DEUS?	103
44 - JESUS É O ÚNICO AUTOR DO VERSÍCULO EVANGÉLICO "CONHECEREIS A VERDADE E A VERDADE VOS LIBERTARÁ"?	103
45 - JESUS É O ÚNICO AUTOR DA VERDADE CRISTÃ EXPRESSA NO APOCALIPSE, "EU SOU O PRINCÍPIO E O FIM, O ALFA E ÔMEGA"?	104
46 - JESUS FOI O ÚNICO MESSIAS?	104
47 - JESUS FOI A ÚNICA PALAVRA DE DEUS?	104
48 - JESUS FOI A ÚNICA SEGUNDA PESSOA DA TRINDADE DIVINA?	104
49 - JESUS FOI O ÚNICO "SALVADOR DA HUMANIDADE"?	104
50 - JESUS FOI O ÚNICO "VERBO CRIADOR DO MUNDO"?	105
51 - JESUS FOI O ÚNICO QUE NASCEU MIRACULOSAMENTE DE UM PARTO VIRGINAL?	105
52 - JESUS FOI O ÚNICO "FILHO DE DEUS COM UMA MULHER DA TERRA"?	105
53 - A MÃE DE JESUS FOI A ÚNICA FECUNDADA POR UMA DIVINDADE, E NÃO POR UM HOMEM DA TERRA?	106
54 - A MÃE DE JESUS FOI CONCEBIDA SEM PECADO?	106
55 - A MÃE DE JESUS FOI A ÚNICA MÃE DE DEUS NA HISTÓRIA DAS RELIGIÕES?	106
56 - JESUS MORREU NA CRUZ PARA PAGAR NOSSOS PECADOS?	109
57 - A IGREJA CATÓLICA CONSIDERA-SE "A IGREJA DE DEUS QUE ELE ADQUIRIU PARA SI PELO SANGUE DERRAMADO DE SEU PRÓPRIO FILHO"?	112
58 - A IGREJA CATÓLICA FOI A ÚNICA RELIGIÃO FUNDADA PELO PRÓPRIO DEUS, NA PESSOA DE JESUS?	115
59 - JESUS ERA UMA PESSOA "EXCLUSIVA", "EXCEPCIONAL" E "ÚNICA"?	118
60 - JESUS FALOU DO SEU RETORNO FÍSICO PARA JULGAR A HUMANIDADE?	121
61 - JESUS INSTITUIU E PREGOU O DOGMA DA TRINDADE?	122
62 - JESUS DECLAROU SER "DEUS"?	123
63 - JESUS FOI O ÚNICO QUE INSTITUIU A CEIA EUCARÍSTICA NA HISTÓRIA DAS RELIGIÕES?	126
64 - JESUS FAZIA USO DA "FÉ CEGA"?	128
65 - JESUS ERA UM MITO DE ORIGEM PAGÃ?	132
66 - JESUS ERA TAMBÉM UMA "DIVINDADE SOLAR"?	133
67 - JESUS É DEUS E HOMEM?	134

68 - JESUS FOI UM PERSONAGEM REAL?	134
69 - JESUS É APENAS UM MITO?	135
70 - O CREDO APOSTÓLICO REFERE-SE A JESUS?	136
71 - JESUS É O SALVADOR?	138
72 - AS PASSAGENS DO "SERVO SOFREDOR" (ISAÍAS 53) REFEREM-SE AO SOFRIMENTO DE JESUS?	139
73 - DEUS "AUTOESVAZIOU-SE" NA PESSOA DE JESUS?	141
74 - JESUS RETORNARÁ PARA JULGAR A HUMANIDADE?	145
75 - JESUS ERROU?	145
76 - JESUS VIRÁ PARA O JUÍZO FINAL?	146
77 - A DOCTRINA DE JESUS É QUE SE ACHA RESUMIDA NA EPÍSTOLA AOS ROMANOS?	149
78 - "SALVAÇÃO" SIGNIFICA "REDEÇÃO" DE NOSSOS PECADOS?	151
79 - JESUS MORREU NA CRUZ POR CAUSA DO "PECADO ORIGINAL"?	152
80 - JESUS FOI MORTO PELOS JUDEUS?	155
81 - JESUS FALOU QUE SATANÁS E OS DEMÔNIOS EXISTEM?	156
82 - JESUS FALOU SOBRE A "REENCARNAÇÃO"?	158
83 - JESUS FEZ MILAGRES COMO FENÔMENOS SOBRENATURAIS?	161
84 - JESUS DISSE QUE NÃO DEVEMOS JULGAR O PRÓXIMO PARA NÃO SERMOS JULGADOS?	164
85 - JESUS PROFERIU MALDIÇÕES?	165
86 - JESUS PREGOU CONTRA FALSOS PROFETAS E FALSOS MESSIAS?	166
87 - JESUS É O AUTOR DE VÁRIAS PASSAGENS AGRESSIVAS (OU VINGATIVAS) ATRIBUÍDAS A ELE NOS EVANGELHOS?	167
88 - JESUS DECLAROU QUE SE TIVERMOS FÉ COMO UM GRÃO DE MOSTARDA PODEREMOS TRANSPORTAR MONTANHAS DE UM LUGAR PARA OUTRO?	171
89 - JESUS DISSE QUE PEDRO ERA A PEDRA SOBRE A QUAL ELE EDIFICARIA A SUA IGREJA?	172
90 - JESUS FOI UM PREGADOR ESCATOLÓGICO APOCALÍPTICO?	175
91 - PARA JESUS, O "REINO DE DEUS" SIGNIFICAVA A IMINENTE INTERVENÇÃO APOCALÍPTICA DE DEUS? ...	178
92 - A PARÁBOLA DA FIGUEIRA (MARCOS 13,28-32) É DE AUTORIA DE JESUS?	180

93 - A PARÁBOLA DOS VINHATEIROS HOMICIDAS (MARCOS 12,1-12; MATEUS 21,33-46; LUCAS 20,9-19) É DE AUTORIA DE JESUS?	180
94 - A PARÁBOLA DAS DEZ VIRGENS (MATEUS 25,1-13) É DE AUTORIA DE JESUS?	181
95 - A PARÁBOLA DO MAU RICO E DO POBRE LÁZARO (LUCAS 16,19-31) É DE AUTORIA DE JESUS?	182
96 - A PARÁBOLA DO JOIO (MATEUS 13,24-30) É DE AUTORIA DE JESUS?	183
97 - A PARÁBOLA DA REDE (MATEUS 13,47-50) É DE AUTORIA DE JESUS?	183
98 - A PARÁBOLA DO MORDOMO (MATEUS 24,45-51) É DE AUTORIA DE JESUS?	184
99 - A PARÁBOLA DOS TALENTOS (MATEUS 25,14-30) É DE AUTORIA DE JESUS?	184
100 - O DISCURSO ESCATOLÓGICO SOBRE O JUÍZO FINAL (MATEUS 25,31-46) É DE AUTORIA DE JESUS?	184
CONCLUSÃO	187
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	191



AGRADECIMENTOS

Meus sinceros agradecimentos às seguintes pessoas:

Minha esposa, Iaci, por me haver inspirado com suas palavras e seu testemunho de vida a ideia maior de meus livros ecumênicos de que a verdadeira religião é a prática do amor.

Meus agradecimentos especiais aos que fizeram revisões no texto original deste livro: o Professor Hyljoss Angelo de Souza, Jocely de Deus Pinheiro, o escritor judeu Vicente Francimar de Oliveira e o irmão espírita Alberto de Albuquerque Cordeiro.

Meus sinceros agradecimentos ao irmão espírita Alberto de Albuquerque Cordeiro, pela excelente Apresentação deste livro.

Meu muito obrigado a Franciana Pequeno da Silva, pelo suporte na digitação eletrônica e diagramação desta obra (PageMaker), a Mônica Costa, pela elaboração da capa, e a Carlos Henrique (Guabiras), pela ilustração da capa.

Não posso esquecer-me de agradecer a Deus, a Jesus e a outros amigos espirituais, por terem me dado inspiração e coragem de escrever este livro, de natureza bastante polêmica, mas cujo objetivo último é contribuir para a verdadeira paz e fraternidade entre todas as pessoas, independentemente de suas crenças religiosas.



NÃO IMPORTA O CAMINHO

Um juiz passava por uma estrada e encontrou um preto-velho enrolando seu cigarro de palha e cumprimentando a todos que por ali passavam, dizendo:

– “Deus te abençoe, meu filho! Deus te acompanhe! Deus te guie! Deus te proteja!”

O juiz, um tanto curioso, perguntou-lhe:

– “O Senhor sabe onde Deus está?”

E o preto-velho respondeu-lhe:

– “O Senhor sabe onde Ele não está?”

O juiz, não satisfeito com a resposta, retrucou:

– “O Senhor deve ser muito religioso! Qual é a sua religião?”

E o preto-velho respondeu-lhe:

– “Quando vou levar trigo à cidade, posso ir pela rodovia, pela montanha, ou pela estrada do rio, mas, quando chego lá, o patrão não quer saber por onde vim. Ele quer saber se o trigo é de boa qualidade!”

(Autor desconhecido)

Moral da história e sua aplicação a esta obra: Quando formos prestar contas a Deus de nossa vida, Ele não vai querer saber se professamos Religião A, B ou C, mas **se nossas obras foram de boa qualidade!** Ou seja, **para Deus, não importa a religião que se professa, mas o amor que se pratica!** Esta é a chamada tese pluralista da **equivalência funcional** (mas não **doutrinal**) de todas as religiões, defendida neste livro, em oposição aos pontos de vista religiosos que sustentam a exclusividade, unicidade e superioridade de **UM CAMINHO**, isto é, de uma religião em relação às demais. Por essa tese, o catolicismo é tão bom, válido e verdadeiro para os católicos, quanto o judaísmo o é para os judeus, o budismo para os budistas, o espiritismo para os espíritas e assim por diante. Essa tese não afirma, porém, que todas as religiões são igualmente verdadeiras do ponto de vista de suas crenças, de seus dogmas ou de seus mitos, uma vez que, em questões de doutrina, elas se contradizem em muitos pontos. Daí, a necessidade do diálogo religioso aberto e sincero para se saber quem está com a verdade em assuntos doutrinários.

CREDO MACROECUMÊNICO

CREMOS QUE SOMOS TODOS IRMÃOS,
FILHOS DO MESMO PAI.
CREMOS NO AMOR UNIVERSAL,
ENSINADO POR JESUS E POR TODOS
OS MENSAGEIROS DA PAZ,
ENVIADOS POR DEUS
AO LONGO DA HISTÓRIA HUMANA.
CREMOS QUE,
SOMENTE VIVENDO UNIDOS NO AMOR,
EVITANDO QUALQUER ATO DE VIOLÊNCIA
E DISCRIMINAÇÃO CONTRA QUEM QUER QUE SEJA,
PODEREMOS CONSTRUIR UM MUNDO MELHOR,
DE PAZ E FRATERNIDADE.
CREMOS QUE “NÃO IMPORTA O CAMINHO”, ISTO É,
QUE TODAS AS RELIGIÕES
SÃO CAMINHOS VÁLIDOS
NA BUSCA DA VERDADE,
DA PERFEIÇÃO
E DO CRESCIMENTO ESPIRITUAL.
CREMOS QUE
TODO REINO DIVIDIDO PERECERÁ.
CREMOS NO DIÁLOGO FRATERNAL
COMO MEIO DE ESCLARECIMENTO E DE
BUSCA COMUM DA VERDADE RELIGIOSA,
PARA QUE TODOS SEJAMOS UM.
AMÉM.

José Pinheiro de Souza

ABREVIATURAS E SIGLAS

a.C.	Antes de Cristo
d.C.	Depois de Cristo
apud	Citado por (Junto à)
Cf.	Confira (ou confronte)
Ibid.	Ibidem (na mesma obra)
Id.	Idem (o mesmo autor ou a mesma autora)
Op. Cit.	Obra citada
AT	Antigo Testamento
NT	Novo Testamento
SJ	Seminário de Jesus

DICIONÁRIOS DE RELIGIÕES

- DER *Dicionário Enciclopédico das Religiões* (de autoria de Hugo SCHLESINGER e Humberto PORTO, Volumes I e II. Petrópolis, Vozes, 1995.
- DRCO *Dicionário de Religiões, Crenças e Ocultismo* (de autoria de George A. MATHER e Larry A. NICHOLS. São Paulo, Vidas, 2000, publicado originalmente nos Estados Unidos, em 1993.

DICIONÁRIOS DA LÍNGUA PORTUGUESA

- HOUAISS HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- AURÉLIO FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo dicionário da língua portuguesa*. 2. ed., rev. aum. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

Observação: As citações bíblicas contidas neste livro seguem o texto da *BÍBLIA DE JERUSALÉM*, São Paulo, Edições Paulinas, 1981.



APRESENTAÇÃO

Francimar de Oliveira

Com subida honra e humildade, recebi do meu caro Professor José Pinheiro de Souza, a incumbência de fazer a apresentação do seu oitavo livro ecumênico.

Sobre a vida do autor, suas belíssimas qualidades como Mestre, amigo e irmão, foram traçadas em sucintas linhas no Prefácio do livro, onde destaco entre suas virtudes a sua imensa generosidade.

Profundas mensagens são trazidas no conteúdo do livro, organizado de forma didática, entre as perguntas e respostas esclarecedoras sobre o tema JESUS, em sua faceta histórica e mítica.

O tema JESUS, por sinal, faz parte de sua coleção de livros, sempre evoluindo em seus estudos, de forma apaixonante e motivadora. A sua ânsia de um dia poder acompanhar o tão esperado diálogo inter-religioso, sob a bandeira do AMOR, sem laivos de supremacia, entre as religiões e seitas, com certeza é uma visão de Unicidade, onde a Verdade estará acima dos conflitos entre credos.

Que a leitura refletida deste livro e o AMOR TRANSCENDENTAL – aquele pregado e vivenciado por JESUS, una todas as criaturas deste planeta e proporcione ao caro leitor deste livro momentos de descobertas, e possa despertar, em cada um, o crescimento espiritual necessário à sua caminhada.

Alberto de Albuquerque Cordeiro
São José dos Campos, 03 de junho de 2012



PREFÁCIO

Escrevi e publiquei, neste ano de 2012, o meu 7º livro ecumênico, “*O Mito da Unicidade Cristã: desafio para o diálogo inter-religioso*”, disponível no meu site (www.professorpinheiro.com).

Sou professor universitário, aposentado da Universidade Estadual do Ceará e da Universidade Federal do Ceará, PhD em Linguística e Mestre no Ensino de Inglês como Língua Estrangeira pela Universidade de Illinois (USA).

Até meus 57 anos de idade, fui católico convicto, tendo estudado para padre no Seminário Salesiano, durante 12 anos. Atualmente, sou espírita kardecista ecumênico. Depois que me aposentei, procurei uma maneira de ocupar bem o meu tempo, estudando as religiões, com o objetivo principal de poder escrever obras ecumênicas, para incentivar a existência do cada vez mais necessário diálogo inter-religioso.

Como fruto de meus estudos, já escrevi e publiquei várias obras ecumênicas:

Como fruto de meus estudos, já escrevi e publiquei oito livros ecumênicos (e macroecumênicos):

- 1) Em 2005, escrevi e publiquei o livro *Entrevistas com Jesus: Reflexões Ecumênicas*. Sua 3ª edição revista já está disponível no meu site: (www.professorpinheiro.com).
- 2) Em 2007, escrevi o livro *Mitos Cristãos: Desafios para o Diálogo Religioso*, publicado no mesmo ano pelo Grupo Espírita GEEC (Grupo Educação, Ética e Cidadania), de Divinópolis, MG. Sua 2ª edição revista já está também publicada no meu site: (www.professorpinheiro.com).
- 3) Em 2008, criei o chamado **Blog do Pinheiro: Diálogo Inter-Religioso** (www.jpinheirosouza.blog.uol.com.br), o qual já recebeu mais de 38 mil visitas e no qual já publiquei mais de 350 matérias.
- 4) Em 2010, escrevi e publiquei dois livros ecumênicos: *Catecismo Ecumênico: 200 perguntas e respostas à luz*

da “fé raciocinada” e *Paulinismo: a doutrina de Paulo em oposição à de Jesus*.

- 5) Em 2011, também escrevi e publiquei dois livros ecumênicos: *Mentiras sobre Jesus: desafio para o diálogo religioso* e *Três Maneiras de Ver Jesus: a maneira histórica, a mítica literal e a mítica simbólica*.
- 6) Neste ano de 2012, acabo de escrever e publicar no meu site mais dois ecumênicos: o meu 7º livro ecumênico (*O Mito da Unicidade Cristã: desafio para o diálogo inter-religioso*) e meu 8º livro ecumênico (*O Jesus Histórico e o Mítico: desafio para o diálogo inter-religioso*).

Todos os meus livros ecumênicos estão disponíveis no meu site: (www.professorpinheiro.com).

Em todas as minhas obras ecumênicas, faço questão de esclarecer aos meus leitores que minha meta, como a de muitos outros estudiosos atuais do cristianismo, é “chegar o mais perto possível do **Jesus histórico** [...], [uma vez que] nenhum outro personagem histórico suscita reações tão apaixonadas nem engendra conclusões tão opostas” (TABOR, 2006, p. 330). O **Jesus histórico** é **UMA PESSOA INTEIRAMENTE HUMANA**, em contraposição ao **Cristo da fé**, que é **UMA PESSOA INTEIRAMENTE DIVINA**, com duas naturezas (a humana e a divina). Como esclareço em meu 6º livro ecumênico (*Três Maneiras de Ver Jesus: a maneira histórica, a mítica literal e a mítica simbólica*), dou muito valor também ao **Cristo da fé**, quando interpretado *simbolicamente*, e não visto, *literal e exclusivamente*, como um **DEUS-HOMEM HISTÓRICO**, pois, segundo meu atual modo de pensar, vejo o **Cristo da fé** como um personagem mítico (ou mitológico), juntamente com muitos outros, que todos simbolizam *a centelha divina encarnada em todos nós*.

Por que esse meu interesse tão grande pelo ecumenismo e o diálogo inter-religioso? Interesse-me pelo diálogo entre as religiões, porque, ao estudá-las, percebi que elas são muito exclusivistas, cada uma tendo a pretensão de ser dona exclusiva da verdade religiosa. Como afirma o renomado escritor italiano Ambrogio Donini, em sua obra *Breve História das Religiões*,

a linha de separação entre as religiões é sempre esta: *a minha religião é a verdadeira, todas as outras são falsas*. Assim raciocinam o monge budista, o intérprete do Alcorão, o padre xintoísta, o ministro protestante, o pregador jesuíta. [...] Cada classe tende a se apresentar sob a indumentária do eterno, do infalível, da verdade absoluta (DONINI, 1965, p. 14).

Em face dessa postura exclusivista dos seguidores das diferentes religiões, cheguei à conclusão de que sem **diálogo**, baseado na “fé raciocinada” (“aquela que pode encarar a razão face a face, em todas as épocas da Humanidade”), é impossível haver entendimento e progresso na busca da verdade religiosa.

Nesse sentido, concordo plenamente com o teólogo católico Faustino Teixeira, quando ele chega a declarar que **“fora do diálogo, não há futuro possível para o cristianismo”** (TEIXEIRA, 1995, p. 128) (negrito meu). Concordo igualmente com o historiador e teólogo católico John Cornwell, quando ele afirma que, **“a menos que os católicos possam restaurar o espírito do Vaticano II, vão tomar um choque tão grande ou maior que a divisão do cristianismo quinhentos anos atrás”** (CORNWELL, 2002, p. 74) (negrito meu).

A respeito da necessidade do diálogo inter-religioso, o Arcebispo Dominique Mamberti, ministro das Relações Exteriores do Vaticano, fez, em 2006, a seguinte afirmação: “O Papa Bento XVI tem dito e repetido: ‘o tema do diálogo entre as culturas e as religiões é um dos pontos cruciais desta era’.” (Jornal *O Povo*, Fortaleza, CE., 16 de setembro de 2006, p. 32.)

Nesse contexto da necessidade atual do diálogo entre as religiões, este livro (*O Jesus Histórico e o Mítico: desafio para o diálogo inter-religioso*) objetiva contribuir com o diálogo entre os cristãos dogmáticos e os seguidores de outras religiões, abordando a crucial distinção entre duas maneiras antagônicas de ver Jesus (a histórica e mítica), à luz da “fé raciocinada” e da história das religiões.

Os dogmas cristãos, por serem considerados verdades absolutas, intocáveis, indiscutíveis, inquestionáveis, limitam, escravizam e ferem frontalmente uma das prerrogativas mais importantes do ser humano, que é o seu raciocínio, a sua

inteligência. Deus nos deu a inteligência para que façamos bom uso dela, a fim de distinguirmos a verdade do erro.

Daí a urgente necessidade do diálogo inter-religioso, à luz da fé raciocinada, para se saber o que é verdade e o que é erro em assuntos religiosos doutrinários.

Ainda bem que, nos últimos tempos, os “dogmas cristãos”, rotulados pelos teólogos cristãos liberais/pluralistas de “mitos cristãos”, tradicionalmente intocáveis, estão sendo cada vez mais discutidos e debatidos, até mesmo por famosos teólogos católicos. Lembro-me, por exemplo, que, no dia 8 de abril de 2007, vi e ouvi, no Programa Fantástico da Rede Globo de Televisão, o famoso teólogo e ex-padre católico John Dominic Crossan (idealizador e cofundador do Seminário de Jesus, autor de 26 livros sobre *O Jesus Histórico*), sendo entrevistado e afirmando que o dogma da ressurreição de Cristo deve ser interpretado *metaforicamente*, e não *literalmente*.

Nesse contexto, os dogmas cristãos constituem hoje sérios desafios para o diálogo inter-religioso, mas creio que é chegado o tempo de os cristãos sentirem a necessidade de dialogar abertamente (com os seguidores de outras religiões) sobre suas crenças religiosas dogmáticas e míticas.

Sem querer agredir a fé cristã dogmática (a qual merece todo o nosso respeito, como qualquer outra crença religiosa), nem diminuir o valor histórico do cristianismo e da Igreja Católica, mas apenas contribuir para o conhecimento da verdade que nos liberta (“*Conhecereis a verdade e a verdade vos libertará*”), argumento neste livro que é preciso distinguir o “Jesus histórico” (uma pessoa totalmente humana) do “Jesus mítico” (uma pessoa totalmente divina), o único Deus encarnado, o único filho de Deus, o único salvador da humanidade, pelo seu sangue derramado na cruz, o único que fundou uma nova e verdadeira religião e verdadeira igreja, o único que instituiu sete sacramentos indispensáveis à salvação, o único que ressuscitou fisicamente, o único que subiu ao céu fisicamente, de onde retornará fisicamente para julgar a humanidade, enviando os bons para o céu os maus para o inferno.

Argumento neste meu 8º livro ecumênico que esses mitos precisam ser urgentemente discutidos e reavaliados na mesa do diálogo inter-religioso, pois os dogmas (ou mitos) cristãos não são verdades religiosas absolutas, instituídas pelo Jesus histórico, mas pelo Jesus mítico (ou mitológico).

Fortaleza, 15 de maio de 2012
José Pinheiro de Souza



INTRODUÇÃO

Convicto da necessidade atual do diálogo entre as religiões, reafirmo que escrevi este meu 8º livro ecumênico (“O Jesus Histórico e o Mítico: desafio para o diálogo inter-religioso”), a fim de incentivar o diálogo religioso entre os cristãos dogmáticos e os seguidores de outras religiões a respeito da fundamental distinção entre o Jesus histórico e o mítico.

Essa mesma distinção já vem sendo feita há mais de 200 anos. A partir do final do século 18, com o surgimento dos estudos histórico-críticos dos Evangelhos, tornou-se comum fazer uma distinção muito constrangedora para a maioria dos cristãos entre o “Jesus histórico” e o “Cristo da fé” (chamado neste livro de “**Jesus mítico**”). O “**Cristo da fé**” é também chamado de “**Cristo confessional**”, “**Jesus canônico**”, “**Cristo cósmico**” e “**Jesus mítico**”), o próprio Deus encarnado, o único Filho de Deus, nascido por obra e graça do Espírito Santo, o único mediador entre Deus e os homens, uma figura celeste, o Filho Unigênito de Deus, o único salvador da humanidade pecadora (mediante sua morte e ressurreição), o único Messias, o único Senhor e o fundador de uma nova e verdadeira religião (ou igreja).

Os próprios cristãos pesquisadores, particularmente os protestantes liberais, começaram a postular, ao longo dos seus estudos, que se trata de dois personagens distintos, ou melhor, de **duas maneiras antagônicas de ver a mesma pessoa de Jesus**: o “Cristo da fé”, visto como uma figura celeste a quem se atribui um papel mítico, sendo o próprio Deus que se encarnou miraculosamente no ventre de Maria, para salvar a humanidade, que fundou uma nova religião e uma igreja exclusivistas, e o “Jesus histórico”, visto como um personagem real, uma pessoa inteiramente humana, um profeta (um sábio), que nunca atribuiu a si mesmo os títulos míticos e exclusivistas de único Deus encarnado ou de único salvador da humanidade, mas que veio ensinar ao homem uma forma de vida capaz de o libertar do mal e conquistar o Reino de Deus, **mediante a vivência de um código de leis**

morais universais, resumido no chamado *Sermão da Montanha* (Mateus 5-7).

Diante das concepções contraditórias acerca da pessoa de Jesus, defendo a tese de que o **Jesus (ou Cristo) histórico (uma pessoa totalmente humana)** é o **Jesus real – o Verdadeiro Jesus de Nazaré** – um dentre os muitos mensageiros de Deus, enviado à Terra para pregar um código de moral (ou de ética) universal, resumido na lei do amor, a única forma de religiosidade (ou de espiritualidade) capaz de unir todas as pessoas e todas as crenças, e cuja prática é realmente indispensável para a evolução espiritual da humanidade. Somente a prática do amor-caridade nos fará evoluir espiritualmente.

Quanto ao meu interesse pelo **Jesus histórico**, esclareço ao leitor que a questão que domina os estudos do Novo Testamento nos últimos dois séculos, e principalmente nas últimas décadas, se relaciona sobretudo com a distinção, feita desde o final do século 18, entre o “Jesus histórico”, **uma pessoa inteiramente humana**, e o “Jesus mítico” (ou “Cristo da fé”), **uma pessoa totalmente divina, celeste** (com duas naturezas: **a divina e a humana**).

Mais explicitamente, o “Jesus histórico” é visto como uma figura apenas humana, que nasceu de um parto normal, como qualquer um de nós, enquanto o “Jesus mítico” (ou “Cristo da fé”) é visto como uma figura divina, celeste, Deus encarnado, nascido de um parto virginal e miraculoso (por obra e graça do Espírito Santo), o único salvador da humanidade, que veio à Terra para sofrer e morrer na cruz para pagar os nossos pecados, que ressuscitou ao terceiro dia, que subiu fisicamente ao céu, de onde retornará no fim do mundo para julgar a humanidade, enviando os bons para o céu e os maus para o inferno eterno.

Diante desses dois modos antagônicos de ver Jesus (o Jesus histórico e o mítico), todo mundo pergunta:

– Qual é, então, o verdadeiro Jesus? Jesus não é um só?

E eu respondo:

– Sim, Jesus é um só, mas há maneiras antagônicas de vê-lo. É como a polêmica em torno do ex-presidente Lula. Há aqueles que sempre o julgavam como o melhor presidente que o Brasil já

teve, e há os que o consideravam uma tragédia! Do mesmo modo, enquanto a grande maioria dos cristãos vê Jesus como um personagem mítico, divino, celeste, Deus encarnado, o único “Filho de Deus”, o único “Salvador” da humanidade, existem muitos outros cristãos que o veem como uma pessoa inteiramente humana, um sábio, um profeta, que nunca declarou ser literalmente “Deus”, nem “Filho de Deus”, nem o único “Salvador” da humanidade. Este é o chamado “Jesus histórico”.

O pioneiro na investigação do “Jesus histórico” foi o professor alemão Hermann Samuel Reimarus (1697-1768), o qual começou a descobrir que o Jesus real (o “Jesus histórico”) não é a pessoa a respeito de quem os Evangelhos canônicos (Mateus, Marcos, Lucas e João) informam, uma vez que os Evangelhos não estão interessados em narrar história, mas em expor as ideias teológicas de seus autores.

Para Reimarus, então, o cristianismo havia dado uma ênfase equivocada e incorreta sobre a pessoa do Jesus, pois ele não foi uma figura literalmente divina, celeste (com duas naturezas), mas um mestre (um profeta, um sábio) religioso, puramente humano.

Reimarus é membro do **grupo dos protestantes liberais**, que, há mais de 200 anos, se interessa cientificamente pelo estudo crítico da Bíblia, particularmente em busca do “Jesus histórico”.

Para atingir tal objetivo, esse grupo, a partir dos próprios relatos evangélicos, procura separar a parte autenticamente histórica dos aspectos fictícios (dogmáticos ou míticos). Esse grupo é pluralista, aberto ao diálogo e fundamentado na chamada “**fé racionalista**” (muito semelhante à “**fé raciocinada**” kardeciana).

Depois de Reimarus, surgiu o genial protestante liberal (alemão) David Friedrich Strauss (1808-1874), o qual deu forte continuidade ao esforço de Reimarus, em busca do Jesus histórico.

Foi com Strauss que surgiu, no século 19, o conceito de “mitos cristãos”, com o lançamento de sua obra revolucionária, em 1835, quando tinha apenas 27 anos, intitulada *Vida de Jesus – Análise Crítica* (no original, *Das Leben Jesu Kritisch Bearbeitet*).

Nas palavras do teólogo católico Pe. Caetano Minette deTillesse,

Strauss marca uma distinção clara, dura, genial, entre os acontecimentos “históricos” e as reinterpretações que a eles se acrescentaram. Strauss batiza esses acréscimos de “**mitos**”, palavra que se tornará “clássica” na pesquisa protestante liberal [...] O “mito” falado por Strauss, e reassumido com tanto entusiasmo por toda a pesquisa protestante liberal, corresponde àquilo que os mesmos protestantes chamavam de “**dogma**” (TILESSE, 1988, p. 7) (negrito meu).

Mais explicitamente, Strauss fez nos Evangelhos uma clara distinção entre **elementos míticos e históricos**, definindo os primeiros como algo lendário ou sobrenatural. A tempestade que irrompeu sobre as 1400 páginas de análise minuciosa custou-lhe a perda de seu primeiro emprego como professor de um seminário em Tübingen. Seus críticos o perseguiram até o ano de sua morte, em 1874.

Strauss, no dizer dos autores do *Dicionário Enciclopédico das Religiões* (DER), “**considerava a história evangélica como um mito, surgindo da ideia preconcebida que o povo judeu tinha do Messias**. A tese suscitou grande escândalo no clero alemão” (DER, verbete **Strauss, David Friedrich**) (negrito meu).

Ao rotular os “dogmas” do cristianismo (principalmente os do catolicismo) de “mitos”, Strauss foi terrivelmente perseguido, mas seu pensamento continua vivo até hoje, através de seus inúmeros seguidores, principalmente os atuais filósofos e teólogos liberais e pluralistas cristãos, como o famoso escritor inglês John Hick, o maior filósofo e teólogo pluralista do mundo atual, com dezenas de obras publicadas, quase todas defendendo a tese de que os dogmas fundamentais do cristianismo tradicional, como o da filiação divina natural de Jesus e o da encarnação de Deus em Jesus, são mitos cristãos e não verdades históricas absolutas (cf. HICK, 1977).

Os estudos racionalistas vêm causando, desde o final do século 18, uma verdadeira revolução na interpretação do cristianismo. Nesse sentido, convém destacar a grande contribuição da Doutrina Espírita, codificada por Allan Kardec, na segunda metade do século 19, mediante as seguintes obras: 1) “O Livro dos Espíritos” (1857); 2) “O Livro dos Médiuns” (1861); 3) “O Evangelho Segundo o Espiritismo” (1864); 4) “O Céu e o Inferno” (1865) e 5) “A Gênese” (1868).

No dizer do escritor espírita J. Herculano Pires, em sua obra “Revisão do Cristianismo”,

os estudos e as pesquisas de tipo universitário, independentes da Igreja, desde Renan a Guignebert, paralelamente com as pesquisas e estudos espíritas, promoveram em nosso tempo, a partir de meados do século 19, a revisão universal do Cristianismo. Renan e Kardec iniciaram essa revisão na mesma época, na segunda metade do século 19, tendo Kardec uma precedência de dez anos e pouco sobre Renan no trato do assunto (PIRES, 1977, p. 9).

Em oposição ao grupo dos **protestantes liberais**, que fazem a distinção entre o “Jesus histórico e o mítico” (ou “Cristo da fé”), surgiu, a partir do final do século 19, o grupo da chamada **neo-ortodoxia protestante**, liderado por Karl Barth (1886-1968), teólogo protestante suíço, e Rudolf Bultmann (1884-1976), teólogo protestante alemão.

Esse grupo, diferentemente do grupo dos protestantes liberais, tenta suprimir qualquer interesse real pelo Jesus histórico, justificando que a busca do Jesus histórico não é condição para assegurar a fé dos cristãos, uma vez que não é o Jesus histórico o objeto do querigma (ou seja do *anúncio*), mas o Cristo ressuscitado. Logo, basta o testemunho de fé da Igreja nascente no Cristo ressuscitado.

Bultmann, o maior líder desse grupo, sempre defendeu a ideia de que os Evangelhos, se interpretados literalmente, nada mais são que uma coleção de mitos. Por isso, alega, basta “confiar” (ter “fé-confiança”) no testemunho de fé da Igreja nascente no “Cristo ressuscitado” (cf. ELIADE, 2006, p. 142; BULTMANN, 2004).

Um outro famoso teólogo e filósofo desse mesmo grupo (da neo-ortodoxia protestante) foi o alemão Albert Schweitzer (1875-1965), o qual passou a insistir na ideia de que os Evangelhos são documentos puramente teológicos e não históricos. Portanto, eles não contêm informações confiáveis acerca do Jesus histórico. Em 1906, Schweitzer publicou o livro *A Busca do Jesus Histórico* (*The Quest of the Historical Jesus*), obra que o tornou mundialmente famoso.

Seguindo a linha da neo-ortodoxia protestante, Albert Schweitzer reage criticamente contra 251 autores que escreveram sobre o Jesus histórico, desde o tempo de Reimarus até o seu próprio tempo. Ele conclui que um estudo crítico do Jesus histórico “é impossível, simplesmente porque não possuímos fontes históricas, cientificamente inquestionáveis” (apud TILESSE, 1988, p. 19).

Por quase cinco décadas (1920-1970), a grande maioria dos teólogos seguiu a tese de Albert Schweitzer (e dos demais teólogos da neo-ortodoxia protestante) contra a busca do “Jesus histórico”.

Mas, apesar das duras críticas de Albert Schweitzer e dos demais teólogos da neo-ortodoxia protestante contra a busca do “Jesus histórico”, existe hoje em todo o mundo um crescente esforço em busca do “Jesus histórico”, principalmente por parte dos pesquisadores do **Seminário de Jesus** (*The Jesus Seminar*). Mas o que é o Seminário de Jesus?

O Seminário de Jesus (SJ) é uma instituição de pesquisadores, iniciada há 27 anos, em 1985, nos Estados Unidos, fundada pelo americano Robert W. Funk e pelo historiador e ex-padre católico irlandês John Dominic Crossan, que vem dando plena continuidade à pesquisa em busca do “Jesus histórico”.

O Seminário de Jesus não é uma religião, mas é uma instituição ecumênica (aberta ao diálogo inter-religioso).

Embora Robert W. Funk tenha falecido em 2005, o Seminário de Jesus continua existindo, sob a liderança de seu idealizador e cofundador, John Dominic Crossan, considerado o PAPA DO JESUS HISTÓRICO, Professor emérito da Universidade DePaul, Chicago (EUA), autor de 26 livros sobre o Jesus histórico, considerado o maior especialista do mundo em estudar o Novo Testamento com olhar de historiador.

O Seminário de Jesus (SJ) é uma instituição composta por cerca de 70 pesquisadores, altamente qualificados, que, há 27 anos, se dedicam à investigação científica dos Evangelhos, em busca das palavras e ações autênticas de Jesus.

Em 2007, realizou-se no Brasil (na UFRJ) o primeiro Seminário Internacional do Jesus Histórico, com a participação de seu idealizador e cofundador John Dominic Crossan.

O SJ é uma reação à neo-ortodoxia protestante, que tentou suprimir qualquer interesse real pelo Jesus histórico ao longo de aproximadamente cinco décadas (1920-1970), e dá plena continuidade ao trabalho dos protestantes liberais, sendo mesmo considerado um verdadeiro “renascimento” dos estudos evangélicos em busca do Jesus histórico.

Conheci obras do SJ, alguns anos antes de ter lido as obras de Allan Kardec. Por isso, esclareço ao leitor deste livro que o conteúdo de minhas obras ecumênicas, sobretudo no que diz respeito à interpretação crítica dos Evangelhos sobre a verdadeira identidade (ou natureza) do Jesus histórico, baseia-se, em grande parte, na pesquisa científica do SJ, publicada sobretudo nestes dois grandes livros: 1) FUNK, Robert W.; HOOVER, Roy W., & THE JESUS SEMINAR. *The Five Gospels: what did Jesus really say? The search for the authentic words of Jesus*. New York: Macmillan Publishing Company, 1993; 2) FUNK, Robert W., and THE JESUS SEMINAR. *The Acts of Jesus: what did Jesus really do? The search for the authentic deeds of Jesus*. New York: Harper Collins, and Harper San Francisco, 1998.

Os títulos desses dois maiores livros do SJ podem ter, respectivamente, a seguinte tradução para o português: 1) *Os Cinco Evangelhos: O Que Jesus Realmente Disse? (A Busca pelas Palavras Autênticas de Jesus)*; 2) *As Ações de Jesus: O Que Jesus Realmente Fez? (A Busca pelas Ações Autênticas de Jesus)*.

A primeira grande obra do SJ é intitulada “Os Cinco Evangelhos” porque ela inclui o “Evangelho apócrifo de Tomé”, considerado pelo SJ como uma rica fonte de material sobre o Jesus histórico.

Além dessas duas obras fundamentais, o SJ publicou, em 1999, o livro *The Gospel of Jesus* (“O Evangelho de Jesus”) (FUNK, Robert W. & The Jesus Seminar, 1999).

Em forte reação aos três grupos anteriores (**os protestantes liberais, os teólogos da neo-ortodoxia protestante e os pesquisadores do Seminário de Jesus**), existe um quarto grupo, o dos chamados **cristãos fundamentalistas**, que dá plena continuidade, de maneira muito mais radical, à velha postura

tradicional, anterior ao último quartel do século 18, de interpretar todos os textos bíblicos em “chave histórica”, ou seja, de interpretar a Bíblia de maneira literal e exclusivista, como “Palavra de Deus”, inquestionável, isenta de qualquer erro ou mentira. Esse grupo obviamente guia-se por uma “fé totalmente cega”, sendo, portanto, radicalmente exclusivista e fechado a qualquer tipo de diálogo ecumênico ou inter-religioso.

Nas palavras do renomado teólogo católico Leonardo Boff,

a tese dos fundamentalistas no âmbito religioso é afirmar que a Bíblia constitui o fundamento básico da fé cristã e deve ser tomada ao pé da letra (o fundamento de tudo para a fé protestante é a Bíblia). Cada palavra, cada sílaba e cada vírgula, dizem os fundamentalistas, é inspirada por Deus. Como Deus não pode errar, então tudo na Bíblia é verdadeiro e sem qualquer erro. Como Deus é imutável, sua Palavra e suas sentenças também o são. Valem para sempre (BOFF, 2002, p. 13).

O Seminário de Jesus adota os seguintes **sete pilares** (ou **sete colunas**) da moderna pesquisa crítica sobre o Jesus histórico (cf. FUNK, HOOVER & THE JESUS SEMINAR, 1993, p. 2-5):

- 1) O primeiro pilar é a distinção fundamental entre o “Jesus histórico” e o “Cristo da fé” [chamado neste livro do “Jesus mítico”], feita desde o século 18, por Reimarus, e desde o século 19, por Strauss;
- 2) O segundo pilar consiste no reconhecimento dos Evangelhos sinópticos (Mateus, Marcos e Lucas) como mais próximos do Jesus histórico do que o Evangelho de João, que quase nada apresenta sobre o “Jesus histórico”, mas sobre o “Cristo da fé”;
- 3) O terceiro pilar é o reconhecimento do Evangelho de Marcos (escrito por volta do ano 70 d.C.) como anterior ao de Mateus e ao de Lucas;
- 4) O quarto pilar é o reconhecimento do Evangelho de Marcos como a fonte básica para o de Mateus e o de Lucas (que são revisões e ampliações do Evangelho de Marcos);

- 5) O quinto pilar é a identificação da hipotética Fonte Q (do alemão *Quelle*), utilizada tanto por Mateus como por Lucas (além da dependência de ambos do Evangelho de Marcos);
- 6) O sexto pilar consiste na rejeição do **Jesus escatológico apocalíptico** (mas não do **Jesus escatológico sapiencial**), ou seja, para os pesquisadores do SJ, o Jesus histórico não foi um “pregador escatológico apocalíptico”, no sentido de pregar que o fim iminente e cataclísmico do mundo estava bem próximo, em que Deus interviria de maneira iminente e cataclísmica, através de seu Filho Jesus Cristo, para julgar a humanidade, enviando os bons para o céu e os maus para o inferno eterno, profecia essa que nunca se cumpriu (nem se cumprirá), mas a mensagem central do Jesus histórico, na opinião de John Dominic Crossan, idealizador e cofundador do Seminário de Jesus, foi a de ser um “pregador escatológico sapiencial”, no sentido de envolver “um modo de vida para agora, em vez de uma esperança de vida para o futuro. [...] **Na escatologia apocalíptica, estamos esperando que Deus aja. Na escatologia sapiencial, Deus está esperando que nós ajamos**” (CROSSAN, 1995, p. 65-67) (negrito meu).
- 7) O sétimo e último pilar consiste no fato de que os Evangelhos são vistos pelos integrantes do SJ muito mais como narrativas teológicas sobre o “Cristo da fé” [chamado neste livro de “Jesus mítico”] do que como fatos históricos reais sobre o “Jesus histórico”. Os pesquisadores do SJ chegam a concluir que apenas 18% (dezoito por cento) do total de palavras atribuídas a Jesus nos Evangelhos podem ser realmente consideradas autênticas e que apenas 16% (dezesesseis por cento) do total de ações a ele atribuídas nos Evangelhos podem ser, de fato, consideradas autênticas, ou seja, aproximadamente 82% das palavras e 84% das ações atribuídas a Jesus nos Evangelhos não são verdades históricas, mas crenças cristãs (cf. FUNK & THE JESUS SEMINAR, 1998, p. 1).

Ainda a respeito do sexto pilar, sobre a rejeição do **Jesus apocalíptico**, pelos pesquisadores do SJ, esclareço ao leitor

que essa crença é igualmente rejeitada pela Doutrina Espírita, segundo a qual a humanidade não terá um fim, mas uma *transformação*, na época de sua *regeneração*. Será o fim do mundo velho, a decadência das ideias antigas. De acordo com os integrantes do SJ, o Jesus histórico não foi um pregador da “escatologia apocalíptica”, mas foi um pregador da “escatologia sapiencial”. Crossan distingue, no Novo Testamento, “escatologia apocalíptica” (como a de João Batista, a de Paulo de Tarso e a do Jesus mítico ou “Cristo da fé”) de “escatologia sapiencial” (**a mensagem central do Jesus histórico**) nos seguintes termos:

- 2) A *escatologia apocalíptica* anuncia que Deus fez a nós somente (algum grupo específico) uma revelação especial e secreta sobre uma intervenção divina iminente e cataclísmica para restaurar a paz no mundo desordenado [...]; **a escatologia sapiencial é o que, finalmente, se tornou a mensagem central de Jesus [do Jesus histórico]** [...] Envolve um modo de vida para agora, em vez de uma esperança de vida para o futuro (CROSSAN, 1995, p. 65-67) (Negrito meu).

Este meu 8º livro ecumênico (“O Jesus histórico e o mítico: desafio para o diálogo inter-religioso”) está estruturado em 100 perguntas e respostas, quase todas extraídas e adaptadas de meus livros ecumênicos anteriores, referentes à distinção (feita desde o século 18) entre o “Jesus histórico” e o “Cristo da fé” (chamado neste livro de “o Jesus mítico”).

Mas o que é o “Jesus mítico”? E o que é “mito”?

A palavra “mito” pode ter muitos sentidos e, até hoje, ainda não existe consenso na literatura religiosa sobre o seu conceito.

“Platão opunha o mito (*mythos*), enquanto mentira, ao *logos* que exprime a verdade” (BRUNEL, *Dicionário de Mitos Literários*, p. xv).

Segundo o escritor romeno Mircea Eliade (um dos maiores especialistas em mitologia), a palavra “mito” é

hoje empregada tanto no sentido de “ficção” ou “ilusão”, como no sentido – familiar sobretudo aos etnólogos,

sociólogos e historiadores das religiões – de “tradição sagrada, revelação primordial, modelo exemplar” (ELIADE, 2006, p. 7-8).

John Hick, o maior filósofo e teólogo pluralista do mundo, define “mito” nos seguintes termos:

Um mito é uma história contada, mas não é literalmente verdadeira; é uma ideia ou uma imagem que é aplicada a alguém ou a alguma coisa, mas não pode ser literalmente interpretada, pois quer somente despertar uma atitude particular nos seus ouvintes (HICK, 1977, p. 178) (negrito meu).

Sem querer agredir a fé cristã tradicional (a qual merece todo o nosso respeito), nem diminuir o valor histórico do cristianismo e da Igreja Católica, mas apenas contribuir para o conhecimento da verdade que nos liberta (“*Conhecereis a verdade e a verdade vos libertará*”), adoto em meus livros ecumênicos esses quatro sentidos de mito, uma vez que um sentido não exclui necessariamente o outro:

- 1) o conceito platônico de “mito” como “mentira”;
- 2) o seu conceito moderno de “ficção” ou “ilusão”;
- 3) o seu conceito proposto por Hick de uma história (uma crença, uma doutrina) que não pode ser literalmente interpretada e
- 4) o sentido arcaico de mito como “tradição sagrada, revelação primordial, modelo exemplar” (ELIADE, 2006, p. 8).

Embora ainda não haja consenso na literatura religiosa sobre o conceito de “mito”, os estudiosos das religiões são unânimes em declarar que os “mitos” fizeram (ou fazem) parte de todas as religiões, logo o cristianismo não pode ter a pretensão de ser uma religião sem mitos.

Mas qual é a diferença entre “verdade mítica” e “verdade histórica”? O consenso que parece existir entre os teólogos liberais e pluralistas cristãos é que não devemos confundir “mitos” com “acontecimentos históricos” (no sentido moderno de “história”, como narração de fatos reais, e não de acontecimentos

imaginários), nem tampouco confundir **sentido literal** com **sentido figurado** da linguagem humana.

Com base nos sentidos de “mito” acima definidos, esclareço ao leitor deste livro que emprego nele a expressão o “Jesus mítico” no sentido de pessoa totalmente divina, celeste, nascida de um parto virginal e miraculoso, o único salvador da humanidade, o único Deus encarnado deste planeta Terra, o único Filho de Deus, o único que fundou a verdadeira religião deste planeta etc. Os “mitos cristãos”, na concepção dos teólogos cristãos liberais/pluralistas (que sigo), são as crenças (os dogmas) e os relatos bíblicos irracionais do cristianismo e que, portanto, contradizem a razão, a lógica, a ciência e o bom-senso. Um exemplo claro de um mito cristão é o dogma da encarnação miraculosa e divina de Jesus, cujo caráter mítico é bem expresso pelo teólogo cristão pluralista John Hick nos seguintes termos:

Eu sugiro que seria melhor expressar o caráter desta doutrina como **uma ideia mitológica**. E eu uso o termo mito no seguinte sentido: **um mito é uma história contada, mas não é literalmente verdadeira**; é uma ideia ou uma imagem que é aplicada a alguém ou a alguma coisa, mas não pode ser literalmente interpretada, **pois quer somente despertar uma atitude particular nos seus ouvintes**. [...] Portanto, **a afirmação de que Jesus foi Filho encarnado de Deus não pode ser considerada uma verdade literal** (HICK, 1977, p. 178) (negrito meu).

Com base nas concepções de **mito** e de **mitos cristãos**, fornecidas pelos teólogos liberais e pluralistas, são, portanto, “mitos cristãos” todos os conceitos metafóricos/antropomórficos de Deus, tais como: Deus é Pessoa, Deus é Pai, Deus é Filho, Deus é uno e trino, bem como os conceitos cristológicos: Cristo é Deus, Cristo é Pessoa Divina, Cristo é literalmente Filho de Deus, Cristo é literalmente Deus encarnado, Cristo nasceu miraculosamente por obra e graça do Espírito Santo, além de outras doutrinas cristãs, como: Maria é Mãe de Deus, Jesus ressuscitou fisicamente (mito da ressurreição dos mortos), subiu ao céu fisicamente e retornará fisicamente no fim do mundo para julgar a humanidade, mandando os bons para o céu e os maus para o inferno eterno etc.

O termo “mito” é geralmente usado para expressar o modo arcaico e primitivo de o homem tentar explicar – de modo ilógico e irracional – a realidade que nos rodeia, como a origem do mundo, do homem, a nossa dependência do divino etc. O “mito”, no dizer de Bierlein (2003, p. 19), “é a primeira forma de ciência: especulação sobre a origem do mundo”.

O mito é a primeira tentativa tateante de explicar *como* as coisas acontecem, o ancestral da ciência. Também é a tentativa de explicar *por que* as coisas acontecem, na esfera da religião e da filosofia. É uma história da *pré*-história, nos dizendo o que teria acontecido antes da história escrita. É a mais antiga forma de literatura, frequentemente uma literatura oral (id. *ibid.*).

Quero concluir esta Introdução, fazendo um resumo das principais distinções, que serão abordadas neste livro, entre o “Jesus histórico e o Jesus mítico”, bem como a distinção entre duas modalidades antagônicas de cristianismo (“o cristianismo do Jesus histórico” e “o cristianismo do Jesus mítico”, também chamado de “o cristianismo dos cristãos”).

Segundo a famosa distinção entre o “Jesus histórico” e o “Jesus mítico” (feita desde o final do século 18), o “Jesus mítico” é literalmente visto como “Deus encarnado”, o único “Filho de Deus” e único “Deus o Filho” (Segunda Pessoa da Santíssima Trindade), que nasceu miraculosamente, de um parto virginal, por obra e graça do Espírito Santo, enquanto o “Jesus histórico” é visto como uma pessoa inteiramente humana, que nasceu de um parto normal como qualquer um de nós. O “Jesus mítico” é visto como o único salvador da humanidade, enquanto o Jesus histórico é visto como um salvador, ou melhor, como um libertador, ao lado de muitos outros. O “Jesus mítico” é interpretado literal e dogmaticamente como o único “Filho de Deus” que morreu na cruz para nos salvar de nossos pecados (incluindo o pecado original cometido pelos nossos primeiros pais, Adão e Eva), enquanto o “Jesus histórico” não é visto como alguém que morreu para nos redimir de nossos pecados, nem do “pecado original”, pois esse tal de “pecado original” nunca existiu e nós não descendemos de Adão e Eva, como comprova a ciência. O “Jesus mítico” fundou uma nova religião ou igreja, enquanto o “Jesus

histórico” não fundou nenhuma religião ou igreja, mas apenas nos ensinou um código de moral (ou de ética) universal, resumido na lei do amor, a única forma de religiosidade (ou de espiritualidade) capaz de unir a todos. O “Jesus mítico” instituiu sete sacramentos (indispensáveis à salvação), enquanto o “Jesus histórico” não instituiu nenhum sacramento. O “Jesus mítico” é um personagem superexclusivista, enquanto o “Jesus histórico” é um personagem altamente pluralista. O “Jesus mítico” ressuscitou fisicamente, subiu ao céu fisicamente, de onde retornará fisicamente para julgar a humanidade, enviando os bons para o céu e os maus para o inferno eterno, enquanto nada disso aconteceu (ou acontecerá) com o “Jesus histórico”. O “Jesus mítico” pregou que o inferno eterno existe, enquanto o “Jesus histórico” nunca falou da existência de penas eternas. O “Jesus mítico” fez “milagres” que supostamente anulam as leis da natureza, tais como: ressuscitar mortos, transformar água em vinho, multiplicar pães e peixes, andar sobre as águas, transformar o pão em seu corpo e o vinho em seu sangue, enquanto nada disso foi feito pelo “Jesus histórico”.

Com relação aos dois cristianismos, argumento meus livros ecumênicos (com muitos outros autores) que é preciso distinguir dois cristianismos, ou duas modalidades antagônicas de ver o cristianismo: **o cristianismo racional, pluralista e unificador do Jesus histórico** (o chamado “cristianismo das origens”) e **o cristianismo irracional, exclusivista, divisionista e mítico dos cristãos** (o qual é mais muito mais baseado em dogmas ou em mitos do que em fatos históricos). Esta segunda modalidade de cristianismo, supostamente fundada pelo “Cristo da fé” (chamado neste livro de “Jesus mítico”) é considerada pelos cristãos dogmáticos como a única religião verdadeira deste planeta, a única religião que nos salva (pela fé em Cristo morto e ressuscitado). Foi esse cristianismo exclusivista, dogmático e mítico que se tornou (no final do século IV) a religião oficial do Império romano e continua até hoje sendo a religião dominante deste planeta.

Repito que há, de fato, dois cristianismos: O cristianismo do Jesus histórico e o do Jesus mítico , também chamado de “Cristianismo mítico dos cristãos”. O cristianismo racional e pluralista de Jesus histórico, também chamado de “o cristianismo das

origens”, não é uma nova religião ou seita (nem uma igreja), mas **um código de moral (ou de ética) universal, resumido na lei do amor**, autenticamente ensinado e vivenciado pelo Jesus histórico, “o terreno onde todos os cultos podem se reencontrar, a bandeira sob a qual todos podem se abrigar, quaisquer que sejam suas crenças, porque jamais foi objeto de disputas religiosas, sempre e por toda parte levantadas pelas questões de dogma” (KARDEC, *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, Introdução, 1º parágrafo), enquanto o cristianismo irracional, exclusivista, dogmático e mítico dos cristãos, é um credo religioso, antigo caracterizado, sobretudo, por um conjunto de dogmas (ou de mitos) exclusivistas e divisionistas, fragmentado em centenas de igrejas, seitas e denominações, objeto de inúmeras controvérsias e de numerosos conflitos ao longo de sua história, originalmente fundado, não por Jesus de Nazaré (o Jesus histórico), mas por Paulo de Tarso, daí ser também chamado de “**paulinismo**” e de “**cristianismo mítico**”, uma vez que é fundamentado muito mais em mitos (literalmente interpretados) do que em fatos históricos.

O cristianismo racional e pluralista do Jesus histórico, repito, é a única forma de religiosidade (ou de espiritualidade) capaz de unir todas as pessoas e todas as crenças deste planeta, enquanto o cristianismo do Jesus mítico, irracional, dogmático, exclusivista e mítico dos cristãos nunca teve (nem terá jamais) condições de unir a cristandade e a humanidade.

Infelizmente, o cristianismo que dominou a História por mais de dois mil anos foi o cristianismo irracional, mítico e exclusivista dos cristãos, e não o cristianismo racional e pluralista do Jesus histórico, o qual só tem um mandamento, **A PRÁTICA DO AMOR: “Isto vos ordeno: amai-vos uns aos outros”** (João 15,17). **“Nisso conhecerão todos que sois meus discípulos [isto é, que sois “cristãos”], se tiverdes amor uns pelos outros”** (João 13,35) (negrito meu).



AS 100 PERGUNTAS E RESPOSTAS

1 - JESUS NASCEU DE UM PARTO VIRGINAL E MIRACULOSO?

O Jesus mítico, sim; não, porém, o Jesus histórico. A passagem evangélica, expressa no Evangelho de Mateus (cf. Mateus 1,18), diz que Maria engravidou pelo Espírito Santo, ou seja, que Jesus não nasceu de um parto normal, como qualquer um de nós, mas nasceu de um parto virginal e miraculoso, por obra e graça do Espírito Santo. Esta passagem evangélica nada tem a ver com o nascimento do Jesus histórico, mas com o nascimento do Jesus mítico (ou mitológico, também chamado de “Cristo de fé”). Não é esta visão mítica e irracional que defendo em meus livros ecumênicos, uma vez que não é uma verdade histórica absoluta sobre o nascimento real de Jesus histórico, mas é uma metáfora, ou melhor, um mito, atribuído igualmente a inúmeros outros personagens importantes da história deste planeta que nasceram muito tempo antes de Jesus. Defendo a tese (com muitos autores) de que o Jesus histórico nasceu de um parto normal, como qualquer um de nós.

Mais precisamente, a crença literal no nascimento virginal e miraculoso de Jesus, mesmo tendo grande significação espiritual para os cristãos paulinistas, não é um fato histórico, de acordo com as pesquisas atuais de todos os estudiosos críticos do cristianismo. Historicamente, o Jesus histórico nasceu do mesmo modo natural como qualquer um de nós. Afirmar que ele nasceu miraculosamente, por obra e graça do Espírito Santo, refere-se ao Jesus mítico, pois é uma verdade mítica que tem um grande valor espiritual para alimentar a fé dogmática e mítica dos cristãos, mas não é uma verdade histórica, é uma mentira sobre o Jesus histórico, que, interpretada literalmente, gera muita discriminação entre os cristãos dogmáticos e os membros de outras religiões.

Como afirmam todos os historiadores das religiões, o mito de partos virginais e miraculosos é antiquíssimo, encontrando-se em muitas religiões anteriores ao cristianismo e que, segundo os

historiadores das religiões, nascer de uma mãe virgem significava, na antiguidade, que a criança seria um personagem importante. Por isso, os evangelistas, tendo que anunciar aos primeiros cristãos que o Jesus mítico era o Messias prometido pelos profetas ao povo de Israel, explicaram-no dizendo que ele nascera de uma mulher virgem, por obra e graça do Espírito Santo.

No dizer do renomado escritor espanhol Pepe Rodríguez, em seu referido livro *Mentiras Fundamentais da Igreja Católica*,

nascer de uma virgem fecundada por Deus foi um mito pagão difundido em todo o mundo antigo anterior a Jesus. [...] Quando o personagem *anunciado* era de primeira ordem, a mãe era sempre fecundada diretamente por Deus, através de um procedimento milagroso que, fosse ele qual fosse, confirmava claramente o mito da concepção virginal. [...] Todos os grandes personagens, tenham sido eles reis ou sábios – como, por exemplo, os gregos Pitágoras (570-490 a.C.) ou Platão (427-347 a.C.) –, ou se tenham tornado o centro de alguma religião e acabado por ser adorados como “filhos de Deus” (Buda, Krishna, Confúcio ou Lao Tsé) foram mitificados pela posteridade como filhos de uma virgem. Jesus, surgido muito depois, mas destinado a desempenhar um papel semelhante ao que os seus antecessores haviam desempenhado, não podia ter um estatuto inferior ao deles (RODRÍGUEZ, 2001, p. 98; 100-101; 103).

Para concluir a resposta da presente pergunta, reafirmo que é, de fato, uma grande mentira sobre o Jesus histórico, afirmar que ele nasceu miraculosamente, de um parto virginal, por obra do Espírito Santo. O Jesus histórico, repito, nasceu do mesmo modo natural, como qualquer um de nós.

2 - ISAÍAS 7,14 É PROVA DO NASCIMENTO VIRGINAL DE JESUS?

Do Jesus mítico, sim; não, porém, do Jesus histórico. Argumento que a famosa profecia de Isaías (Isaías 7,14), “A virgem ficará grávida e dará à luz um filho, e o chamará Emanuel [= Deus conosco]” (ver também Mateus, 1,23) nada tem a ver com o mito do nascimento virginal do Jesus histórico.

Mais explicitamente, quanto a essa famosa profecia de Isaías, que Mateus quis ver cumprida no suposto nascimento virginal de Jesus, esclareço, com o teólogo e ex-padre católico Franz GRIESE (GRIESE, 1957, p. 237-240), que essa profecia não se refere ao Jesus histórico, nem à sua mãe, mas ao próprio Isaías, que se casou com uma *jovem* (“almah” na versão original hebraica de Isaías), e não com uma *virgem* (como na tradução errada da versão grega dos Setenta de Isaías), da qual teve um filho, cujo nome, **Maer-Salal-Has-Baz** (que significa “Pronto-saque-próxima-pilhagem”), foi dado pelo próprio **Javé** (cf. Isaías 8,3), também chamado pelo profeta Isaías de **Emanuel (= Deus conosco)** (cf. Isaías 8,8 e 8,10). Além disso, a tradução de Mateus, “... e o chamarão com o nome de Emanuel” (Mateus 1,23), está totalmente errada, pois, no texto grego mais antigo de Isaías, como se encontra no Códice Sinaítico, a frase correta é esta: “**kai kalesei to onoma Immanuel**”, que significa: “**E Emanuel [=Javé] por-lhe-á o nome**”, com a forma verbal (**kalesei**) na 3ª pessoa do singular, e não na 3ª pessoa do plural (**kalesousin**), como erroneamente alterado e traduzido por Mateus, para provar que a referida profecia se referia ao Jesus histórico, nascido de um parto virginal e, por isso, chamado de **Emanuel (= Deus conosco)**, invertendo assim completamente o sentido do texto grego original de Isaías. Esse é, portanto, um exemplo clássico de texto bíblico mal traduzido e alterado para contemplar interesses cristãos (negritos meus).

3 - MATEUS 1,23 É PROVA DO NASCIMENTO VIRGINAL DE JESUS?

Do Jesus mítico, sim; não, porém, do Jesus histórico. Mateus, para defender o mito do nascimento virginal de Jesus, bem como o mito de sua divindade (Deus encarnado, **Deus conosco**), traduziu erroneamente a famosa profecia do profeta Isaías (Isaías 7,14): “A virgem ficará grávida e dará à luz um filho, e o chamará Emanuel”.

Eis a passagem de Mateus em que ele traduz e comenta erroneamente esse texto de Isaías:

“Tudo isto aconteceu para que se cumprisse o que o Senhor havia dito pelo profeta: *Eis que a virgem conceberá e dará à luz um filho e o chamarão com o nome de Emanuel*, o que traduzido significa: “Deus está conosco.” (Mateus 1,22-23)

Na Bíblia de Jerusalém, o versículo de Isaías (Isaías 7,14) é este: “Eis que **a jovem** concebeu e dará à luz um filho e por-lhe-á o nome de Emanuel” (negrito meu).

Nessa versão da Bíblia de Jerusalém, não aparece mais a palavra “virgem” da versão grega de Isaías (o texto dos Setenta), a qual já é uma tradução errada da versão original hebraica “almah”, que significa “moça”, “jovem”, “donzela”, o que significa dizer que o texto hebraico de Isaías não usa a palavra “virgem”, mas a palavra “almah”, que significa simplesmente “uma jovem”, sem nenhuma implicação de virgindade. O dogma do nascimento virginal do Jesus histórico é, portanto, produto desta tradução errada do termo “almah”, bem como dos outros erros cometidos por Mateus.

4 - JESUS NASCEU EM BELÉM?

O Jesus mítico, sim; não, porém, o Jesus histórico. Com base na distinção entre o Jesus histórico e o mítico, bem como em várias contradições nos Evangelhos, a respeito do nascimento do Jesus histórico, os especialistas atuais em história do cristianismo argumentam, com muita razão, que o Jesus histórico não nasceu em Belém, mas provavelmente em Nazaré.

O Jesus mítico, porém, ou seja, o Jesus da fé (cega/dogmática), nasceu em Belém, para fazer-se cumprir forçadamente a profecia de Miqueias do Antigo Testamento, a qual dizia que o esperado Messias nasceria em Belém: “Mas tu, (Belém), Éfrata, embora pequena entre os clãs de Judá, de ti sairá para mim aquele que será dominador em Israel. Suas origens são de tempos antigos, de dias imemoráveis” (Miqueias 5,1). A versão de Mateus é esta: “E tu, Belém, terra de Judá, de modo algum és o menor entre os clãs de Judá, pois de ti sairá um que será o guia que apascentará Israel, o meu povo” (Mateus 2,6).

A verdade histórica, porém, como atestam os estudiosos críticos do cristianismo, é que essa profecia não se refere ao

nascimento do Jesus histórico, em Belém, pois ele, como mostram as evidências históricas, não nasceu em Belém, mas, com muito mais probabilidade, em Nazaré.

A esse respeito, há contradições nos próprios Evangelhos acerca da cidade onde Jesus nasceu: enquanto para Mateus e Lucas, Jesus nasceu em Belém, para João, ele nasceu em Nazaré. O Evangelho de João afirma textualmente que os seguidores de Jesus ficaram surpresos com o fato de ele não ter nascido em Belém: “Diziam outros: ‘É este o Cristo!’ Mas alguns diziam: Porventura pode o Cristo vir da Galileia? A Escritura não diz que o Cristo será da linhagem de Davi e virá de Belém, a cidade de onde era Davi?” (João 7,41-42).

Embora Mateus e Lucas afirmem que Jesus nasceu em Belém, existe uma famosa contradição entre eles: enquanto para Mateus, Maria e José residiam em Belém, desde sempre, tendo ido morar em Nazaré só muito tempo depois do nascimento de Jesus, na volta do Egito, para onde tinham fugido do rei Herodes e do massacre dos inocentes, Lucas, porém, admite que Maria e José moravam em Nazaré antes de Jesus nascer, tendo ido para Belém, somente para cumprir a profecia de Miqueias, na época em que Quirino era governador da Síria, e quando César Augusto tinha ordenado a realização de um censo, e todo mundo tinha que ir “para a sua cidade”. José era supostamente “da casa e da linhagem de Davi” e, portanto, tinha de ir para a “cidade de Davi, que é chamada de Belém”.

Do ponto de vista histórico, é uma grande mentira afirmar que César Augusto ordenou a realização de um censo, e todo mundo tinha que ir “para a sua cidade”. Um recenseamento parcial, ordenado por Quirino, governador da Síria, realmente aconteceu, mas somente seis anos depois do suposto nascimento do Jesus mítico (ou Cristo da fé) em Belém, quando Herodes, o Grande, ainda era rei (cf. Mateus 2,16). Acontece que Herodes morreu no ano 4 antes de Cristo, portanto, cerca de uma década antes do recenseamento ordenado por Quirino. O Jesus histórico poderia ter nascido ao mesmo tempo no ano 6 da era cristã e no ano 4 antes da mesma era?

É um grande erro cristão acreditar que os romanos teriam exigido que José voltasse para a cidade de Belém, onde um ancestral remoto (o rei Davi) havia vivido um milênio antes.

A genealogia do Jesus mítico rastreada por Mateus e Lucas é muito contraditória: Enquanto para Mateus, a descendência de José do rei Davi é feita por 28 gerações intermediárias, Lucas fala em 41 gerações, sem que haja coincidências nos nomes das duas listas. De qualquer jeito, se o Jesus histórico nasceu mesmo de uma virgem, por obra e graça do Espírito Santo, conforme a crença mítica no nascimento virginal do Jesus mítico, os ancestrais de José seriam irrelevantes e não poderiam ser usados para fazer cumprir, a favor de Jesus, a profecia de Miqueias de que o Messias deveria ser descendente de Davi.

Em suma, as passagens de Mateus e de Lucas que narram o nascimento e a infância de Jesus não devem ser interpretadas ao pé da letra, como fatos históricos, mas como narrativas míticas e alegóricas. Dizer que Herodes mandou passar a fio de espada as crianças em Belém, com a finalidade de matar Jesus, é uma parábola, para afirmar que Jesus é o novo Moisés e Herodes é o novo faraó do Antigo Testamento (cf. John Dominic Crossan, Revista SUPER Interessante, edição 250, março/2008, p. 17-18).

5 - JESUS FOI O NOSSO “BODE EXPIATÓRIO”?

O Jesus mítico, sim; não, porém, o Jesus histórico. Abordarei nesta resposta o mito antigo e bárbaro do perdão de nossas faltas por meio da oferta de sacrifícios expiatórios a Deus, com o **derramamento de sangue da vítima**, rito esse praticado não somente pelo povo hebreu, mas por muitos outros povos mais antigos. Mediante esse velho rito mítico, seres humanos (principalmente heróis, crianças e moças virgens) eram sacrificados para agradar aos deuses e obter deles favores e perdão dos pecados. Foi esse mito que gerou a doutrina cristã mítica da salvação defendida por Paulo de Tarso e pelo cristianismo dogmático, ou seja, “Paulo diz que os pecados são perdoados se a pessoa acreditar que Jesus morreu na cruz por ela. **É a doutrina da salvação em que o herói derrama seu sangue e todos são perdoados por causa dele**” (VASCONCELOS, Yuri. O Homem

que inventou Cristo. *SUPER* Interessante. Edição 195, dez, 2003) (negrito meu).

Com o passar dos tempos, animais (como bois, bodes, cordeiros, ovelhas e pombas) substituíram os seres humanos nos sacrifícios expiatórios.

No judaísmo, anualmente, no Dia da Expição dos Pecados, conforme Levítico 16, um bode era sacrificado como oferecimento pelos pecados dos judeus e outro bode era enviado ao deserto, conduzindo os pecados do povo hebreu.

Foi sobretudo esse mito judaico do “bode expiatório” que deu origem à doutrina cristã dogmática (paulinista) da “expição” do “pecado original” pelo sacrifício de Cristo na cruz, ou seja, Jesus (o mítico) passou a ser interpretado como o bode (ou o cordeiro) expiatório final e definitivo pelos pecados de todos os seres humanos deste planeta.

Mais explicitamente, o Jesus mítico sempre foi visto pelos cristãos dogmáticos (paulinistas) como a personificação da prática mítica antiga de transferir os pecados de um grupo para um animal ou para um bode expiatório humano, que seria banido ou mesmo sacrificado como meio de expurgar as faltas cometidas pelos membros da sociedade.

Esse animal, ou ser humano, era algumas vezes revestido de divindade e, assim, um homem-deus podia morrer como um bode expiatório e transformar-se num “redentor”. Por isso, o Jesus mítico é “o Cordeiro de Deus”, o “redentor” da humanidade pelo seu sangue derramado na cruz.

A doutrina central do cristianismo dogmático da expiação dos pecados da humanidade pelo sangue de Cristo derramado na cruz é vista, com razão, por muitos escritores modernos como cruel, repugnante e masoquista (ou sadomasoquista).

“Masoquista” (ou “sadoomasoquista”) é uma pessoa que busca o sofrimento, a humilhação, ou até mesmo a morte, sentindo muito prazer (cf. Dicionário HOUAISS da Língua Portuguesa, verbete **masoquismo**). Nesse sentido, refletamos sobre o que escreveu o escritor Richard Dawkins:

Agora o sadomasoquismo. Deus encarnou-se como homem, Jesus, para que pudesse ser torturado e executado em *expição* do pecado hereditário de Adão. Desde que Paulo expôs essa doutrina repugnante, Jesus vem sendo adorado como o *redentor* de todos os nossos pecados. Não apenas o pecado passado de Adão: pecados *futuros* também, decidam ou não as pessoas futuras cometê-los! [...] Se Deus quisesse perdoar nossos pecados, por que não perdoá-los, simplesmente, sem ter de ser torturado e executado em pagamento...? [...] Paulo... estava impregnado do velho princípio teológico judaico de que sem sangue não há *expição*. [...] [Em suas epístolas], ele diz exatamente isso. Os estudiosos progressistas da ética hoje em dia já acham difícil defender qualquer tipo de teoria retributiva da punição, imagine então a teoria do bode expiatório – executar um inocente para pagar pelos pecados dos culpados. [...] E, para completar, Adão, o suposto executor do pecado original, nem existiu: [...] Ah, mas é claro, a história de Adão e Eva era apenas *simbólica*, não era? *Simbólica*? Então, para impressionar a si mesmo, Jesus fez-se ser torturado e executado, numa punição indireta por um pecado *simbólico* cometido por um indivíduo *inexistente*? (DAWKINS, 2007, p. 325, 326 e 327)

Mesmo não sendo ateu, concordo plenamente com o que escreveu o escritor ateu Richard Dawkins nesta citação. Como é que Jesus pode ter morrido para pagar o pecado original, cometido por Adão, se nem Adão nem o pecado original existiram historicamente, mas apenas simbolicamente? E se a história de Adão e Eva é apenas *simbólica*, como defendem atualmente, com razão, muitos teólogos cristãos, como é que Jesus pode ter sido sacrificado na cruz para pagar uma culpa apenas *simbólica*, cometida por indivíduos *inexistentes*?

Essa argumentação lógica é mais do que suficiente para desmentir, à luz da “fé raciocinada”, o dogma cristão da redenção de nossos pecados pelo sangue de Cristo derramado na cruz. Essa doutrina mítica, cruel, repugnante e sadomasoquista é, portanto, totalmente falsa, mentirosa.

“Associando a morte do Unigênito de Deus à redenção de nossos pecados, Paulo de Tarso retrocedeu às primitivas

religiões semíticas, em que os pais deviam imolar seus primogênitos” (KERSTEN, 1986, p. 35) (negrito meu).

Concluindo a resposta da presente pergunta, reafirmo, à luz da fé raciocinada, que o Jesus histórico não é o nosso “bode expiatório”. Ele não foi morto para pagar nossos pecados. Somente o amor-caridade será capaz de nos redimir de nossos pecados, em múltiplas (re)encarnações, neste e em outros planetas, e não o sangue de Cristo derramado na cruz. O que nos salva, o que nos liberta, o que nos faz evoluir espiritualmente, não me cansarei de repetir, é somente a prática do amor-caridade, e não a fé em Cristo morto e ressuscitado, como defende o cristianismo dogmático (paulinista), há dois mil anos.

6 - JESUS DECLAROU SER “DEUS CONOSCO” (“DEUS ENCARNADO” E “FILHO DE DEUS”)?

O Jesus mítico, sim; não, porém, o Jesus histórico. À luz da fé raciocinada, o Jesus histórico não pode ser “Deus conosco”, pois Deus, sendo puro espírito, infinito, imaterial, não pode ter carne, nem sangue, nem corpo, nem filho, nem pai, nem mãe. Nesse contexto, tinham muita razão vários escritores dos primeiros séculos do cristianismo, como, entre outros, Celso (séc. I) e Porfírio (séc. II), os quais diziam: “A Encarnação é um absurdo. Deus, o perfeito, o imutável, não pode rebaixar-se a ponto de se tornar uma criancinha” (apud COMBY, 1996, p. 35).

Mesmo supondo que algum dos gregos seja bastante obtuso para pensar que os deuses habitam nas estátuas, essa seria uma concepção mais pura que a de admitir que o Divino tenha descido no seio da Virgem Maria, que se tenha tornado embrião, que, após o seu nascimento, tenha sido envolvido em panos, todo sujo de sangue, de bÍlis e pior ainda [...] (PorfÍrio, apud COMBY, p. 37).

Logo, o Jesus histórico não pode ser *literalmente* interpretado como “Deus” e “Filho de Deus”, como dogmatizaram os cristãos, fundamentados na mitologia de muitos povos antigos, principalmente na mitologia greco-romana, em que as encarnações e filiações divinas (no sentido natural/biológico) eram vistas como fenômenos normais.

No sentido simbólico/metafórico, não há nenhum erro (ou mentira) dizer que tanto o Jesus histórico (como o Jesus mítico) é “Deus conosco” e “Filho de Deus”. O erro, a mentira, é interpretar essas expressões ao pé da letra, como verdades históricas absolutas e exclusivas do cristianismo dogmático e fundamentalista, pois o Jesus histórico foi apenas um homem, e não uma divindade no sentido literal do termo.

No Evangelho de Marcos, encontramos os seguintes versículos sobre a filiação divina de Jesus: “Princípio do Evangelho de Jesus Cristo, **Filho de Deus**” (Marcos 1,1) (negrito meu). “De fato, este homem era **filho de Deus**” (Marcos 15,39) (negrito meu).

Em primeiro lugar, convém esclarecer que o título de “**Filho de Deus**”, atribuído a Jesus no primeiro versículo do Evangelho de Marcos (Marcos 1,1), é um acréscimo, reconhecido por todos os estudiosos críticos dos Evangelhos, pois não consta em textos mais antigos do Evangelho de Marcos.

Em segundo lugar, interpretar Jesus *literalmente* como “**Deus**” e como “**Filho de Deus**”, como fazem os cristãos dogmáticos e fundamentalistas, é **a maior mentira sobre Jesus, da qual dependem quase todas as demais mentiras sobre ele.**

O dogma da divindade de Jesus é, indubitavelmente, o fundamento de todo o cristianismo tradicional. Se esse dogma é literalmente falso, como, de fato, argumento que o é, falsos são também todos os demais dogmas ou mitos cristãos que dependem dessa crença literal na divindade de Jesus, tais como: a trindade, o nascimento miraculoso de Jesus, sua morte expiatória, sua ressurreição dos mortos, sua unicidade salvífica e da religião (ou igreja) por ele supostamente instituída, seu retorno físico por ocasião do suposto juízo final, o batismo das crianças, a maternidade divina e a virgindade perpétua de sua mãe etc.

7 - JESUS RESSUSCITOU FISICAMENTE?

O Jesus mítico, sim; não, porém, o Jesus histórico. Defendo, com os espíritas, a tese de que o Jesus histórico não “ressuscitou”, no sentido comum de “ressurreição” como o retorno à vida no mesmo corpo físico que se tinha antes de morrer.

O Jesus histórico, de fato, nem “morreu” nem “ressuscitou” (fisicamente), porque ninguém morre (a morte não existe). É por demais conhecida a afirmação de que nada, de fato, morre no universo, tudo apenas se transforma. O que inadequadamente chamamos de “morte” é apenas o descarte de nossa vestimenta física, ou seja, de nosso corpo físico, que não é parte essencial de nossa natureza (pois somos essencialmente “espíritos”), mas apenas uma vestimenta temporária de trabalho, adequada ao plano físico-material do planeta em que vivemos. Quando essa vestimenta de trabalho não mais cumpre sua função, desfazemo-nos dela, continuando a viver num outro plano, com nosso “corpo espiritual” ou “corpo de ressurreição”, para usar uma terminologia bíblica, corpo esse que é formalmente idêntico ao corpo físico, mas diferente na substância (ele é fluídico).

É com esse “corpo espiritual” que muitas pessoas, depois de “mortas”, se manifestam concretamente, “aparecem” (materializadas) aos “vivos” para demonstrar que a morte não existe (como no caso das aparições de Jesus) ou para comunicar-nos determinadas mensagens (como nas sessões espíritas). Esse tipo de “ressurreição de mortos”, isto é, esse fenômeno de aparições de “mortos” sempre ocorreu e continua ocorrendo na humanidade. Nesse sentido, todos nós podemos “ressuscitar” dos mortos.

Por conseguinte, na visão espiritualista/espírita que adoto, afirmar que Cristo “ressuscitou dos mortos” significa dizer, precisamente, que o Jesus histórico, após sua “morte”, ou melhor, após seu “desencarne”, materializou-se a várias pessoas, para demonstrar que ele não morreu e que a morte não existe. Mas, como bem elucida o escritor espírita Hermínio C. Miranda,

não é Jesus o primeiro, e está longe de ser o último, que se manifestou concretamente, ou seja, objetivamente e até materializado a homens, mulheres e crianças, depois de “morto”, em seu corpo espiritual (MIRANDA, 1988, p. 116).

Mas, se a materialização (aparição) de “mortos” é um fenômeno comum, como, de fato, o é, cai logicamente por terra o caráter único, exclusivo, extraordinário e miraculoso da ressurreição (= materialização) do Jesus histórico.

Para os espiritualistas espíritas, a “morte não existe”. Na realidade, se, como diz a ciência, “na natureza nada morre, tudo se transforma”, é uma contradição de termos afirmar que o homem “morre”. O homem não morre, apenas continua a viver com um corpo mais leve, mais sutil, fluídico (o chamado “corpo espiritual”), após descartar o corpo velho, pesado, físico-material, o qual passa a ser cadáver que será decomposto na sepultura, cujas moléculas formarão novos organismos e que, portanto, jamais foi ou será “reanimado” (ou revivificado).

Nesse sentido, por conseguinte, a “ressurreição” do Jesus histórico significa a sua “sobrevivência” com seu “corpo espiritual”, após o descarte de seu corpo físico. Esses dois tipos de corpos (o corpo físico e o corpo espiritual) se assemelham em tudo, menos na matéria de que são feitos: o corpo espiritual é sutil, fluídico, leve, enquanto o corpo físico é denso, pesado.

8 - O SEPULCRO VAZIO É PROVA DA RESSURREIÇÃO FÍSICA DE JESUS?

Do Jesus mítico, sim; não, porém, do Jesus histórico. Segundo a interpretação da maioria dos cristãos, particularmente dos cristãos fundamentalistas, o relato do sepulcro vazio (João 20, 1-10) é “prova” de que houve “reanimação gloriosa” do corpo físico do Jesus mítico, pois, segundo os próprios autores do relato, o corpo do Jesus mítico ressuscitado era como antes (João 20, 20), se bem que ao mesmo tempo diferente (João 20,15; 20,19; Lucas 24,16...). Entretanto, segundo as interpretações de muitos teólogos cristãos liberais e de todos os espiritualistas espíritas, os apóstolos simplesmente inventaram o relato mítico do sepulcro vazio para expressar que Jesus havia ressuscitado com o mesmo corpo que tinha antes de morrer.

Em suma, o Jesus histórico não ressuscitou, no sentido de ter retornado à vida com o mesmo corpo físico que tinha antes de morrer, mas ressuscitou, sim, no sentido de ter continuado vivo num “corpo glorioso” ou “corpo espiritual”, após o descarte do corpo físico – o que erroneamente se denomina de “morte”.

9 - JESUS RESSUSCITOU MORTOS?

O Jesus mítico, sim; não, porém, o Jesus histórico. Literal e historicamente, o Jesus histórico não ressuscitou nenhum morto; mas o Jesus mítico, sim. Esclareço, com o escritor Alfons Weiser (cf. WEISER, 1978, p. 136-137), que os chamados milagres de “ressurreição de mortos” narrados na literatura cristã e na de outras religiões podem ter várias interpretações, desde a posição que os interpreta ao pé da letra, em sentido histórico e real, “passando pelas hipóteses de morte aparente e por explicações parapsicológicas, até à opinião segundo a qual esses textos tratam apenas de lendas, de narrativas simbólicas, parabólicas, ou da transposição do mito do deus-sol que morre e ressuscita” (id. *ibid.*, p. 137).

Há, de fato, vários relatos de milagres de “ressurreições de mortos” na Bíblia judaico-cristã e na literatura religiosa de outros povos. O Antigo Testamento nos fala de dois casos de ressurreição de mortos atribuídos, respectivamente, aos profetas Elias e Eliseu (1Reis 17; 2Reis 4). O Novo Testamento atribui a Jesus três milagres de ressurreição de mortos: a de Lázaro (João 11), a do filho da viúva de Naim (Lucas 7) e a da filha de Jairo (Marcos 5; Mateus 9; Lucas 8).

Além de Jesus, o NT atribui um milagre de ressurreição a cada um dos dois apóstolos Pedro e Paulo (Atos 9; 20). “A literatura cristã nos diz que muitos santos teriam ressuscitado mortos durante suas vidas. Entre estes, mencionam-se Martinho de Tours, Bento de Núrsia, Francisco de Assis e Dom Bosco” (WEISER, p. 136). Casos de ressurreições de mortos encontram-se igualmente na literatura de outras religiões, por exemplo, na literatura judaica, atribuem-se casos de ressurreições de mortos a alguns rabinos; na literatura helenística relata-se um milagre de ressurreição operado por Apolônio de Tiana e assim por diante.

No parecer do renomado escritor Alfons Weiser, “de todo o material das fontes não se pode deduzir, com suficiente certeza, um único caso sequer em que um morto de verdade tenha retornado alguma vez à existência terrena” (WEISER, p. 137).

Concordando com esse mesmo autor, reafirmo que jamais um morto de verdade retornou alguma vez à existência terrena com o mesmo corpo físico que tinha antes de morrer.

A crítica histórica moderna das narrativas bíblicas também tem enfrentado o problema da suposta ressurreição física de Jesus, “procurando as origens desta crença, não rara na Antiguidade” (DONINI, p. 295):

As religiões de salvação [também chamadas de “religiões de mistérios”], baseadas no culto de seres divinos ou semidivinos que morrem e ressuscitam, não só influíram sobre o modo de apresentar a ressurreição de Jesus, como tornaram mais fácil a sua aceitação, até transformar esta questão de fé num elemento decisivo do sucesso da nova religião (DONINI, p. 295).

Em suma, a crença em “ressurreição de mortos” (ou em “ressurreição da carne”), no sentido de reanimação do cadáver de alguém que “desencarnou”, definitivamente, é mais um mito que precisa ser devidamente questionado e reavaliado na mesa do diálogo religioso.

Analisemos agora a ressurreição de Lázaro.

A “ressurreição de Lázaro” (João, capítulo 11) é interpretada pela maioria dos cristãos como “o milagre mais impressionante de todos atribuídos a Jesus no Novo Testamento” (HARPUR, 2008, p. 136). Argumento, em minhas obras ecumênicas, apoiado em diversos autores, que a ressurreição de Lázaro, interpretada literalmente como um fato miraculoso real, para provar a divindade de Jesus, ou seja, para provar que Jesus é literalmente o Filho de Deus, Deus encarnado, o Messias, o Salvador etc., não é uma verdade histórica absoluta, mas uma parábola, um mito, o qual pode ser simbolicamente verdadeiro, para quem acredita na divindade de Jesus e na ressurreição final dos mortos. Esse suposto milagre, no correto dizer do teólogo e ex-pastor anglicano Tom Harpur, “tem o sabor e o caráter da alegoria e do mito” (HARPUR, p. 139).

Se esse famoso “milagre” tivesse realmente acontecido historicamente, como é que os Evangelhos sinópticos (Mateus,

Marcos e Lucas), que foram escritos muitos anos antes do Evangelho de João, não o teriam narrado? Este suposto milagre aparece unicamente no quarto Evangelho (o de João). Como poderia uma “prova” tão importante do poder divino de Jesus ter sido ignorada pelos outros evangelistas? Esses argumentos já são suficientes para provar que a ressurreição de Lázaro não é história, mas parábola e mito.

Além disso, como nos esclarece Tom Harpur, em sua mencionada obra, o relato da ressurreição de Lázaro é cópia (ou plágio) da literatura sagrada egípcia, que tem um rico sentido espiritual, quando interpretado simbolicamente, para os que acreditam na ressurreição final dos mortos, mas que é falso, quando interpretado literal e historicamente, como faz a maioria dos cristãos (para a história completa do Lázaro egípcio, cf. HARPUR, 2008, p. 140-143). Nas palavras desse mesmo autor,

um Jesus egípcio ressuscitou dos mortos um Lázaro egípcio, em uma Betânia egípcia, na presença de uma Maria e de uma Marta egípcias, nas inscrições daquela terra antiga pelo menos 5 mil anos antes da era cristã (HARPUR, p. 89).

A ressurreição do filho da viúva de Naim (Lucas 7,11-17) também não é, segundo os pesquisadores do SJ (cf. FUNK & THE JESUS SEMINAR, 1998, p. 288-289), um fato histórico, realizado pelo Jesus histórico, mas é uma criação parabólica do evangelista Lucas, com base na história muito semelhante da ressurreição do filho da viúva de Sarepta, realizada pelo profeta Elias (cf. 1Reis 17, 17-24). É que muitas histórias narradas nos Evangelhos foram criadas pelos evangelistas com base em histórias semelhantes narradas no Antigo Testamento.

Quanto á ressurreição da filha de Jairo (cf. Marcos 5,21-24; 35-43; Mateus 9, 18-26; Lucas 8, 40-42; 49-56), os pesquisadores do SJ (cf. FUNK & THE JESUS SEMINAR, 1998, p. 83) também afirmam que essa suposta ressurreição da filha de Jairo não é um fato histórico, mas um relato parabólico criado pelo evangelista Marcos (copiado depois por Mateus e Lucas). O mais provável, porém, como teria afirmado o próprio Jesus (cf. Lucas 8,52), é que a filha de Jairo não estava morta, mas dormindo, como teria

acontecido também com a suposta ressurreição de Eutico, realizada pelo apóstolo Paulo (Atos 20,7-12), o qual não estava morto, conforme assegurou o próprio Paulo, ao dizer: “Não vos perturbeis; sua alma está nele” (Atos 20,10).

10 - JESUS FOI O ÚNICO QUE RESSUSCITOU APÓS TRÊS DIAS?

O Jesus mítico, sim; não, porém, o Jesus histórico. O número três tem um rico sentido esotérico e simbólico e a ressurreição de divindades solares pagãs (como Átis, Adônis, Osíris/Hórus) e Jesus Cristo, “após três dias”, tem uma explicação astrológica, referente ao solstício de inverno, conforme veremos nesta resposta.

No dizer do escritor Tom Harpur,

O número **três** ganhou dimensão esotérica e simbólica pelo fato conhecido de que, por **três dias** e duas noites a cada mês, a Lua deixa de ser visível da Terra. Simbolicamente, acreditava-se que a Lua mantinha relações com o Sol nesse período para conceber a Lua nova. Portanto, **três** tornou-se um símbolo de qualquer período importante de mudança ou renovação. **Isso também explica os três dias de Jesus no túmulo antes da sua suposta ressurreição física** (HARPUR, 2009, p. 45) (negrito meu).

Como também afirma Joseph Campbell, em sua obra “O Poder do Mito”,

a morte e ressurreição do deus [solar] é associada, em toda parte, à lua, que morre e ressuscita todo mês. São duas noites ou **três dias** de escuridão; e ali temos Cristo, por duas noites e **três dias**, no túmulo. Ninguém sabe exatamente qual a data do nascimento de Jesus, mas adotou-se a data que costumava ser a do solstício de inverno, 25 de dezembro, quando as noites começam a ficar mais curtas e os dias mais longos. Este é o momento do renascimento da luz. Essa é exatamente a data do nascimento do deus persa da luz, Mitra, Sol, o sol (CAMPBELL, 2011, p. 188) (negrito meu).

Os astrólogos e astrônomos explicam que o Deus-Sol “morria” e “ressuscitava” “**após três dias**”, no solstício de inverno, ou seja,

o Sol desaparecia (isto é, “morria”) e, “**depois de três dias**”, reaparecia (ou seja, “ressuscitava”).

Ao longo da história, muitos personagens foram identificados como o Deus-Sol, “Salvador do mundo”, “Filho de Deus”, que “morre” e “ressuscita”, “**após três dias**”, para nos salvar, tais como Hórus (do Egito Antigo), Krishna (da Índia), Mitra (da Pérsia) e, obviamente, Jesus Cristo e muitos outros.

Diante de todas essas evidências históricas, não há mais como negar o fato de que o Jesus mítico da fé cristã dogmática (semelhante a muitas outras divindades solares deste planeta) é realmente um mito pagão de origem solar, o qual, *simbolicamente* interpretado, tem (igualmente com muitas outras divindades solares) o rico sentido de representar a divindade dentro de nós, o nosso “salvador”, ou seja, Deus dentro de nós, uma vez que Deus habita dentro de cada um nós.

11 - JESUS SUBIU AO CÉU, SENTOU-SE À DIREITA DE DEUS, DE ONDE RETORNARÁ PARA JULGAR A HUMANIDADE?

O Jesus mítico, sim; não, porém, o Jesus histórico. Tudo isso não passa de crenças mitológicas e parabólicas sobre o Jesus mítico. No Evangelho de Marcos, está escrito: “Ora, o Senhor Jesus, depois de lhes ter falado, **foi arrebatado ao céu** e sentou-se à direita de Deus” (Marcos 16,19) (negrito meu). No Evangelho de Lucas, temos a seguinte passagem sobre a ascensão de Jesus: “Depois, levou-os até Betânia e, erguendo as mãos, abençoou-os. E enquanto os abençoava, distanciou-se deles e era elevado ao céu” (Lucas 24,50-51). Nos Atos dos Apóstolos, escrito pelo mesmo Lucas, existe outra passagem que fala da subida física de Jesus ao céu e de seu posterior retorno físico, nos seguintes termos: “Dito isso, elevou-se à vista deles, e uma nuvem o ocultou a seus olhos. E como fitassem o céu enquanto ele ia, eis que apareceram junto deles dois homens vestidos de branco, que lhes disseram: ‘Homens da Galileia, que estais aí a contemplar o céu? **Esse Jesus, que vos foi arrebatado, virá do mesmo modo que para o céu o vistes partir**’ “ (Atos 1,9-11) (negrito meu).

12 - OS DOGMAS CATÓLICOS SOBRE A NATUREZA DE JESUS SÃO VERDADES ABSOLUTAS?

A respeito do Jesus mítico, sim; não, porém, a respeito do Jesus histórico. Os dogmas católicos são verdades relativas. “Verdade absoluta” é aquela que é aceita por todos, enquanto “verdade relativa” é aquela que não é aceita por todos. Por exemplo, **a lei da gravidade** é uma verdade absoluta, porquanto é aceita por todos. Afirmar que $2 + 2 = 4$ é outro exemplo de verdade absoluta, pois ninguém duvida dessa soma matemática.

Por outro lado, os dogmas cristãos, segundo os quais **Jesus Cristo é literalmente Deus encarnado, nascido por obra e graça do Espírito Santo**, não são verdades absolutas, pois não são verdades aceitas por todos, nem mesmo por todos os que se dizem cristãos. Logo, são verdades relativas.

A maioria das verdades religiosas são relativas, uma vez que não são aceitas por todos (por exemplo, os dogmas católicos da divindade de Cristo, da trindade, do inferno eterno etc.). Mas existem verdades religiosas absolutas, isto é, aceitas por todos (por exemplo, os mandamentos HONRAR PAI E MÃE, NÃO MATAR, NÃO ROUBAR, AMAR O PRÓXIMO etc.).

É preciso também distinguir “**verdade religiosa**” de “**verdade científica**”.

A “verdade científica” é um juízo conformado a uma dada realidade e relativamente aceito por todos. Exemplos: “A água ferve a 100 graus centígrados”; “a Terra gira em torno do Sol”. Se negarmos essas sentenças, teremos afirmações cientificamente falsas, teremos o “erro científico” que é o oposto da “verdade científica”.

A “verdade religiosa” (ou a “verdade das religiões”), diferentemente da “verdade científica”, é um juízo que pode ou não ser conformado a uma dada realidade, ou seja, pode ou não ser “verdadeiro” e, por conseguinte, não é aceito por todos. É um ponto de vista ou uma opinião que não convence a todos, mas somente aos adeptos de determinado credo religioso. Exemplos: **A Igreja Católica foi fundada por Deus! Só Jesus salva!** Essas verdades religiosas não podem ser absolutas, pois não são aceitas

nem mesmo por renomados teólogos e escritores católicos, como Hans Küng, Alfred Loisy, Eduardo Hoornaert e outros.

Desde o século IV, a Igreja Católica considera-se a dona absoluta e exclusiva da verdade religiosa. Para ela, todas as outras religiões são falsas, mentirosas.

A verdade central da Igreja Católica, bem como das igrejas protestantes, consiste em dizer que Jesus é literalmente Deus encarnado, o único Salvador da humanidade, mediante seu sangue derramado na cruz. Quem não crê nessas verdades (ou melhor, conforme meu atual ponto de vista, nessas mentiras cristãs), está condenado ao inferno eterno.

Em face de todas essas mentiras sobre Jesus, não podemos concordar, à luz da fé raciocinada, que a Igreja Católica seja a dona absoluta da verdade religiosa. Até quando ela vai continuar nesse seu erro? Só Deus sabe!

É preciso distinguir, com o renomado filósofo alemão Emanuel Kant (1724-1804), o mundo (incluindo o Absoluto/Deus) como ele é em si mesmo e o mundo como ele é visto por cada um de nós, de acordo com a nossa capacidade limitada de percepção e interpretação. Ou seja, o conhecimento humano é “relativo” ao grau de compreensão do sujeito cognoscente.

Muito tempo antes de Kant, Santo Tomás de Aquino (1225-1274), considerado o maior filósofo e teólogo da Igreja Católica, já dizia, corretamente, que “o objeto conhecido se encontra no sujeito cognoscente de acordo com sua capacidade perceptiva” (TOMÁS DE AQUINO, *Summa Theologica*, II/, Q. 1. Art. 2.; apud HICK, 1990, p. 118).

Alguém poderia pensar que essa visão de Santo Tomás de Aquino e de Emanuel Kant é o que o Papa Bento XVI vem chamando de “relativismo”, ou melhor, de “ditadura do relativismo”, ou seja, a impossibilidade do conhecimento absoluto da realidade, filosofia que reduziria todo o nosso conhecimento a simples opiniões ou a percepções subjetivas, relativas, da realidade.

Essa crítica é falsa, uma vez que nem Santo Tomás de Aquino, nem Emanuel Kant afirmaram, por exemplo, que nosso

conhecimento da lei da gravidade ou o de que 2 mais 2 é igual a 4 não sejam verdades absolutas, mas relativas.

O Papa Bento XVI continua batendo na tecla da “ditadura do relativismo”, considerada por ele como a maior ameaça atual às verdades da fé católica, uma vez que as supostas verdades absolutas da fé católica estão sendo cada vez mais rejeitadas nos últimos tempos, inclusive por muitos famosos teólogos católicos, prova de que as verdades supostamente absolutas da Igreja Católica são, de fato, **verdades relativas** que precisam urgentemente ser discutidas e debatidas na mesa do diálogo inter-religioso, de igual para igual, único meio de se chegar a um consenso racional sobre o que é verdade ou o que é mentira em assuntos doutrinários. Se as verdades da Igreja Católica fossem absolutas, repito, todos concordaríamos com elas, do mesmo modo como todos concordamos com a lei absoluta da gravidade. Se nem todos concordamos com as verdades católicas é por que elas não são verdades absolutas, mas relativas ou até mesmo mentirosas.

Para concluir a resposta da presente questão, convido todos os cristãos a se convencerem de que são chegados os tempos de conhecermos as verdades cristãs, mediante o diálogo religioso, sobretudo as verdades a respeito da verdadeira identidade (ou natureza) do Jesus histórico: **QUEM FOI O JESUS HISTÓRICO? ELE FOI DUES E HOMEM, SOMENTE DEUS OU SOMENTE HOMEM?**

A resposta a essa pergunta, objetivo principal de todas as minhas obras ecumênicas, tem sido a maior polêmica cristã de todos os tempos. Até quando essa polêmica vai continuar? Só Deus sabe! Mas a única saída, na minha opinião, para se chegar a um consenso, é a prática do diálogo inter-religioso, aberto e sincero, à luz da razão, da ciência, da história das religiões e da “fé raciocinada”. Não vejo outra saída. Enquanto isso não acontecer, nunca teremos verdadeira paz e fraternidade entre os próprios cristãos, nem paz sobre a Terra, e nunca chegaremos ao conhecimento da verdade que nos liberta (“*Conhecereis a verdade e a verdade vos libertará*”).

13 - JESUS FUNDOU “O CRISTIANISMO DOS CRISTÃOS”?

O Jesus mítico, sim; não, porém, o Jesus histórico. Foi Paulo de Tarso quem fundou o cristianismo dos cristãos. Conforme esclarece o professor de História das Religiões Ambrogio Donini,

a fé no deus-redentor das religiões de mistério é absorvida no cristianismo por Paulo de Tarso, ao qual se deve notadamente a representação de Jesus como *salvador* (DONINI, p. 287).

Sabemos, contudo, que o cristianismo dogmático e mítico, ao ser adotado pelo imperador romano Teodósio (e não pelo imperador Constantino), no final século IV, como religião oficial do Império Romano, sofreu grande influência de outras tradições religiosas mais antigas. Isso não nega a tese, defendida por muitos especialistas, de que foi Paulo de Tarso o verdadeiro fundador do cristianismo mítico dos cristãos. Por isso, muitos estudiosos afirmam, com razão, que o termo mais apropriado para designar o cristianismo dogmático e mítico dos cristãos é **PAULINISMO** e **NÃO CRISTIANISMO**. A razão simples para essa alegação é que alguns dogmas (ou mitos) básicos do cristianismo tradicional, como o da divindade de Cristo, o da sua universalidade salvífica, o da sua ressurreição e o da redenção de todos os homens pelo seu sangue derramado na cruz, fazem parte integrante da teologia paulina.

Queremos reafirmar que Paulo é, sem dúvida alguma, o verdadeiro fundador do “cristianismo dogmático e mítico dos cristãos” (incluindo obviamente a Igreja Católica e as igrejas protestantes), chamado mais corretamente de “**paulinismo**”, termo bem apropriado, usado por vários autores, entre os quais destacamos Yuri Vasconcelos, em seu excelente artigo, “O Homem que Inventou Cristo” (VASCONCELOS, 2003; cf. também MIRANDA, 1988, p. 31), enquanto o “Jesus histórico” simplesmente propôs o corretamente chamado “cristianismo de Jesus” (o “cristianismo das origens”), não uma nova religião (ou igreja) exclusivista, mas **uma comunidade de amor**, isto é, uma comunidade de pessoas que se comprometessem a pautar suas vidas pelo **código de moral (ou de ética) universal** que ele autenticamente pregou e viveu, muito bem resumido no chamado

Sermão da Montanha (Mateus 5-7) (ver respostas das Perguntas 68, 69, 70 e 71 de meu livro *Catecismo Ecumênico*).

Quando argumento que o cristianismo dogmático e mítico não foi fundado pelo Jesus histórico, mas por Paulo de Tarso, estou apenas querendo dizer que a **doutrina cristã**, consolidada em dogmas e mitos exclusivistas, é, essencialmente, a doutrina fundamentalista, discriminatória e mítica de Paulo de Tarso, e não a doutrina racional e pluralista de Jesus (do Jesus histórico), a qual não discrimina ninguém, pois se fundamenta não em mitos exclusivistas e divisionistas, mas na lei pluralista (ecumênica e macroecumênica) do amor ao próximo, a única forma de religiosidade que pode unir todas as religiões e todas as pessoas deste planeta.

A tese de que Paulo de Tarso é o verdadeiro fundador do cristianismo universal (exclusivista e mítico) é também confirmada pelo escritor Michael H. Hart, ao escrever que

Paulo, mais do que qualquer outro homem, foi o responsável pela transformação do cristianismo de seita judaica em religião universal. Suas ideias centrais sobre a divindade de Cristo e de justificação exclusiva pela fé mantiveram-se na condição de conceitos básicos do cristianismo durante todos os séculos. [...] **Na verdade, a influência das suas ideias foi tão grande, que alguns defendem o fato de que ele e não Jesus deveria ser considerado o principal fundador da religião cristã** (HART, 2005, p. 80-81) (negrito meu).

O mesmo pensamento é expresso pelo escritor vaticanista espanhol Juan Arias, ao considerar a hipótese segundo a qual a Igreja possa ter nascido da fé dos primeiros cristãos e da concepção religiosa de **Paulo de Tarso, considerado por alguns autores o verdadeiro fundador do cristianismo, ao fazer com que o cristianismo primitivo se afastasse de suas originais raízes judaicas** (ARIAS, 2001, p. 128) (negrito meu).

A ideia de que **há dois cristianismos no Novo Testamento (o cristianismo do Jesus celeste e o do Jesus terrestre)**, e de que Paulo de Tarso é o principal fundador do cristianismo mítico

do “Jesus celeste”, é também claramente expressa pelo escritor cristão James D. Tabor nos seguintes termos:

Há dois cristianismos inteiramente separados e distintos enraizados no Novo Testamento. Um deles é bem familiar e se tornou a versão da fé cristã conhecida por bilhões de pessoas ao longo dos dois últimos milênios. **Seu principal proponente foi o apóstolo Paulo.** Outro foi amplamente esquecido e, por volta da virada do primeiro século d.C., tinha sido efetivamente marginalizado e eliminado. [...] Paulo ensinou que Jesus era um ser celestial divino preexistente, criado como o “primogênito” de toda a criação de Deus. Existia sob a “forma de Deus” e era “igual a Deus” (Filipenses 2,6). [...] **A história cristã dominante acabou, na verdade, baseando-se muito mais nas revelações de Paulo do que nos ensinamentos de Jesus.** [...] A mensagem que Paulo começou a pregar nos anos 40 e 50 d.C., como ele mesmo reiterou de maneira inflexível, não dependia de maneira alguma nem era derivada do grupo original dos apóstolos de Jesus dirigido por Tiago, em Jerusalém. Baseava-se antes em sua própria experiência visionária de um Cristo celestial (TABOR, 2006, p. 277-278; 321, 324) (negrito meu).

Em suma, nas palavras do teólogo Holger Kersten,

o que conhecemos hoje como cristianismo não passa de uma vasta e artificial doutrina de regras e preceitos criados por Paulo, e que pode ser melhor designado pelo nome de “Paulinismo” (KERSTEN, 1986, p. 34).

14 - A DOCTRINA DE PAULO É IDÊNTICA À DE JESUS?

Do Jesus mítico, sim; não, porém, do Jesus histórico. A doutrina de Paulo de Tarso muito pouco ou nada tem a ver com o cristianismo autêntico do Jesus histórico e de Tiago, da salvação pelas obras de amor. São duas doutrinas totalmente opostas e incompatíveis, como comprovo em meu 4º livro ecumênico “Paulinismo”.

15 - O DEUS DE PAULO É IDÊNTICO AO DEUS DE JESUS?

Do Jesus mítico, sim; não, porém, do Jesus histórico. O 'Deus' de Paulo está bem distante do 'Deus de Amor' descrito pelo Jesus histórico no Novo Testamento:

Sua concepção ainda é a de um Deus bíblico zangado, cuja ira se manifesta implacavelmente contra os ímpios e pecadores que não têm como escapar do seu severo juízo, tal como se lê na Epístola aos Romanos (MIRANDA, 1988, p. 31).

O 'Deus' de Paulo, literalmente interpretado, é semelhante ao 'Deus' Javé do Antigo Testamento: um ser superexclusivista, zangado, intolerante e vingativo, cuja ira se manifesta implacavelmente contra os ímpios e pecadores, que não têm como escapar do seu severo juízo final, tal como se lê na Epístola aos Romanos. Este não é, repito, o Deus de Amor, revelado por Jesus histórico no Novo Testamento.

16 - O JESUS DE PAULO É IDÊNTICO AO JESUS HISTÓRICO?

Do Jesus mítico, sim; não, porém, do Jesus histórico. O 'Jesus' de Paulo é totalmente diferente do "Jesus histórico" (o "Jesus real", **o Jesus que é só homem**). Paulo, de fato, não mostra interesse algum pelo "Jesus histórico"; seu maior interesse está em defender o "Cristo da fé" (o "Jesus celeste/mítico", **o Jesus-Deus**). Como declara Günth Bornkamm, Paulo

não cuida de expor os ensinamentos do Jesus histórico, não fala de seus milagres, do Sermão da Montanha, das parábolas, dos seus encontros com os escribas e fariseus, nem do Pai Nosso (apud MIRANDA, 1988, p. 31) .

O Jesus de Paulo é também chamado de "Cristo cósmico": "um salvador sobre-humano, destinado desde o princípio do mundo a desempenhar um papel cósmico. [...] O Cristo de Paulo não era Jesus de Nazaré" (HARPUR, 2008, p. 180).

É por isso que muitos autores vêm fazendo, desde o século 18, uma justa distinção entre o “Jesus histórico” (**uma pessoa inteiramente humana**) e o Jesus mítico (também chamado de “Cristo da fé”) (**uma pessoa inteiramente divina**). O ‘Jesus’ de Paulo, repito, é o “Jesus celeste/mítico/cósmico”.

Em suma, o Jesus de Paulo não é o Jesus histórico, mas o mítico, um ser celestial, cósmico, literalmente divino, criado como o “primogênito” de toda a criação de Deus. Existia sob a “forma de Deus” e era “igual a Deus” (Filipenses 2,6).

17 - JESUS É LITERALMENTE “DEUS”?

O Jesus mítico, sim; não, porém, o Jesus histórico. Os cristãos dogmáticos interpretam o Jesus histórico *literalmente* como “Deus”, no sentido *natural*, e não no sentido *analógico* ou *metafórico*. Para eles, é **dogma de fé**, definitivamente proclamado no Concílio de Calcedônia (451), que **Jesus é Deus e homem (VERDADEIRO DEUS E VERDADEIRO HOMEM)**, isto é, uma *pessoa divina*, com *duas naturezas* (a *divina* e a *humana*).

18 - O DEUS DE JESUS É LITERALMENTE “UMA PESSOA” (OU “TRÊS PESSOAS”)?

Do Jesus mítico, sim; não, porém, do Jesus histórico. Em todos os meus livros ecumênicos, argumento que o dogma da Trindade divina cristã contém, no mínimo, 10 (dez) erros (ou mentiras), o primeiro dos quais é interpretar Deus (literal e antropomorficamente) como *pessoa*, ou melhor, como *três pessoas distintas*, pois Deus não é literalmente *pessoa*, embora Ele possua *aspectos* ou **atributos pessoais**, uma vez que Ele nos conhece, nos ouve, nos vê, nos entende e nos ama. Conceituar Deus *literalmente* como *pessoa* é um *antropomorfismo*, ou seja, é conceber Deus na forma de um ser humano. Logo, é uma mentira, pois Deus não é literalmente uma pessoa, pois toda pessoa é limitada e Deus é ilimitado, infinito, embora Ele possua *aspectos* ou **atributos pessoais e humanos**.

19 - JESUS INSTITUIU ALGUM “DOGMA DE FÉ” DA IGREJA CATÓLICA?

O Jesus mítico, sim; não, porém, o Jesus histórico. Todos os dogmas de fé da Igreja Católica foram instituídos por ela mesma ao longo dos séculos. “Dogma de fé” é verdade absoluta, intocável, indiscutível, inquestionável. Mas, para uma pequena minoria de teólogos cristãos, os dogmas cristãos devem ser discutidos na mesa do diálogo inter-religioso.

Os cristãos dogmáticos também interpretam o Jesus mítico *literal e dogmaticamente* como “Filho de Deus” no sentido *natural*, e não no sentido *analógico* ou *metafórico*.

É somente por linguagem *analógica (metafórica, mitológica)* que dizemos que Jesus é “Deus” e “Filho de Deus”.

Na linguagem judaica, usa-se amiúde o termo “filho” para designar alguma semelhança. Por exemplo: “filho de touro” significa um homem forte; [...] “filho da gordura” significa “filho gordo”. Analogamente, **a expressão “Filho de Deus” significa um homem intimamente unido a Deus ou um pregador de Deus. É neste sentido que se atribui a Cristo o título de “Filho de Deus”, um título que o rei Davi também o tinha** (GRIESE, 1957, p. 28, nota 2) (negrito meu).

Logo, o Jesus histórico não pode ser interpretado como “Deus” e como “Filho de Deus” – no sentido *literal, natural* – como dogmatizaram os cristãos, fundamentados na mitologia de muitos povos antigos, principalmente na mitologia greco-romana, em que as encarnações e filiações divinas (no sentido natural/biológico) eram vistas como fenômenos normais.

Em suma, a interpretação literal da encarnação de Deus na pessoa do Jesus histórico é, de fato, uma crença absurda. Simbolicamente (metaforicamente), o Jesus histórico pode ser interpretado como Deus encarnado, mas literalmente, não, pois Deus, sendo puro espírito, infinito, imaterial, não pode ter carne, nem sangue, nem corpo. Nesse contexto, tinham muita razão vários escritores dos primeiros séculos do cristianismo, como, entre outros, Celso (séc. I) e Porfírio (séc. II), os quais diziam: **“A Encarnação é um absurdo. Deus, o perfeito, o imutável, não pode rebaixar-**

se a ponto de se tornar uma criancinha” (apud COMBY, 1996, p. 35) (negrito meu).

Mesmo supondo que algum dos gregos seja bastante obtuso para pensar que os deuses habitam nas estátuas, essa seria uma concepção mais pura que a de admitir que o Divino tenha descido no seio da Virgem Maria, que se tenha tornado embrião, que, após o seu nascimento, tenha sido envolvido em panos, todo sujo de sangue, de bílis e pior ainda [...] (Porfírio, apud COMBY, p. 37).

20 - JESUS INSTITUIU OS SETE SACRAMENTOS DA IGREJA CATÓLICA?

O Jesus mítico, sim; não, porém, o Jesus histórico. Todos os sete sacramentos da Igreja Católica foram instituídos por ela mesma ao longo dos séculos. Nenhum dos sete sacramentos da Igreja Católica foi instituído pelo Jesus histórico.

21 - JESUS INSTITUIU O SACRAMENTO DO BATISMO DA IGREJA CATÓLICA?

O Jesus mítico, sim; não, porém, o Jesus histórico. Como foi dito na resposta da pergunta anterior, todos os sete sacramentos da Igreja Católica foram instituídos por ela mesma ao longo dos séculos. Nenhum dos sete sacramentos da Igreja Católica foi instituído pelo Jesus histórico, mas pelo Jesus mítico (ou mitológico).

Segundo a grande maioria dos cristãos, com base numa inautêntica passagem do Evangelho de Marcos, Jesus teria afirmado que o batismo é necessário para a “salvação” e que só pode ser “cristão” (e “salvar-se”) quem crer e for batizado: “E disse-lhes: ‘Ide por todo o mundo, proclamai o Evangelho a toda criatura. Aquele que crer e for batizado, será salvo; o que não crer será condenado’ “ (Marcos 16, 15-16).

Os mesmos cristãos, baseados numa falsa e intercalada passagem do Evangelho de Mateus, igualmente asseguram que Jesus ordenou o seguinte: “Ide, portanto, e fazei que todas as nações se tornem discípulas, **batizando-as em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo**” (Mateus 28,19) (negrito meu).

A verdade, porém, é que o Jesus histórico nunca disse isso. Tanto o versículo bíblico de Marcos (Marcos 16,16) como o de Mateus (Mateus 28,19) são inautênticos, uma vez que não se encontram em versões mais antigas dos mesmos Evangelhos.

Além disso, a passagem de Mateus foi copiada do chamado “Pseudo Evangelho de Marcos (Mc 16,9-20), que é, segundo os pesquisadores do SJ, um caso de acréscimo a todo o Evangelho de Marcos, uma vez que não consta nas versões mais antigas desse mesmo Evangelho. Esses doze versículos falam das aparições do Jesus mítico ressuscitado e de sua suposta ordem aos discípulos, dizendo-lhes: “Ide por todo o mundo, proclamai o Evangelho a toda criatura. **Aquele que crer e for batizado será salvo; o que não crer será condenado**” (Marcos 16,15-16) (negrito meu).

Fica, portanto, mais do que claro que a doutrina do batismo não foi ensinada pelo Jesus histórico. Apesar de ser bastante provável que Jesus tenha sido batizado por João Batista, ele nunca fez uso do batismo nem ordenou aos discípulos que fossem por todo o mundo evangelizando e batizando toda criatura em nome da Trindade, nem jamais afirmou que só seria salvo quem cresse e fosse batizado. Isso tudo foi doutrina mítica exclusivista acrescentada posteriormente pela Igreja Católica, a fim de legitimar bíblicamente a sua hegemonia eclesial.

Com base nesse dado histórico, o batismo é, por conseguinte, mais um mito cristão. O Jesus histórico ensinou que, para alguém “salvar-se” (ou melhor, para “libertar-se”) e para ser “cristão”, isto é, para ser “seu discípulo”, a condição necessária e suficiente, é **amar o próximo**: “Nisso conhecerão todos que sois meus discípulos [isto é, que sois cristãos], se tiverdes amor uns pelos outros” (João 13,35).

Por conseguinte, não é o batismo nem qualquer outro sacramento ou prática ritualística que “salva” (ou “liberta”) e que caracteriza o “cristão” como Jesus o definiu. Assim, o hinduísta Mahatma Gandhi, um dos espíritos mais iluminados do século XX, grande admirador do Evangelho de Cristo, praticante como Jesus da não violência, isto é, do amor, nunca foi “batizado”, entretanto, no feliz dizer do escritor espírita Hermínio C. Miranda, “foi cristão dos melhores, na vivência do amor ao próximo, na mansidão, no

entendimento fraterno, no viver limpo, correto, modesto, autêntico” (MIRANDA, 1988, p. 18).

Os cristãos dogmáticos alegam que o batismo é necessário para a salvação, porque ele apaga o “pecado original”.

Essa é uma das crenças míticas que une a grande maioria dos cristãos, para os quais “no batismo erradica-se o pecado original, restaurando-se o estado de graça” (DER, verbete **pecado original**), o que implica afirmar que todos os seres humanos nasceram em estado de “desgraça”, ou seja, nasceram todos com o “pecado original” – um pecado que não cometeram, mas que absurda e injustamente lhes foi transmitido por herança de seus primeiros pais (Adão e Eva).

O pecado original, literalmente interpretado, como na visão cristã dogmática, é, de fato, um grande erro (uma grande mentira) do cristianismo mítico, e não uma verdade histórica absoluta. Fazendo uso da “fé raciocinada”, questionamos esse dogma cristão mediante a seguinte reflexão: que Deus mesquinho é esse que, por causa de uma suposta desobediência do primeiro casal humano faz nascer todos os demais seres humanos em estado de tamanha “desgraça” moral, obrigando seu suposto Filho unigênito a encarnar-se na Terra para redimir a humanidade de tão “grande” falta, mediante sua morte na cruz? Deus, com o sangue do seu Filho Unigênito, teria, assim, pago a Satanás o resgate da humanidade. Entretanto, numa justa crítica do filósofo Pietro Ubaldi, em seu livro *Cristo*,

é absurdo que Deus seja submisso ao poder de Satanás, e tenha enviado Seu Filho primogênito para pagar com o Seu sangue o resgate da humanidade, que foi induzida ao pecado pelo próprio Satanás. Como pode Deus justificar esta culpa, a ponto de reconhecer uma dívida Sua para com Satanás? [...] Justificando semelhante absurdo, conceberíamos e converteríamos Deus numa espécie de servo de Satanás (UBALDI, 1988, p. 274).

A Humanidade não descende de Adão e Eva, casal mítico que nunca existiu. A ciência, há muito tempo, já comprovou que os seres humanos não se originaram de um único primeiro casal (Adão e Eva). Essa crença mítica não tem o menor sentido perante as

pesquisas antropológicas sobre a origem do homem e das diversas raças de nosso planeta. A crença de que todos descendemos de Adão e Eva, casal responsável pelo “pecado original”, é, portanto, totalmente falsa, mentirosa.

Não é de admirar, portanto, que, entre as várias denominações cristãs e entre os próprios grandes teólogos e doutores da Igreja, as opiniões sobre o batismo sejam por demais contraditórias. Por exemplo: enquanto para a maioria das denominações cristãs, o batismo é absolutamente necessário para apagar o “pecado original” e para a salvação, para outras, ele não é absolutamente necessário (por exemplo, para os luteranos). Enquanto para algumas denominações cristãs, o batismo só é válido se for administrado exclusivamente a adultos (por exemplo, para os batistas), para outras, ele pode ser validamente administrado a crianças (por exemplo, para os católicos). Enquanto para o maior doutor da Igreja, Santo Tomás de Aquino, a eficácia do batismo dependia somente da fé daquele que o recebesse, para outro dos maiores doutores da Igreja Católica, Santo Agostinho, como as crianças que são batizadas não podem ter fé, é suficiente a fé dos padrinhos (cf. SCHUTEL, 1986, p. 38; ver também DER, verbete **batismo**).

22 - JESUS INSTITUIU O SACRAMENTO DA CONFISSÃO?

O Jesus mítico, sim; não, porém, o Jesus histórico. Na visão espírita (que sigo), não há perdão gratuito de nossos “pecados” e, portanto, não é pelo sacramento da confissão que obtemos o perdão de nossas faltas e de nossos erros. Somente através da prática do amor, da caridade, o homem consegue resgatar seus débitos e evoluir para mundos mais adiantados, onde passa a viver mais feliz e livre de reencarnações em mundos físicos atrasados como o planeta Terra.

Os cristãos católicos, porém, acreditam que o Jesus histórico instituiu o sacramento da confissão para o perdão gratuito de nossos pecados. Segundo esse dogma (ou mito) católico, a confissão é necessária para o perdão dos pecados e os sacerdotes católicos têm o poder de perdoar ou de reter os pecados dos fiéis, com base na seguinte passagem inautêntica do Evangelho de João:

“A paz esteja convosco! Como o Pai me enviou, também eu vos envio.” Dizendo isto, soprou sobre eles e lhes disse: “Recebei o Espírito Santo. Aqueles a quem perdoardes os pecados ser-lhes-ão perdoados; aqueles aos quais não perdoardes ser-lhes-ão retidos.” (João 20, 21-23)

Em primeiro lugar, a frase, supostamente dita por Jesus, “Recebei o Espírito Santo”, está errada, pois, no original grego não aparece aí o artigo definido, devendo a tradução correta ser “Recebei um Espírito Santo”, e não o Espírito Santo da Trindade Cristã.

Em segundo lugar, essa passagem evangélica é inautêntica, uma vez que os referidos versículos joaninos não são palavras do Jesus histórico, como nos asseguram os pesquisadores do SJ (cf. FUNK, Robert W., HOOVER, Roy W., & THE JESUS SEMINAR, p. 467).

Em terceiro lugar, como nos esclarece o teólogo e ex-padre católico Franz GRIESE, “a confissão, tal como hoje é praticada na Igreja Católica, era completamente desconhecida nos tempos dos apóstolos” (GRIESE, p. 147). Foi somente no século 13, no ano de 1215, que o papa Inocêncio III, no Sínodo de Latrão, tornou a confissão obrigatória, ao menos uma vez por ano.

Em quarto lugar, o próprio Jesus disse que “ninguém deixará de pagar até o último centavo” (Mateus 5,26; Lucas 12,59), ou seja, até o espírito se tornar purificado através de múltiplas (re)encarnações, ensinamento este que nega radicalmente três verdades do cristianismo dogmático: 1) o dogma cristão do inferno eterno; 2) a crença na unicidade de nossa existência no plano físico e 3) o sacramento católico da confissão.

Em razão desses argumentos e dados históricos, podemos concluir a presente resposta reafirmando, com Franz GRIESE, que “a confissão é uma instituição absolutamente contrária à doutrina do Jesus histórico e à tradição apostólica” (GRIESE, *ibid.*).

O Jesus histórico, de fato, não instituiu nenhum sacramento. Todos os sacramentos da Igreja, repito, foram instituídos por ela mesma ao longo dos séculos.

Os protestantes já vêm entendendo essa verdade há cerca de 500 anos, pois passaram a rejeitar quase todos os

sacramentos da Igreja Católica, com exceção do batismo e da Ceia Eucarística (celebrada apenas simbolicamente em memória de Cristo, negando, portanto, o dogma católico da transubstanciação).

23 - JESUS REALIZOU O MILAGRE DA TRANSUBSTANCIAÇÃO?

O Jesus mítico, sim; não, porém, o Jesus histórico. Segundo os católicos, o Jesus mítico, na noite que precedeu a sua morte, celebrou a última ceia com seus apóstolos, na qual tomou o pão da mesa, fez uma prece e o distribuiu aos seus apóstolos, dizendo: “Tomai e comei, **isto é o meu corpo**”. Depois, tomou o cálice com vinho, fez uma prece e o deu aos seus apóstolos, dizendo: “Tomai e bebei: **isto é o meu sangue**”.

Com estas palavras, Jesus teria realizado o **milagre da “transubstanciação”**), de tal maneira que, depois da consagração, cada molécula do que antes era pão e vinho transformou-se no Jesus inteiro: corpo, sangue, alma e divindade. Do pão e do vinho restaram apenas as aparências, chamadas de “espécies” ou “acidentes”, a figura exterior, em oposição à “substância” (= “natureza” ou “essência”).

Asseguram ainda os católicos que, naquela última ceia, como em cada missa, se celebrou e se celebra, de modo **“incruento”**, isto é, sem derramamento de sangue, o sacrifício de Cristo na cruz. Eu pergunto: se a missa é a celebração “incruenta” do sacrifício de Cristo na cruz, ou seja, sem derramamento de seu sangue, **como pode, então, o vinho consagrado ser o “sangue” de Cristo? Como podem os fiéis estar literalmente bebendo o sangue de Cristo, na Ceia Eucarística, se a missa é sacrifício sem sangue?** Eis aí, portanto, mais uma grande contradição ou mentira católica: **beber o sangue de Cristo numa celebração sem sangue.**”E o pior é que o exame em laboratório das espécies consagradas demonstra que as pessoas estão certas em sua descrença... Ora, se a missa é sacrifício sem sangue, poderia o vinho consagrado ser o sangue real de Jesus?” (CHAVES, José Reis, coluna no diário O TEMPO, de Belo Horizonte, 16/6/2008, p. 2).

O escritor e ex-padre católico José Barbosa Neto contesta convincentemente o mito católico da Ceia Eucarística da seguinte

forma: Como poderia Jesus ter dito, na Última Ceia, que **em suas mãos estavam o seu próprio corpo e sangue,**

quando ainda estava **VIVO NO MEIO DOS DISCÍPULOS**, habitando o mesmo corpo com o qual nascera de Maria e com o qual **andara e ainda estava andando** na companhia dos discípulos? Tal pensamento propalado pela Igreja Romana para assegurar a doutrina da **transubstanciação** fere frontalmente a inteligência das pessoas sensatas! Muitas vezes, nas **Sagradas Escrituras** encontramos a mesma construção gramatical, onde o verbo ser é usado com o sentido de **representar [isto é meu corpo = isto representa meu corpo]**, e nessas passagens não pode ter outro significado (NETO, 2004, p. 83)

24 - JESUS AFIRMOU QUE A COMUNHÃO EUCARÍSTICA É NECESSÁRIA PARA A SALVAÇÃO DE TODOS?

O Jesus mítico, sim; não, porém, o Jesus histórico. Os católicos, apoiados em várias passagens bíblicas falsamente atribuídas ao Jesus histórico, no Evangelho de João, acreditam que a Comunhão Eucarística é necessária para a salvação de todos: **“Se não comerdes a carne do Filho do Homem e não beberdes o seu sangue, não tereis a vida em vós. Quem come a minha carne e bebe o meu sangue tem a vida eterna”** (João 6,53-54) (negrito meu).

Se essa passagem evangélica, sobre o que o Jesus histórico disse fosse literalmente verdadeira, somente os católicos (atualmente um pouco mais de um bilhão de fiéis) teriam a vida eterna, ou sejam, seriam salvos, e os mais de seis bilhões de seres humanos não católicos iriam todos para o inferno eterno. Isso é mentira ou verdade sobre o que Jesus histórico disse?

À luz da “fé raciocinada”, não podemos concordar com essas passagens bíblicas exclusivistas, falsamente atribuídas ao Jesus histórico, segundo as quais só teriam a vida eterna os que comem a sua carne e bebem o seu sangue.

Se Cristo é Deus, conforme a fé cristã dogmática, é preciso saber que o verdadeiro Deus, não pode ter carne nem sangue, pois Deus é puro ESPÍRITO imaterial.

Claro que é uma grande mentira apocalíptica, falsamente atribuída ao Jesus histórico pelo evangelista João, pois o inferno eterno não existe e o Jesus histórico, como um religioso pluralista, jamais iria excluir de seu Reino a grande maioria da população deste planeta, que supostamente não come sua carne nem bebe seu sangue, isto é, seres humanos que não praticam, como os católicos, ritos e cultos míticos pagãos de **antropofagia** (comida de carne humana) e **teofagia** (comida de carne divina). Além disso, à luz da fé raciocinada e da história das religiões, a Ceia Eucarística católica não foi instituída pelo Jesus histórico, mas pelo Jesus mítico. Ela é um rito de origem pagã.

25 - JESUS AFIRMOU QUE ESTAVA FISICAMENTE PRESENTE NA EUCARISTIA?

O Jesus mítico, sim; não, porém, o Jesus histórico. Se o Jesus histórico, na Última Ceia, transformou literalmente o pão em seu corpo físico e o vinho em seu sangue, pode-se concluir, então, que **ele comeu e bebeu ele mesmo, na Santa Ceia, quando ainda estava VIVO NO MEIO DOS DISCÍPULOS, habitando o mesmo corpo físico, com o qual andava e ainda estava andando**, crença essa que, no correto dizer do escritor e ex-padre católico José Barbosa Neto, “fere frontalmente a inteligência das pessoas sensatas!” (NETO, 2004, p. 83)

Como pode o Jesus histórico estar **FISICAMENTE** presente (com seu corpo **PESADO**, com sua **ALTURA** e com todos os seus membros) na hóstia e no vinho consagrados?

Como é que mais de um bilhão de fiéis católicos ainda interpretam *literalmente* este velho mito da “transubstanciação” eucarística? A fé sagrada na presença física de Cristo na Eucaristia, embora mereça todo o nosso respeito, é, porém, à luz da fé raciocinada e da história das religiões, totalmente cega, falsa, mentirosa.

Por conseguinte, a Ceia Eucarística não pode ter sido instituída pelo Jesus histórico. O renomado teólogo e ex-padre católico John

Dominic Crossan, em seu livro *O Jesus Histórico*, argumenta que a Ceia Eucarística, interpretada literalmente, não é originária do Jesus histórico (cf. CROSSAN, 1994, p. 398-399).

Mais precisamente, ele mostra que a Ceia Eucarística, como referida num dos livros mais antigos do cristianismo, o chamado *Didaqué* (ou “Instrução dos Doze Apóstolos”), escrito por volta do final do Século I de nossa era (mas descoberto somente no ano 1883), nada tem a ver com os acréscimos posteriores católicos a respeito da Ceia Eucarística, supostamente instituída pelo Jesus histórico, e sobre o suposto milagre da “transubstanciação”. Na Ceia Eucarística descrita no livro *Didaqué* (capítulos 9 e 10), **“não há qualquer menção de uma refeição feita para comemorar a Páscoa, de uma última ceia, nem de alguma conexão com a morte de Jesus ou sua celebração”** (CROSSAN, *ibid.*, p. 400) (negrito meu).

26 - JESUS É LITERALMENTE “DEUS O FILHO”?

O Jesus mítico, sim; não, porém, o Jesus histórico. O Jesus mítico (ou mitológico) é literalmente interpretado como “Deus o filho” (DEUS ENCARNADO, SEGUNDA PESSOA DA SANTÍSSIMA TRINDADE).

No livro *The Myth of God Incarnate* (‘O Mito do Deus Encarnado’), John Hick explica que o encontro da imagem judaica do “filho de Deus” (no sentido figurado/honorífico/adotivo) com a imagem mitológica grega de “Deus o filho” (Deus encarnado numa pessoa humana) deu origem ao dogma do Deus encarnado, fazendo com que Jesus passasse, no cristianismo primitivo, de “filho de Deus” para “Deus o filho” (DEUS ENCARNADO, SEGUNDA PESSOA DA SANTÍSSIMA TRINDADE). Nesse livro (cf. HICK, 1977, p. 174-175), John Hick nos dá uma excelente explicação sobre esse encontro das duas culturas mitológicas (a judaica e a grega).

Em primeiro lugar, é preciso reafirmar que ser “filho de Deus”, na cultura hebraica, não significava ser Deus, mas era um título honorífico, como se infere de João: “A todos quantos o receberam, deu-lhes o poder de se tornarem **filhos de Deus**” (João 1,12) (negrito meu).

Já na cultura grega, era muito comum a ideia mítica de alguém ser “filho de uma divindade” (no sentido literal da palavra) e de uma divindade encarnar-se em forma humana – O MITO DO DEUS ENCARNADO – daí ter sido fácil a transição da imagem judaica de “filho de Deus”, no sentido honorífico, para a imagem mitológica grega de “Deus o filho” (DEUS ENCARNADO NUMA PESSOA HUMANA).

Mais explicitamente, John Hick esclarece como a velha linguagem metafórica judaica de “filho de Deus” (no sentido adotivo), título geralmente atribuído aos reis de Israel por ocasião de suas coroações (e também atribuído a Jesus pelos cristãos do cristianismo nascente) transformou-se, devido ao encontro da cultura judaica com a cultura grega, na figura mitológica de “Deus o filho”, fazendo com que Jesus passasse, no cristianismo primitivo, de “filho de Deus” para “Deus o filho” (DEUS ENCARNADO, SEGUNDA PESSOA DA SANTÍSSIMA TRINDADE).

Eis como Hick descreve esse encontro das duas culturas (a judaica e a grega), mediante o qual os cristãos fizeram com que Jesus passasse de “filho de Deus” para “Deus o filho”:

A primitiva comunidade cristã percorreu uma trajetória cultural que se iniciou com o judaísmo e desembocou na cultura helenista do mundo greco-romano. As ideias de deificação e encarnação eram muito comuns na cultura helenista e, quando se encontram com a imagem judaica do “filho de Deus”, essas novas categorias fazem acontecer uma significativa transição na imagem cristã de Jesus: de “filho de Deus” para “Deus o filho”, a segunda pessoa da Trindade (HICK, 1977, p. 175).

Em termos mais claros ainda, Hick (ibid.) explica que

dentro do próprio judaísmo, a noção de um homem ser chamado “filho de Deus” já existia há muito tempo. O Messias devia ser um rei terreno descendente de Davi e os reis antigos da linhagem de Davi recebiam o título divino de “filho de Deus” ao serem ungidos na posse do cargo: as palavras do Salmo 2, 7, “Ele me disse: ‘Tu és meu filho, eu

hoje te gerei” “ foram provavelmente usadas nas cerimônias de coroação. Outro texto-chave é o 2º Livro de Samuel (2Samuel 7,14): “Eu serei para ele um pai e ele será para mim um filho”, novamente dito a respeito do rei terreno. Portanto, **a linguagem de exaltação que a Igreja inicial aplicou a Jesus já fazia parte da longa tradição judaica** (ibid.) (negrito meu).

John Hick faz, com muita propriedade, o seguinte questionamento:

Como devemos entender essa linguagem antiga da filiação divina? Literal ou metaforicamente? O rei era literalmente filho de Deus? Claro que não. Dizer que o rei era “filho de Deus” era uma forma metafórica de se expressarem as qualidades do rei. O rei está mais próximo de Deus do que qualquer outra pessoa. Por isso, ele é chamado de “filho de Deus” (Salmo 2,7). Na linguagem mitológica, diz-se que Deus o “gerou”. Mas o rei é considerado “filho de Deus” apenas por “adoção”, e não por geração física, isto é, como sendo fisicamente “filho de Deus” (HICK, ibid.) (negrito meu).

Hick explica ainda que o relato do batismo de Jesus refuta o sentido físico de sua suposta filiação divina:

O sentido físico da filiação divina de Jesus é claramente refutado no relato do batismo de Jesus, em que se ouve a fórmula antiga, vinda do céu, de adoção filial usada na coroação dos reis: “Tu és meu filho” (Salmo 2,7). Essa, por conseguinte, parece ter sido a passagem bíblica do Novo Testamento que deu origem à crença na filiação divina de Jesus. E a crença de que Jesus era da linhagem de Davi e de que era o Messias contribuiu para atribuir a ele a imagem da filiação divina. Assim, o Evangelho de Marcos inicia apresentando “Jesus, o Messias, Filho de Deus”. E, com o desenvolvimento da teologia cristã, fez-se a transição de “Filho de Deus” para “Deus o Filho”, a Segunda Pessoa da Trindade (ibid., p. 175).

27 - TODAS AS PASSAGENS EVANGÉLICAS ATRIBUÍDAS A JESUS SÃO LITERAL E HISTORICAMENTE VERDADEIRAS?

A respeito do Jesus mítico, sim; não, porém, a respeito do Jesus histórico. Vejamos alguns exemplos para comprovar que quase todas as passagens evangélicas sobre o nascimento, a infância e a vida de Jesus não são verdades históricas nem exclusivas do cristianismo, mas são mitos, lendas, metáforas ou parábolas, comuns a muitos outros personagens importantes da história.

Conforme já vimos, mas convém repetir aqui, há coincidências interessantes entre o Jesus mítico que os cristãos apresentam e os deuses e personagens míticos anteriores, como o deus Hórus, do Egito; o deus Mitra, da Pérsia; e o deus Krishna, da Índia. Nas palavras de Juan Arias,

todos nascem de uma virgem. Hórus e Mitra também nascem em 25 de dezembro. Todos fizeram milagres, **todos tiveram 12 discípulos que corresponderiam aos 12 signos do zodíaco**, todos ressuscitaram e subiram aos céus depois de morrer. Hórus e Mitra foram chamados Messias, Redentores e Filhos de Deus. Krishna foi considerado a Segunda Pessoa da Santíssima Trindade e foi perseguido por um tirano que matou milhares de crianças inocentes. Além disso, Krishna também se transfigurou, como Jesus, diante de seus três discípulos preferidos, foi crucificado e subiu aos céus. Exatamente como o profeta de Nazaré. Os mitólogos se perguntam: “Precisamos de mais coincidência?” (ARIAS, 2001, p. 111-112) (negrito meu).

Claro que não. O deus Attis, da Frígia, também nasceu de uma virgem, chamada Nana, no dia 25 de dezembro, foi crucificado, colocado no túmulo e, 3 dias depois, ressuscitou.

O deus Krishna, da Índia, cerca de 4 mil anos antes de Cristo, também nasceu de uma virgem, de nome Devaki, com uma estrela no Oriente a assinalar a sua chegada, fez milagres em conjunto com seus discípulos e, após a morte, ressuscitou. Ele também dizia que era O CAMINHO, A VERDADE, A VIDA E A LUZ DO MUNDO.

O deus Dioniso, da Grécia, também nasce de uma virgem, no dia 25 de dezembro, foi um peregrino que praticou milagres, como: transformar água em vinho, e é referido como “Rei dos Reis”,

“Filho de Deus” (aliás, o termo “Dioniso” significa, etimologicamente, “Filho de Deus”: **Dio-niso**). Ele também é referido como sendo “Alfa e Ômega” e, após sua morte, ressuscita.

O deus Mitra, da Pérsia, mil anos antes de Cristo, também nasceu de uma virgem, no dia 25 de dezembro, teve 12 discípulos, praticou milagres e, após sua morte, foi enterrado e, 3 dias depois, ressuscitou. Ele também era referido como “A Verdade”, “A Luz”, entre muitos outros nomes. Ele também instituiu 7 sacramentos, entre os quais figuram o batismo, a confirmação e a comunhão: pão e vinho consagrados por fórmulas rituais. Curiosamente, o dia sagrado de adoração a Mitra era o Domingo (“Dia do Senhor”, ou seja, “Dia do Senhor Sol”, “Dia do Deus-Sol”, pois o Sol era o “Senhor-Deus” por excelência das religiões antigas). O termo “domingo” é uma derivação de “*dies dominica*”, “dia do Senhor”, isto é, do “Senhor Sol”, pois o Deus-Sol era o *dominus* (**senhor**) por excelência. O Domingo era o dia de adoração ao “Deus-Sol” (em inglês “Sunday”, em alemão “Sonntag” = “Dia do Sol”, ou seja, “Dia do Deus-Sol”).

Os estudos comparativos das religiões mostram claramente que este Jesus da fé cristã ortodoxa é, de fato, uma incorporação de elementos de outros deuses ou personagens mitológicos de séculos anteriores a ele, incorporação esta feita pelos teólogos da Igreja Católica, com a finalidade de provar o mito segundo o qual Jesus é o único Deus encarnado, o único Salvador da humanidade, o único que nasceu de um parto virginal, o único que ressuscitou dos mortos, o único caminho, a única verdade e o único juiz da humanidade.

A grande polêmica nesta questão, a respeito da verdadeira identidade (ou natureza) do Jesus histórico, é que muitos religiosos não querem admitir a separação fundamental entre MITO e HISTÓRIA. Mas é necessário separar uma coisa da outra. Verdade mítica não é a mesma coisa que verdade histórica e vice-versa. Assim, é preciso separar um personagem mítico, lendário, de um personagem histórico, real.

Com base nessa fundamental distinção, eu pergunto: O Jesus exclusivista, único Deus encarnado, único Filho de Deus, único

salvador da humanidade, nascido miraculosamente de um parto virginal, é um personagem histórico ou mítico, lendário?

Claro que é um personagem mítico ou mitológico, lendário, criado, inventado pelos cristãos, e não um personagem histórico, real, o chamado “Jesus histórico”, uma pessoa inteiramente humana, que nasceu de um parto normal como qualquer um de nós, que nunca declarou ser Deus nem o único redentor da humanidade mediante seu sangue derramado na cruz.

O “Jesus histórico” foi, contudo, mitificado, isto é, transformado num personagem mítico, divino, celeste (o chamado “Cristo da fé”), idêntico aos deuses pagãos e solares de muitas outras chamadas “religiões de mistérios”, ou seja, “religiões de salvação” **em que um Deus-Homem morre pelos pecados da humanidade, ressuscita fisicamente ao terceiro dia e sobe ao céu de onde retornará para julgar a humanidade.**

Em suma, defendendo a tese em meus livros ecumênicos de que o “Jesus histórico” **é um personagem real, somente homem, um profeta, um sábio, que nos ensinou a amar o próximo, mas que foi, contudo, mitificado, isto é, transformado, ao longo da história, no “Cristo da fé”, que é um mito pagão e solar historicizado, ou seja, um mito que é literalmente interpretado, pela maioria dos cristãos, como história real e exclusiva do cristianismo, o que não é verdade, mas mentira sobre o Jesus histórico, como comprovo em meus livros ecumênicos.**

Com base na separação entre mito e história, os estudiosos do cristianismo vêm, há mais de 200 anos, fazendo a polêmica distinção entre o “Jesus mítico” (chamado também de “Cristo da fé”) e o “Jesus histórico”.

Para encerrar a resposta desta pergunta, reafirmo que as crenças cristãs exclusivistas são o que chamo em meu 5º livro ecumênico de “**MENTIRAS SOBRE JESUS**”, pois o meu Jesus, chamado de **JESUS HISTÓRICO**, em contraposição ao chamado **JESUS MÍTICO** (ou **CRISTO DA FÉ**), nunca foi exclusivista, mas pluralista, o qual nunca discriminou ninguém, mas nos ensinou que, para evoluirmos espiritualmente e para sermos seus discípulos, devemos **AMAR O PRÓXIMO**: “**Nisso conhecerão todos que**

sois meus discípulos, se tiverdes amor uns pelos outros” (João 13,35) (negrito meu).

28 - JESUS ENSINOU QUE EXISTE O INFERNO ETERNO?

O Jesus mítico, sim; não, porém, o Jesus histórico. As passagens evangélicas apocalípticas que atribuem ao Jesus histórico a sua pregação do “inferno eterno”, “fogo eterno”, “castigo eterno”, “penas eternas” (tradução do termo hebraico “geena”, que era “o lixão” de Jerusalém) não são de autoria do Jesus histórico, mas dos evangelistas, como as seguintes: “Se a tua mão te escandalizar, corta-a: melhor é entrares mutilado para a Vida do que, tendo as duas mãos, ires para a geena, para o fogo inextinguível [=o inferno eterno]. E se o teu pé te escandalizar, corta-o; melhor é entrares com um só pé para a Vida do que, tendo os dois pés, seres atirado na geena. E se o teu olho te escandalizar, atira-o fora: melhor é entrares com um só olho no Reino de Deus do que, tendo os dois olhos, seres atirado na geena, *onde o verme deles não tem fim e onde o fogo não se extingue*” (Marcos 9, 43-46). “Caso o teu olho direito te leve a pecar, arranca-o e lança-o para longe de ti, pois é preferível que se perca um dos teus membros do que todo o teu corpo seja lançado na geena. Caso a tua mão direita te leve a pecar, corta-a e lança-a para longe de ti, pois é preferível que se perca um dos teus membros do que todo o teu corpo vá para a geena” (Mateus 5,29-30). “Em seguida, dirá aos que estão à sua esquerda: ‘Apartai-vos de mim, malditos, para o fogo eterno, preparado para o diabo e para os seus anjos’ “ (Mateus 25, 41).

Todas essas passagens apocalípticas, repito, não são de autoria do Jesus histórico, mas dos evangelistas Marcos e Mateus. O Jesus histórico mesmo nunca ensinou que existe o inferno eterno, no sentido de castigo sem fim, de penas eternas. Ele ensinou, corretamente, que “ninguém deixará de pagar até o último centavo” (Mateus 5,26; Lucas 12,59), ou seja, até o espírito se tornar purificado. Logo, nenhum espírito ficará pagando eternamente suas faltas. Um dia, todos terminarão de pagá-las.

Mais explicitamente, este ensinamento do Jesus histórico nega a existência de castigos eternos, infinitos, e assegura que somos

nós mesmos que temos que pagar os nossos pecados, não no inferno eterno, mas em múltiplas (re)encarnações no plano físico, pois nós colhemos o que plantamos, e, portanto, não é o Jesus mítico, com seu sangue derramado na cruz, que paga os nossos pecados.

Só quem tem “fé cega” é que pode crer que Deus castiga seus filhos com penas eternas. É preciso refletirmos, à luz do bom-senso e da “fé raciocinada”, que a paternidade, o amor e a misericórdia de Deus não podem conciliar-se com a doutrina cristã repugnante, irracional e mentirosa de castigo eterno, sem fim.

A doutrina cristã apocalíptica de penas eternas (inferno eterno), ou seja, de castigo sem fim, para sempre, após a morte, é, à luz da filosofia espírita da “fé raciocinada”, totalmente absurda, porque contradiz frontalmente a bondade e a misericórdia infinitas de Deus.

Muitos cristãos dogmáticos argumentam que as penas do inferno são eternas porque Deus também é eterno e infinito. Se o ofendido (Deus) é infinito e eterno, as penalidades contra Ele também têm que ser infinitas, eternas. Será que essa argumentação é verdadeira? À luz da fé raciocinada, não. Em primeiro lugar, o Deus verdadeiro não pode “ofender-se”, pois Ele é perfeitíssimo. Somente o Deus antropomórfico, como o dos cristãos fundamentalistas, é que pode se ofender e se vingar dos que o ofendem. Em segundo lugar, faço o seguinte questionamento: Será que algum pai aqui na Terra colocaria na fogueira, por toda a vida, um filho seu por ter cometido uma falta grave? Seria esse um pai amoroso e justo? Claro que não.

Deus seria, por conseguinte, injusto e cruel se punisse **faltas finitas com penas infinitas**. O Deus verdadeiro, porém, pregado pelo Jesus histórico, não é cruel, mas é um Deus de amor e misericórdia infinita.

Reafirmo que, em nossa visão reencarnacionista, não existem penas eternas, mas somente penas temporárias, como ensina a Doutrina Espírita, para que possamos resgatar nossos débitos espirituais cometidos nesta encarnação ou em encarnações passadas.

A crença no inferno eterno, como esclarece o renomado filósofo italiano Pietro Ubaldi, é incompatível com a **reencarnação**:

A teoria do inferno eterno, considerada sem paixão, com a finalidade não de concluir a favor de uma religião ou de outra, mas apenas de conhecer a verdade, não se sustém diante da teoria reencarnacionista, ainda que possa ser aplicada como um terrorismo psicológico, produto de tempos ferozes, necessário para gente feroz (UBALDI, 1986, p. 184).

Quanto à crença no inferno e no seu **fogo eterno**, refletimos sobre o que diz o escritor mineiro José Reis Chaves:

A crença no inferno, hoje, também está sendo desmoronada entre os teólogos, embora não falem isso, às vezes, em público, para não assustarem as pessoas mais simples, beatas. [...] Quanto ao **fogo do inferno**, ele é **esotérico** e não **exotérico**. **Esotérico** quer dizer que ele é metafórico. Aliás, o fogo na Bíblia é sempre metafórico (CHAVES, 2006a, p. 189-188) (negrito meu).

A expressão “fogo eterno” é, de fato, pura questão de linguagem figurada. A palavra “eterno” pode ter diversos sentidos, podendo significar não somente “aquilo que não tem fim”, como também “algo de duração imprecisa ou indefinida” ou “algo de longa duração”.

A respeito da etimologia, das mentiras, dos erros de tradução e dos significados primitivos e atuais da expressão “inferno eterno”, aconselho aos meus leitores, que desejarem se aprofundar nesse tema, que leiam as três obras seguintes: 1) RODRÍGUEZ, Pepe. *Mentiras Fundamentais da Igreja Católica*: uma análise das graves contradições da Bíblia e de como esta foi manipulada em proveito da Igreja. Lisboa-Portugal: Editora Terramar, 2001, cap. XVII (A DOCTRINA CATÓLICA DO INFERNO); 2) CHAVES, José Reis. *A Bíblia e o Espiritismo*: artigos teológicos. Belo Horizonte: Editora Espaço Literarium, 2009, p. 125-126) e 2) NETO, Eduardo de Castro Bezerra. *Inferno e céu*: desafio à inteligência. Fortaleza: *Premius* Editora, 2010.

Refletimos agora um pouco sobre o que diz cada um desses três autores sobre o tema do “inferno eterno”:

Infernus procede etimologicamente de *inferus* – inferior –, dada a crença então existente de que este mundo dos mortos

se achava debaixo da terra. Razão, aliás, por que o fogo dos vulcões era visto como uma prova evidente de que os antros do *infernus* se situavam a esse nível. Quando se elaborou o modelo do inferno católico, copiou-se o já existente entre os pagãos, com os seus múltiplos departamentos especializados. Eis o motivo por que o credo [apostólico] não só afirma que Jesus “desceu”, como acrescenta que desceu “aos infernos” (que eram obviamente vários e não apenas um só, como finalmente acabou sendo convicção da Igreja). Ao confundir a geena (ou seja, o vale de Ge-Ennon e suas antigas lendas) com o inferno, a Igreja acabou por identificar os velhos deuses pagãos como Moloc com o próprio Satanás, transformando os Cananeus em adoradores de demônios (RODRÍGUEZ, 2001, p. 328, nota 5).

“Olam”, em hebraico, significa eterno e é procedente do verbo “alam” (ocultar). Eterno quer dizer, pois, oculto. E em grego, a língua em que foi escrito o Novo Testamento, o substantivo “aêon”, traduzido para a Vulgata Latina de São Jerônimo por “eternitas” (eternidade ou tempo indefinido), é um termo derivado de “aetas” (idade, período). **Vida e inferno eternos são de tempos indeterminados e não para sempre.** Há lógica nisso, pois de acordo com a nossa evolução espiritual, os períodos de existência do espírito vão-se transformando para melhores ou de mais felicidade. **E o inferno eterno é realmente de duração indeterminada, porque depende do carma de cada um** (CHAVES, 2009, p. 125) (negrito meu).

O escritor Eduardo de Castro Bezerra Neto, em seu referido livro (*Inferno e Céu: desafio à inteligência*), defende a tese de que a ideia cristã do castigo eterno (ou inferno eterno) é fruto de traduções erradas do Novo Testamento. Para concluir a resposta da presente pergunta, leiamos o seguinte texto da referida obra desse autor:

O castigo eterno pelo fogo não é a mensagem fiel do que está contido no texto grego do NT [Novo Testamento]. Não foi esse o ensinamento de Jesus. Não foi esse o anúncio retransmitido pelos primeiros pregadores cristãos. Nos dias atuais é necessário retornar ao que está escrito nos manuscritos e buscar reviver a mentalidade dos autores.

Para quem tem a mente aberta, não é tão difícil quanto parece. A respeito do *inferno*, trata-se de uma palavra que é empregada em contextos muito diversificados. [...] As imagens têm significados não coincidentes. Se o *inferno* fosse uma realidade definida na mensagem de Jesus, ele a teria apresentado claramente, da forma tal qual é. O ensino seria único, sem deixar dúvidas. Se a mensagem cristã original é tão diversificada a respeito do *castigo*, é porque os convertidos foram instruídos através de imagens que demonstram que as pessoas de má conduta não têm acesso a um fim tranquilo quando morrem. Este é o único ponto em comum em todas as imagens transmitidas aos primeiros cristãos. Quem teve comportamento reprovável em vida, deve aguardar um destino de sofrimento compensatório do mal praticado. Trata-se de *correção*, *disciplina*, *purificação*. A ideia de punição surgiu depois (NETO, 2010, p. 57).

29 - JESUS FOI TENTADO PELO DIABO, PASSOU GRANDE PARTE DE SUA VIDA PÚBLICA “EXPULSANDO DEMÔNIOS” DO CORPO DAS PESSOAS E, APÓS SUA MORTE, “DESCEU AOS INFERNOS”?

O Jesus mítico, sim; não, porém, o Jesus histórico. Aqui, temos mais três grandes mentiras sobre o Jesus histórico: 1) a mentira segundo a qual ele foi tentado pelo diabo (cf. Mateus 4,1-11); 2) a mentira segundo a qual ele passou grande parte de sua vida pública “expulsando demônios” do corpo das pessoas (cf. Marcos 1,21-28; 9,17-28; Lucas 4,31-37) e 3) a mentira segundo a qual ele “desceu aos infernos”, ou seja, á “mansão dos mortos”, depois que faleceu (como consta no Credo Apostólico).

Se não existe inferno, como pode Jesus ter sido tentado pelo diabo e tenha passado grande parte de sua vida pública “expulsando demônios” do corpo das pessoas?

Como comprovam os estudiosos críticos das religiões, o inferno (ou os infernos) e o diabo são velhos mitos e, portanto, não podem ser interpretados ao pé da letra, como verdades históricas e absolutas. As narrativas da suposta tentação de Jesus pelo diabo, da sua suposta “expulsão de demônios” do corpo das pessoas e

da sua suposta “descida aos infernos”, após sua morte, são lendas inventadas pela imaginação da Igreja antiga, ou copiadas da literatura de outras religiões ou culturas bem mais antigas do que o cristianismo.

Na literatura budista, por exemplo, Buda também foi tentado pelo diabo, prova de que a figura mítica do diabo já existia antes do cristianismo, pois Buda viveu cerca de cinco séculos antes de Cristo.

Várias passagens do Novo Testamento mostram Jesus “expulsando demônios”, chamados também de “espíritos impuros ou imundos”; por exemplo, Marcos (9,17-28) narra a cura de um menino “possuído por um espírito imundo”; na realidade, o referido menino sofria de *epilepsia*, e não de “possessão demoníaca”. É que na época em que a Bíblia foi escrita, todas as doenças eram mítica e erroneamente interpretadas como obra do demônio, o qual não é um personagem real, mas mítico.

O escritor Pepe Rodríguez, em seu referido livro (*Mentiras Fundamentais da Igreja Católica*), esclarece muito bem a origem pagã do diabo, dos demônios e do inferno, nos seguintes termos:

O diabo e as suas legiões de demônios é uma ideia desenvolvida pela religião *pagã* persa que posteriormente penetrou no judaísmo (nomeadamente no Velho Testamento) na época da dominação persa, nos séculos VI-IV a.C. [...] Na época de Jesus, muitas doenças como a epilepsia e outros transtornos de foro psiquiátrico eram atribuídas à possessão demoníaca. O Jesus do Novo Testamento não acreditava na existência do que veio a ser o inferno católico nem, aliás, na existência do inferno, origem dos “demônios” que tanta fama lhe granjearam ao expulsá-los de alguns dos seus seguidores. E a razão é muito simples: “É absolutamente contraditório admitir o amor e a misericórdia de Deus e, ao mesmo tempo, admitir a existência de um lugar de torturas eternas” (Küng, Hans. *Credo*, Trotta, Madrid, 1994, p. 176)”. [...] E, por piada, qualquer turista que visite Jerusalém pode descer à geena, ou inferno católico, passear tranquilamente por ela, bronzear-se (mas não assar) à torreira de um sol abrasador (de um fogo cósmico e não divino, e sair indemne por sua

livre vontade, sem ter de comprar indulgências (salvo a gorjeta que dará ao cicerone). Depois de uma tão grande façanha, já se poderá gabar na roda dos seus amigalhões de “ter descido aos infernos”, tal como fez Jesus no credo católico (RODRÍGUEZ, 2001, p. 330-331).

30 - JESUS FOI O ÚNICO DEUS ENCARNADO?

O Jesus mítico, sim; não, porém, o Jesus histórico. O Jesus mítico é visto pelos cristãos dogmáticos como o único Deus encarnado deste planeta, mas o Jesus histórico não é o único Deus encarnado, pois **todos nós também somos Deus encarnado**, não no nosso ego, mas na profundidade do nosso ser, como bem expressou Joseph Campbell, uma das maiores autoridades no campo da mitologia no século XX, em sua monumental obra “O Poder do Mito”, já com 28 edições:

Veja, há dois modos de pensar “**Eu sou Deus**”. Se você pensa: “Aqui, em minha presença física e em meu caráter temporal, eu sou Deus”, então você está louco e provocou um curto-circuito na experiência. **Você é Deus não em seu ego, mas em seu mais profundo ser, onde você é uno com o transcendente não dual** (CAMPBELL, 2011, p. 221) (negrito meu).

É este Deus transcendente, não dual, não pessoal e invisível (o chamado *Cristo interno, a centelha divina, Deus dentro de nós*) que nos sustenta: **“O tema básico de toda a mitologia é o de que existe um plano invisível sustentando o visível** (CAMPBELL, 2011, p. 76) (negrito meu).

Os antigos situaram no centro do mito uma pessoa ideal que simbolizasse a humanidade em si na sua natureza dual humana e divina. Essa pessoa ideal – os nomes eram Tamuz, Adônis, Mitra, Dioniso, Krishna, Cristo, entre muitos outros – simbolizava a centelha divina encarnada em todo ser humano, o elemento “destinado em última análise a deificar a humanidade” (HARPUR, 2008, p. 36).

Para concluir a resposta da presente pergunta deste meu 8º livro ecumênico, reafirmo que o Jesus histórico não é o único Deus

encarnado, uma vez que todos nós também o somos, não no nosso ego, ou seja no nosso eu inferior, mas na profundidade do nosso ser.

31- JESUS ERA UMA PESSOA “EXCLUSIVISTA”?

O Jesus mítico, sim; não, porém, o Jesus histórico. O Jesus histórico era uma pessoa totalmente pluralista, mas o Jesus mítico era uma pessoa superexclusivista. O Jesus mítico teria afirmado: **“Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida. Ninguém vem ao Pai a não ser por mim”** (João 14,6) (negrito meu).

Argumento que este versículo joanino (João 14,6), um dos mais citados em toda a literatura cristã, não é de autoria do Jesus histórico, porque é um versículo “superexclusivista” e o Jesus histórico foi um personagem altamente “pluralista”, ou seja, uma pessoa que não excluía ninguém. Por isso, faço um forte alerta macroecumênico a respeito desse famoso versículo joanino, segundo o qual o Jesus histórico teria afirmado ser O CAMINHO, A VERDADE E A VIDA E QUE NINGUÉM IRIA AO PAI A NÃO SER POR MEIO DELE. Imaginem quanta discriminação por parte dos cristãos, ao longo de toda a sua história, contra as outras religiões, exatamente com base em interpretações literalistas e exclusivistas dos escritores do Novo Testamento (NT), a respeito de palavras inautênticas atribuídas ao Jesus histórico, como as desse famoso versículo joanino.

Se Jesus é literalmente o caminho, não há outro caminho, ou seja, ficam excluídas automaticamente todas as pessoas que seguem outros líderes religiosos e outras religiões. Nesse sentido, o *slogan* tão repetido em minhas obras ecumênicas (**NÃO IMPORTA O CAMINHO!**) perde totalmente o seu sentido pluralista, em favor de uma interpretação altamente exclusivista a respeito da pessoa de Jesus.

Imaginem que dois terços da humanidade (hoje cerca de 4 bilhões de seres humanos não cristãos) ficariam todos excluídos, caso passagens evangélicas exclusivistas como essa fossem realmente autênticas. Em outras palavras, para os cristãos exclusivistas, baseados num Evangelho também superexclusivista, como o de João, só há um caminho e uma só religião. Se Jesus é a verdade, todos os outros caminhos tornam-se automaticamente

“falsos”. Se Jesus é a vida, quem não o segue está “morto”, está “perdido” e “condenado” às penas eternas, conforme a interpretação apocalíptica da maioria dos cristãos. É mais do que evidente que o Jesus histórico, pluralista, ecumênico e macroecumênico jamais tenha sido o autor desse versículo joanino superexclusivista e apocalíptico, segundo o qual quem não segue o Jesus mítico está morto, perdido e condenado ao inferno eterno.

32 - JESUS COSTUMAVA FAZER DECLARAÇÕES EXCLUSIVISTAS NA 1ª PESSOA DO SINGULAR (“EU SOU”)?

O Jesus mítico, sim; não, porém, o Jesus histórico. Como esclarecem os pesquisadores do SJ (cf. FUNK & THE JESUS SEMINAR, 1998, p. 419) – os evangelistas não receiam pôr na boca do Jesus mítico muitas declarações, **na primeira pessoa do singular** (“Eu sou”), que ele nunca fez, pois ele não costumava iniciar diálogos fazendo afirmações míticas, espiritualmente arrogantes e exclusivistas sobre sua pessoa do tipo:

- Eu sou o pão da vida (João 6,35).
- Eu sou a luz do mundo (João 8,12).
- Eu sou o bom pastor (João 10,11).
- Eu sou a ressurreição e a vida (João 11,25).
- Eu sou o caminho, a verdade e a vida. Ninguém vai ao Pai a não ser por mim (João 14,6).
- Eu sou a verdadeira vide (João 15,1).

Essas declarações exclusivistas são palavras do evangelista João, e não palavras autênticas do Jesus histórico. João quer provar que Jesus é Deus e, por isso, põe em seus lábios expressões desse tipo, ou atribui a ele várias ações miraculosas no domínio da natureza, como a transformação de água em vinho (João 2,1-10), a multiplicação de pães (João 6,1-15), a caminhada sobre as águas (João 6, 16-21), a pesca milagrosa (João 21, 3-14), a ressurreição de Lázaro (João 11) etc., para provar a divindade de Jesus.

O evangelista João nos diz explicitamente por que é que escreveu a sua obra: “Para credes que Jesus é o Messias, o Filho de Deus, e para que, crendo, tenhais a vida em seu nome” (João 20,31).

O estudo crítico dos Evangelhos, realizado pelos pesquisadores do SJ, conclui que declarações, como as que exemplifiquei há pouco, nunca foram “palavras exatas” nem “autênticas” (do ponto de vista de seu conteúdo) ditas pelo “Jesus histórico”, mas palavras típicas e exclusivas do evangelista João para expressar a sua interpretação ou a de sua comunidade acerca da pessoa e missão do “Cristo da fé”, personagem bem distinto do “Jesus histórico”.

Nenhum dos versículos joaninos há pouco citados, por exemplo, aparece nos Evangelhos sinópticos (Mateus, Marcos e Lucas). Eles são, portanto, criação exclusiva do evangelista João, que, certamente os copiou de literaturas religiosas bem mais antigas do que o cristianismo, pois Jesus, repito, nunca fez tais declarações exclusivistas, que contradizem radicalmente as leis do código de moral universal que ele ensinou aos seus discípulos, como a humildade, o amor, o pluralismo, a igualdade e a fraternidade, sem discriminar ninguém.

Uma prova clara de que os versículos joaninos, há pouco citados, ou seja, de declarações **na primeira pessoa do singular** (“Eu sou”), são cópias feitas pelo evangelista João de literaturas religiosas bem mais antigas do que o cristianismo, é que frases desse tipo já eram supostamente ditas também pelo deus Hórus, do Egito antigo, cerca de cinco mil anos antes de Cristo, como nos esclarece o escritor cristão Tom Harpur (ex-pastor anglicano), nos seguintes termos:

Pense no seguinte: Hórus (*O Ritual: O Livro dos Mortos egípcio*, c. 78) diz: **“Eu sou Hórus em glória”; “Eu sou o Senhor da Luz”; “Eu sou o vitorioso (...) Eu sou o herdeiro do tempo eterno”; “Eu, eu mesmo, sou aquele que conhece os caminhos para o céu”**. Essas frases todas fortemente remanescentes (ou melhor, talvez se devesse dizer proféticas) das palavras de Jesus: “Eu sou a luz do mundo”, e novamente, “Eu sou o caminho, a verdade e a vida”. [...] **A “vida” de Jesus nos Evangelhos já estava escrita, em essência, pelo menos 5 mil anos antes da vinda dele**. Um Jesus egípcio ressuscitou dos mortos um Lázaro egípcio em uma Betânia egípcia, na presença de uma Maria e uma Marta egípcias, nas inscrições daquela

terra antiga pelo menos 5 mil anos antes da era cristã (HARPUR, 2008, p. 86-89) (negrito meu).

33 - JESUS É “O ÚNICO CAMINHO”?

O Jesus mítico, sim; não, porém, o Jesus histórico. O Jesus histórico é um caminho ao lado de muitos outros. Segundo o Evangelho de João, Jesus teria afirmado ser “o caminho, a verdade e a vida” e que ninguém iria ao Pai a não ser por ele: “Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida. Ninguém vem ao Pai a não ser por mim” (João 14,6).

Essas afirmações superexclusivistas não são de autoria do Jesus histórico, mas do evangelista João: Em minhas publicações ecumênicas, argumento que este versículo joanino (João 14,6), um dos mais citados em toda a literatura cristã, não é de autoria do Jesus histórico, porque ele é superexclusivista e o Jesus histórico foi um personagem altamente pluralista. Por isso, faço um forte alerta macroecumênico a respeito desse famoso versículo joanino, segundo o qual o Jesus histórico teria afirmado ser **O ÚNICO CAMINHO, A ÚNICA VERDADE E A ÚNICA VIDA**.

Imaginem quanta discriminação por parte dos cristãos, ao longo de toda a sua história, contra as outras religiões, exatamente com base em interpretações literalistas e exclusivistas dos escritores do Novo Testamento (NT), a respeito de palavras inautênticas atribuídas ao Jesus histórico, como as desse famoso versículo joanino.

É preciso esclarecer também, com base na história das religiões, que o conteúdo do versículo joanino (João 14,6) já tinha sido atribuído a outros líderes religiosos do mundo, quatro ou cinco mil anos antes de Cristo. Por exemplo, na literatura sagrada do hinduísmo, Krishna, o filho de Deus, o verbo encarnado, o primeiro salvador do mundo, nascido miraculosamente (de um parto virginal), cerca de quatro mil anos antes de Cristo, também declarava ser **O CAMINHO, A VIDA E A LUZ DA VERDADE**: “**Eu sou o caminho [...]; eu sou a vida [...]; sou eu mesmo a luz da Verdade [...]**” (ROHDEN, *Bhagavad Gita*, p. 92, n. 18-19; p. 101, n. 11). Hórus (divindade egípcia), há três ou quatro mil anos antes de Cristo, também declarava ser **A LUZ DO MUNDO, O CAMINHO, A VERDADE E A VIDA** (cf. HARPUR, 2008, p. 93). Essa mesma

afirmação já era feita pelo deus Mitra da Pérsia, cerca de mil anos antes de Cristo.

Em suma, para concluir a resposta da presente pergunta, reafirmo que o conhecidíssimo versículo joanino (João 14,6), literalmente interpretado, e atribuído exclusivamente ao Jesus histórico, é, de fato, uma das maiores mentiras do cristianismo dogmático. O Jesus histórico, repito, nunca afirmou ser o único caminho e a única verdade, e que ninguém iria ao Pai a não ser por ele. Tal atitude exclusivista de Jesus feriria frontalmente a base de sua doutrina pluralista, qual seja, a do amor ao próximo e a humildade, caracterizando arrogância espiritual, erguendo assim um muro intransponível entre o cristianismo e todas as demais religiões deste planeta. O Jesus histórico, repito, é um caminho ao lado de muitos outros, mas não o único caminho. Essa velha crença exclusivista do cristianismo dogmático paulinista precisa mudar. Do contrário, dificilmente poderá haver verdadeira fraternidade entre cristãos e não cristãos e, menos ainda, a existência do diálogo inter-religioso de igual para igual.

34 - SÓ JESUS SALVA?

O Jesus mítico, sim; não, porém, o Jesus histórico. Defendo a tese de que **SÓ O AMOR SALVA!** Com base no escorregamento de um para o (ou de uma para a), os cristãos dogmáticos, particularmente os fundamentalistas, criaram o **mito errôneo da unicidade cristã**, ou seja, o mito segundo o qual o Jesus mítico não é um, mas o (único) salvador da Humanidade (**SÓ JESUS SALVA!**), “pois não há sob o céu outro nome dado aos homens pelo qual devamos ser salvos” (Atos 4, 12); segundo esse mesmo escorregamento mítico dos cristãos, Jesus não é um, mas o (único) caminho e a (única) verdade (cf. João14,6); o Jesus mítico não é um, mas o único “mediador entre Deus e os homens” (1Timóteo 2,6), com ele se encerrou definitivamente toda a Revelação divina, a religião supostamente fundada por ele é a única religião verdadeira e a igreja também supostamente fundada por ele é a única igreja verdadeira etc.

É preciso esclarecer também, com base em muitos estudiosos críticos da Bíblia, como os integrantes do Seminário de Jesus (cf.

FUNK & THE JESUS SEMINAR, 1998, p. 419), que o famoso versículo joanino, segundo o qual Jesus teria afirmado ser “o Caminho, a Verdade e a Vida” (João 14, 6), não é de autoria do Jesus histórico, mas do evangelista João, que certamente o copiou da literatura sagrada de outras religiões mais antigas do que o cristianismo. Assim, no hinduísmo, Krishna, o filho de Deus, o verbo encarnado, o primeiro salvador do mundo, nascido miraculosamente (de um parto virginal), cerca de quatro mil anos antes de Cristo, também declarava ser **O CAMINHO, A VERDADE E A VIDA**: “**Eu sou o caminho [...]; eu sou a vida [...]; sou eu mesmo a luz da Verdade [...]**” (ROHDEN, *Bhagavad Gita*, p. 92, n. 18-19; p. 101, n. 11). Hórus (divindade egípcia) também declarava ser **A LUZ DO MUNDO, O CAMINHO, A VERDADE E A VIDA** (cf. HARPUR, 2008, p. 93). Essa mesma afirmação era também feita pelo deus Mitra da Pérsia, cerca de mil anos antes de Cristo.

Vemos assim, por conseguinte, que o escorregamento de um para o (ou de uma para a), não é exclusividade do cristianismo, mas também do hinduísmo e, diria eu, de todas as demais religiões. O exclusivismo é um fenômeno comum a todas as crenças, uma vez que cada religião se considera a única verdadeira.

Se for literalmente verdade que só o Jesus mítico salva, então todas as outras religiões estão erradas e têm que aceitar o Jesus mítico como o o único Salvador, pois, do contrário, não poderão salvar-se. Esse, não me cansarei de repetir, é o chamado **erro (ou mito) da unicidade cristã**, título de meu 7º livro ecumênico, um dos mais combatidos em meus livros ecumênicos, porque é radicalmente incompatível com o amor, a paz, a fraternidade, a união, o pluralismo e o diálogo inter-religioso de igual para igual. Nesse contexto recomendo, mais uma vez, a leitura do livro *The Myth of Christian Uniqueness* (‘O Mito da Unicidade Cristã’), organizado pelos teólogos pluralistas cristãos John Hick – protestante – e Paul Knitter – católico (HICK & KNITTER, 1987).

35 - JESUS É “O ÚNICO FILHO DE DEUS”?

O Jesus mítico, sim; não, porém, o Jesus histórico. A grande maioria dos cristãos continua acreditando no dogma mítico e errôneo segundo o qual Jesus é *literalmente* o único “Filho de

Deus”. Ora, Jesus não pode ser literalmente “Filho de Deus”, porque Deus não é literalmente “pai” de ninguém. Simbolicamente (metaforicamente), podemos dizer que Jesus é “Filho de Deus”, como todos nós também o somos, mas literalmente, não, pois Deus, sendo puro espírito, infinito, imaterial, não pode “gerar filho”. Nesse contexto, convém lembrar o que diziam vários escritores dos primeiros séculos do cristianismo, como, entre outros, Celso (séc. II) e Porfírio (séc. III): “A Encarnação é um absurdo. Deus, o perfeito, o imutável, não pode rebaixar-se a ponto de se tornar uma criancinha” (apud COMBY, 1996, p. 35).

A linguagem religiosa para falar sobre Deus é tipicamente *analógica* ou *metafórica*, pois o ser humano só pode falar sobre Deus fazendo uso dos recursos limitados que sua linguagem lhe oferece: analogias, comparações, parábolas, alegorias, metáforas, imagens, símbolos etc., uma vez que Deus não pode ser *literalmente* definido por meio de nossos limitados conceitos humanos.

Mais explicitamente, como já diziam os filósofos e teólogos escolásticos, particularmente Santo Tomás de Aquino (cf. HICK, 1990, p. 83-84), toda linguagem humana sobre Deus é sempre *analógica* (fundada na “analogia”), ou seja, é a expressão do desconhecido e do inexprimível em termos do conhecido.

Por conseguinte, não podemos confundir sentido figurado/ metafórico com sentido literal da linguagem humana. Com base nessa distinção, o Jesus histórico não é *literalmente* “Deus” nem “Filho de Deus”, uma pessoa totalmente divina, com duas naturezas, como foi dogmatizado no Concílio de Niceia, no ano 325 da era cristã, e confirmado no Concílio de Calcedônia, no ano 451. Como pode o Jesus histórico ser *literalmente* “Filho de Deus”, se Deus também não é *literalmente* “Pai” de ninguém, no sentido *biológico*, a não ser no reino da mitologia?

E se Deus não é *literalmente* “Pai”, ninguém pode ser *literalmente* “filho de Deus”.

Ser “filho de Deus”, na cultura hebraica, não significava ser Deus, mas era um título honorífico aplicado geralmente aos reis de Israel por ocasião de suas coroações. Os judeus, sendo estritamente monoteístas, rejeitavam qualquer crença que tivesse sabor de politeísmo. Por isso, não podiam admitir que alguém

pudesse ser “filho de Deus”, no sentido natural/físico/biológico e, muito menos ainda, acreditar que Deus pudesse literalmente encarnar-se em forma humana.

Como estamos comprovando neste livro, à luz da história das religiões, o mito de alguém ser literalmente “Filho de Deus” ou “Deus encarnado” era muito comum em outras culturas.

Por exemplo, na cultura greco-romana, e em muitas outras culturas antigas, era muito comum a ideia mitológica de alguém importante ser considerado “filho de Deus”, no sentido natural (físico, biológico), através da concepção miraculosa entre uma divindade e uma mulher da Terra, ou entre uma deusa e um homem da Terra, como era igualmente comum a ideia de uma divindade encarnar-se (ou reencarnar-se) em forma humana (o chamado MITO DO DEUS ENCARNADO).

Assim, por exemplo, os chamados *heróis* na mitologia grega eram tidos como “filhos de um deus e de uma mortal” (COMMELIN, 1997, p. 215); Teseu, o décimo rei de Atenas, também é chamado, às vezes, de “filho de Netuno”, a grande divindade dos trezenienses (ibid.); Júpiter, o pai, o rei dos deuses e dos homens, também engravidou um grande número de mulheres da Terra, e delas nasceram muitos filhos, que foram todos colocados entre os deuses e semideuses (ibid., p. 21-22); “a deusa Vênus (‘Afrodite’, em grego) gerou Eneias e um grande número de mortais” (ibid., p. 60-61); o próprio Platão, nascido em Atenas em 429 a.C., era considerado um divino Filho de Deus, nascido de uma virgem pura chamada Perictione, segundo acreditava o povo em geral (cf. LEWIS, 1997, p. 78); o taumaturgo Apolônio de Tiana, contemporâneo dos primeiros cristãos, também nascera de uma mãe virgem, tendo sido concebido miraculosamente pela mãe terrena e um deus egípcio de nome Proteu (cf. RIFFARD, 1996, p. 405); na mitologia egípcia, o rei, chamado faraó, era considerado um *deus* vivente e dava-se-lhe o título de “Filho de Deus”; na mitologia da Pérsia, Zoroastro foi o primeiro dos redentores do mundo a ser aceito como nascido pela concepção entre um deus e uma virgem (cf. LEWIS, ibid., p. 76); Ciro, rei da Pérsia, também era tido como nascido de origem divina e era chamado de “Cristo” ou “Filho unguido de Deus” (ibid.).

Analogamente, o MITO DO DEUS ENCARNADO, isto é, a crença segundo a qual uma divindade se encarna numa pessoa humana, era (e continua sendo) muito comum. Assim, por exemplo, no hinduísmo, Krishna é considerado a oitava encarnação do deus hindu Vishnu; para os hinduístas, Buda é considerado a nona encarnação da mesma divindade (Vishnu); “O Dalai Lama do Tibete é considerado um avatar [= encarnação divina] de Avalokitezvara” (BLAVATSKY, 2000, p. 65); “A Sociedade Teosófica anunciou, como encarnação divina da época, em suas próprias fileiras a Krishnamurti” (ARMOND, 1999, p. 137); ainda hoje, em vários países, monarcas são considerados a reencarnação de um deus. O guru indiano Sathya Sai Baba era considerado uma encarnação da divindade (cf. HISLOP, 2003).

Diante de todos esses exemplos de supostas filiações e encarnações divinas na História de muitos povos, fica muito difícil aceitar a crença mítica e exclusivista da maioria dos cristãos, segundo a qual o Jesus histórico seria o único Filho de Deus e a única encarnação de Deus na História. Somente quem se deixa guiar pela “fé cega” (a que não admite interferência da razão, nem da ciência), é que ainda pode acreditar que o Jesus histórico é literalmente o único Filho de Deus e a única encarnação de Deus na História. Os cristãos que se guiam pela “fé raciocinada” (“*aquela que pode encarar a razão face a face, em todas as épocas da Humanidade*”) já não podem mais crer literalmente em mitos religiosos como verdades históricas absolutas.

O cristianismo dominante dos primeiros séculos da era cristã proclamou, de fato, a “filiação divina” do Jesus mítico, não no “sentido adotivo/adocionista” (como defendiam vários grupos do cristianismo primitivo), nem no “sentido metafórico/analógico” (como sustentam hoje muitos teólogos pluralistas), mas no “sentido *natural*” de uma consustancialidade entre o “Deus-Pai” e o “Deus-Filho”, como definido no Concílio de Niceia (325) e confirmado no Concílio de Calcedônia (451), que proclamou a existência no Jesus mítico de **duas naturezas** (a *divina* e a *humana*) numa só *pessoa divina*.

Assim, a partir dessas decisões conciliares, o título de “Filho de Deus”, que no judaísmo e em vários grupos do cristianismo primitivo tinha apenas o sentido de **filiação adotiva**, passou a ter

em relação ao Jesus mítico o sentido de **filiação natural**. Quase todas as controvérsias cristológicas, isto é, a respeito da verdadeira identidade (ou natureza) de Jesus, giraram em torno desses dois sentidos de “filiação divina”.

É preciso repetir que o Jesus histórico nunca declarou ser *literalmente* o “Filho de Deus”, ou uma *encarnação da divindade*. Foram os cristãos, sobretudo Paulo e João, que, influenciados pela cultura greco-romana, atribuíram-lhe esses títulos míticos e pagãos de “Filho de Deus” e de “Deus encarnado” no sentido natural/físico/biológico dessas expressões, a fim de enaltecer ao máximo a pessoa mítica do Cristo da fé e assim atrair muitos adeptos para a fé cristã tradicional.

Para concluir a resposta da presente pergunta, reafirmo que admitir a crença mitológica (em sentido literal, como verdade histórica), segundo a qual o Jesus mítico é o único “Filho de Deus”, é reduzir o Infinito ao finito, o Absoluto ao relativo, o Imutável ao mutável etc., além de não distinguir “mitos” de “fatos históricos”, nem “sentidos metafóricos” de “sentidos literais” da linguagem humana.

36 - JESUS É “A ÚNICA VERDADE”?

O Jesus mítico, sim; não, porém, o Jesus histórico. O termo “verdade” não exprime “uma coisa” nem “uma pessoa”, mas o nosso “conhecimento” da realidade. *Metaforicamente*, podemos dizer que tanto o Jesus mítico (como o Jesus histórico) é a verdade, mas *literalmente*, não.

O Jesus mítico é interpretado pela grande maioria dos cristãos como a única verdade, mas ele é uma verdade ao lado de muitas outras.

A maior causa de divisões entre as religiões, conforme mostro em meus livros ecumênicos, é a questão da VERDADE. Como afirma o ilustre teólogo e padre católico Hans Küng, “nenhuma questão na história das religiões tem gerado tantas disputas, tantos conflitos sangrentos e tantas guerras religiosas como a questão da verdade” (KÜNG, 2001, p. 19).

Isso ocorre porque cada religião tem certeza de estar com a “verdade” e de ser a única verdadeira, embora a verdade de uma possa contradizer a de outra. E para defender as suas verdades, as religiões se acham no direito de cometer as maiores atrocidades.

37 - JESUS FEZ MILAGRES QUE SUPOSTAMENTE “ANULAM AS LEIS DA NATUREZA”?

O Jesus mítico, sim; não, porém, o Jesus histórico. “Na mitologia religiosa, todos os tipos de milagres são possíveis” (HASSNAIN, 1999, p. 73). Logo, para quem acredita no mito da divindade de Jesus, isto é, que ele seja *literalmente* Deus encarnado, todos os tipos de milagres são possíveis, inclusive os que aparentemente anulam as leis da natureza. Aliás, para os cristãos dogmáticos, todos os milagres atribuídos a Jesus no Novo Testamento tinham a função de provar que ele era realmente um ser divino, com poderes singulares e exclusivos, em relação aos outros milagreiros.

Por isso mesmo, a maioria dos cristãos, na sua convicção de Jesus ser literalmente Deus encarnado, acredita que ele fez vários milagres que supostamente anulam as leis da natureza, como ressuscitar mortos, acalmar uma tempestade, andar sobre as águas, multiplicar pães, transformar água em vinho, mudar a substância do pão e do vinho em seu próprio corpo e sangue etc.

Mesmo na hipótese de que o Jesus mítico tenha, de fato, realizado todos esses milagres, que supostamente anulam as leis da natureza, não é justo os cristãos pensarem que esses tipos de milagres tenham sido realizados única e exclusivamente pelo Jesus mítico, uma vez que prodígios dessa natureza são igualmente atribuídos a inúmeros outros personagens da literatura religiosa deste planeta.

38 - JESUS ANDOU SOBRE A ÁGUA (ACALMANDO UMA TEMPESTADE)?

O Jesus mítico, sim; não, porém, o Jesus histórico. O Jesus mítico não acalmou uma tempestade *literalmente*, mas *simbolicamente*. No sentido simbólico, ver o Jesus mítico caminhando

sobre a água (acalmado uma tempestade), como foi dito várias vezes, em meu 6º neste livro ecumênico (“Três Maneiras de Ver Jesus”), não deve mais ser interpretado literalmente como a anulação das leis da natureza por um deus-homem Jesus, ou seja, pelo Jesus mítico, mas pode ter um emocionante significado simbólico da representação do “Cristo interior” (“Deus dentro de nós”) acalmado o “oceano perturbado” dos nossos temores subjetivos e instilando um sentimento de paz (cf. HARPUR, 2008, p. 190).

Sobre a grande importância espiritual da interpretação simbólica dessa maravilhosa passagem evangélica, refletimos sobre o que escreveu o teósofo Geoffrey Hodson, em seu maravilhoso livro “A Sabedoria Oculta na Bíblia Sagrada”:

A história de acalmar a tempestade (Marcos 4,36-41) é outro exemplo de uma alegoria inspirada. Numa interpretação humana e psicológica, o barco pode ser considerado como um símbolo do corpo humano, que transporta a alma, com seus vários atributos, sobre as águas da vida. [...]

Interpretando-se essa história e aplicando-a às tempestades da vida humana (especialmente de emoção, como está indicado pela localização do incidente, na água), quando assaltados pela tentação e impelidos pelo desejo ou anseio de erradicar um hábito indesejável, somos aconselhados a afastar nossos pensamentos da dificuldade, a concentrar-nos poderosamente na nossa natureza divina e, *com a exclusão de qualquer outro pensamento*, afirmar seu irresistível poder. Então, a escuridão do estado indesejável da mente desaparecerá na grande luz que brilha no Deus interno. Simbolicamente, o Cristo desperto acalmará a tempestade. [...]

A importância dos testes e pressões da vida está indicada também nessa maravilhosa história; pois se não tivesse ocorrido a tempestade na Galileia, o Cristo poderia não ter sido acordado. Assim, também, os conflitos e as tempestades de nossas vidas. Eles podem vir a ser os meios para o despertar de nossos poderes superiores mais elevados. (HODSON, 2007, p. 41)

39 - JESUS MULTIPLICOU PÃES?

O Jesus mítico, sim; não, porém, o Jesus histórico. O milagre da multiplicação de pães atribuído ao Jesus mítico é uma cópia do Antigo Testamento e de outras religiões (como o budismo). Sabe-se, por exemplo, que o profeta Eliseu (cf. 2Reis 4,42-44) também “multiplicou” pães e “Buda, com um único pão, alimentou 5.000 homens que o seguiam, tendo sobrado mais pedaços do que o pão repartido” (apud GRIESE, 1957, p. 111).

A multiplicação de cinco pães atribuída ao Jesus mítico nos Evangelhos (e a outros líderes religiosos da humanidade) não é história, mas mito, parábola e, logo, não deve ser interpretada literalmente, mas simbolicamente, alegoricamente, no sentido de partilha dos bens ou de uma comparação ao alimento espiritual da alma.

40- JESUS TRANSFORMOU LITERALMENTE ÁGUA EM VINHO?

O Jesus mítico, sim; não, porém, o Jesus histórico. Em primeiro lugar, convém esclarecer, com os especialistas em história das religiões, que os deuses Hórus (do Egito) e Dioniso (da Grécia) também transformaram água em vinho. Dioniso era um deus do vinho (cf. HARPUR, 2009, p. 112-113).

No Capítulo 2 do Evangelho de João, encontra-se a narrativa do primeiro milagre atribuído ao Jesus mítico, o da transformação literal da água em vinho, nas bodas de Caná.

Este “milagre”, interpretado ao pé da letra, como fato histórico e exclusivo do cristianismo, é uma grande mentira sobre o Jesus histórico (quanto sobre o Jesus mítico), mas, interpretado simbolicamente, tem um grande valor espiritual, conforme esclarece Tom Harpur nos seguintes termos:

Todos os que conhecem bem não só a Bíblia judaico-cristã, como também as outras “Bíblías” ou escritos sagrados do antigo Oriente Próximo, sabem que o simbolismo do vinho é quase uma constante. Muitos deuses da Antiguidade eram deuses do vinho, desde Hórus no Egito até Dioniso ou Baco nas antigas Grécia e Roma. Como observei em meu livro *The Spirituality of Wine* [“A Espiritualidade do

Vinho”], o vinho, as uvas e os vinhedos são mencionados centenas de vezes, tanto no Antigo quanto no Novo Testamento. O vinho [...] era o símbolo perfeito do milagre da Encarnação – modelo, hieróglifo ou analogia do Cristo em cada um de nós. Portanto, a metáfora tão sugestiva de transformar a água em vinho é uma maneira realmente poderosa de condensar o verdadeiro sentido da história de Jesus: a transformação que acontece quando o segredo de estarmos totalmente vivos e conscientes, como filhos e portadores da Luz interior, se revela a nós (HARPUR, 2009, p. 112-114).

41 - JESUS MUDOU A SUBSTÂNCIA DO PÃO E DO VINHO EM SEU PRÓPRIO CORPO E SANGUE?

O Jesus mítico, sim; não, porém, o Jesus histórico. De acordo com a interpretação literal da Bíblia, o Jesus mítico, na noite que precedeu a sua morte, celebrou a última ceia com seus apóstolos. E relatam os evangelistas que, nesta oportunidade, Jesus tomou o pão da mesa, fez uma prece e o distribuiu aos seus apóstolos, dizendo: “Tomai e comei, **isto é o meu corpo**”. Depois, tomou o cálice com vinho, fez uma prece e o deu aos seus apóstolos, dizendo: “Tomai e bebei: **isto é o meu sangue**”.

No dizer do teólogo (e ex-padre católico) Franz GRIESE, “essa cena tem provocado um mar de interpretações” (GRIESE, 1957, p. 173).

O mesmo autor (ibid.) nos esclarece que, segundo os católicos, o Jesus mítico (também chamado de “Cristo da fé”, com estas palavras, transformou pão e vinho em seu verdadeiro corpo e sangue, de tal maneira que, depois da consagração, cada molécula do que antes era pão e vinho transformou-se no Cristo inteiro: corpo, sangue, alma e divindade. Do pão e do vinho restaram apenas as aparências, a figura exterior. Dizem ainda os teólogos que este milagre se renova em todas as missas e que em todas as hóstias e cálices do mundo está presente um só e mesmo Jesus mítico, com todo o seu corpo, sua alma e sua divindade, tal como está no céu. Finalmente, asseguram os teólogos que, naquela última ceia, como em cada missa, se celebrou e se celebra a verdadeira morte de Cristo na cruz, sendo o sacrifício de Cristo em

cada missa idêntico à morte de Cristo na cruz, apenas com a diferença de que o sacrifício de Cristo na cruz foi cruento (com derramamento de sangue), ao passo que o sacrifício de Cristo em cada missa é incruento, ou seja, sem derramamento de sangue. Este é o dogma da Igreja Católica.

Como já vimos neste livro, mas convém repetir, o escritor e ex-padre católico José Barbosa Neto, hoje pastor protestante, contesta esse mito católico da seguinte forma:

Como poderia Jesus ter dito, na Última Ceia, que **em suas mãos estavam o seu próprio corpo e sangue**,

quando ainda estava **VIVO NO MEIO DOS DISCÍPULOS**, habitando o mesmo corpo com o qual nascera de Maria e com o qual **andara e ainda estava andando** na companhia dos discípulos? Tal pensamento propalado pela Igreja Romana para assegurar a doutrina da **transubstanciação** fere frontalmente a inteligência das pessoas sensatas! Muitas vezes, nas **Sagradas Escrituras** encontramos a mesma construção gramatical, onde o verbo **ser** é usado com o sentido de **representar**, e nessas passagens não pode ter outro significado (NETO, 2004, p. 83) (negrito do autor).

Como já dito neste livro, o renomado teólogo e ex-padre católico John Dominic Crossan, em seu livro *“O Jesus Histórico”*, argumenta que a ceia eucarística, interpretada literalmente, não é originária do Jesus histórico (cf. CROSSAN, 1994, p. 398-399).

42 - JESUS SUBIU AO CÉU FISICAMENTE?

O Jesus mítico, sim; não, porém, o Jesus histórico. Os cristãos fundamentalistas, baseados no Evangelho de Lucas e nos Atos dos Apóstolos – de autoria do próprio Lucas –, acreditam que o Jesus, após sua ressurreição, foi o único personagem religioso que subiu fisicamente ao céu, de onde retornará fisicamente um dia para julgar a humanidade, enviando os bons para o céu e os maus para o inferno eterno. A mãe de Jesus, para os católicos, depois da proclamação do dogma da assunção de Maria, teria subido ao céu em corpo e alma.

O renomado escritor Joseph Campbell resume os relatos sobre a ressurreição e ascensão do Jesus mítico da seguinte maneira:

Jesus morre, ressuscita e ascende ao Céu. Essa metáfora exprime uma espécie de mistério religioso. Jesus não poderia ter ascendido literalmente ao Céu, pois não há um lugar geográfico aonde ele pudesse ir. Elias subiu ao céu numa “carruagem de fogo” segundo a Bíblia, mas não podemos encarar isso como descrição de uma jornada literal. São acontecimentos espirituais descritos por meio de metáforas (Campbell, apud HARPUR, 2009, p. 181).

No dizer do escritor Tom Harpur,

a ascensão de Jesus simboliza a verdade de que em última análise, quando morremos, o atual corpo físico se desintegra, mas nosso Eu verdadeiro segue adiante em direção a uma glória mais alta (HARPUR, 2009, p. 181).

43 - JESUS É O VERBO DE DEUS?

O Jesus mítico, sim; não, porém, o Jesus histórico. No Evangelho de João está escrito: “No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus” (João, 1,1). Essa mesma doutrina mítica já existia na literatura religiosa da Índia, cerca de 4 ou 5 mil anos antes de Cristo: “No princípio era Brahman [=Deus], com quem estava o Verbo [=Krishna], e o Verbo era Brahman “ (Rig-Veda, apud LEWIS, 2008, p. 45).

44 - JESUS É O ÚNICO AUTOR DO VERSÍCULO EVANGÉLICO “CONHECEREIS A VERDADE E A VERDADE VOS LIBERTARÁ”?

O Jesus mítico, sim; não, porém, o Jesus histórico. Quatro ou cinco mil anos antes de Jesus ensinar que o conhecimento da verdade liberta o homem, “conhecereis a verdade e a verdade vos libertará” (João 8, 32), no Bhagavad Gita dos hindus – correspondente ao Evangelho dos cristãos – Krishna já ensinava que,

se alguém se apoderar da Verdade, entrará na mansão da suprema beatitude e repousará na paz da divindade. [...] Quem se integra no Ser Supremo e nele repousa está livre da incerteza e trilha caminho luminoso, do qual não há retorno, porque a luz da verdade o libertou do mal (apud ROHDEN, *Bhagavad Gita*, p. 57, 62).

45 - JESUS É O ÚNICO AUTOR DA VERDADE CRISTÃ EXPRESSA NO APOCALIPSE, “EU SOU O PRINCÍPIO E O FIM, O ALFA E ÔMEGA”?

O Jesus mítico, sim; não, porém, o Jesus histórico. Essa mesma verdade religiosa expressa no Apocalipse cristão, “Eu sou o princípio e o fim, o Alfa e o Ômega (cf. Apocalipse 1,8), já havia sido expressa no *Bhagavad Gita*: “Eu sou o princípio dos mundos e sou o seu fim” (ROHDEN, *ibid.*, p. 78).

46 - JESUS FOI O ÚNICO MESSIAS?

O Jesus mítico, sim; não, porém, o Jesus histórico. Krishna, como o Jesus mítico, também era considerado o Messias (cf. KERSTEN, 1986, p. 136-137). Hórus e Mitra também eram Messias, Salvadores e Filhos de Deus.

47 - JESUS FOI A ÚNICA PALAVRA DE DEUS?

O Jesus mítico, sim; não, porém, o Jesus histórico. Krishna, como o Jesus mítico, também era a “Palavra de Deus” (cf. KERSTEN, 1986, p. 136-137).

48 - JESUS FOI A ÚNICA SEGUNDA PESSOA DA TRINDADE DIVINA?

O Jesus mítico, sim; não, porém, o Jesus histórico. Krishna, como o Jesus mítico, também era a Segunda Pessoa da Trindade (cf. SCHURÉ, 1986, p. 54-58).

49 - JESUS FOI O ÚNICO “SALVADOR DA HUMANIDADE”?

O Jesus mítico, sim; não, porém, o Jesus histórico. Krishna, como o Jesus mítico, também era considerado o Único Salvador do

mundo (cf. SCHURÉ, 1986, p. 54-58). Como já foi dito neste livro, Hórus e Mitra também eram Messias, Salvadores e Filhos de Deus.

50- JESUS FOI O ÚNICO “VERBO CRIADOR DO MUNDO”?

O Jesus mítico, sim; não, porém, o Jesus histórico. Krishna, como o Jesus mítico, também era considerado o Único Verbo Criador do mundo (cf. SCHURÉ, 1986, p. 54-58).

51 - JESUS FOI O ÚNICO QUE NASCEU MIRACULOSAMENTE DE UM PARTO VIRGINAL?

O Jesus mítico, sim; não, porém, o Jesus histórico. Krishna, como o Jesus mítico, também nasceu miraculosamente (de um parto virginal) (cf. SCHURÉ, 1986, p. 54-58). Em meus livros ecumênicos, comprovo que inúmeros outros personagens deste planeta foram vistos como tendo nascido de um parto virginal: o próprio Platão, nascido em Atenas em 429 a.C., era considerado um divino Filho de Deus, nascido de uma virgem pura chamada Perictione, segundo acreditava o povo em geral (cf. LEWIS, 1997, p. 78); o taumaturgo Apolônio de Tiana, contemporâneo dos primeiros cristãos, também nascera de uma mãe virgem, tendo sido concebido miraculosamente pela mãe terrena e um deus egípcio de nome Proteu (cf. RIFFARD, 1996, p. 405); na mitologia da Pérsia, Zoroastro foi o primeiro dos redentores do mundo a ser aceito como nascido pela concepção entre um deus e uma virgem (cf. LEWIS, *ibid.*, p. 76); Buda também nasceu de um parto virginal.

52- JESUS FOI O ÚNICO “FILHO DE DEUS COM UMA MULHER DA TERRA”?

O Jesus mítico, sim; não, porém, o Jesus histórico. Krishna, como o Jesus mítico, também era filho de Deus com uma mulher da Terra (cf. SCHURÉ, 1986, p. 54-58). Assim, por exemplo, os chamados *heróis* na mitologia grega eram tidos como “filhos de um deus e de uma mortal” (COMMELIN, p. 215); Teseu, o décimo rei de Atenas, também é chamado, às vezes, de “filho de Netuno”, a grande divindade dos trezenienses (*ibid.*); Júpiter, o pai, o rei dos deuses e dos homens, também engravidou um grande número de mulheres da Terra, e delas nasceram muitos filhos, que foram

todos colocados entre os deuses e semideuses (ibid., p. 21-22); “a deusa Vênus (‘Afrodite’, em grego) gerou Eneias e um grande número de mortais” (ibid., p. 60-61).

53 - A MÃE DE JESUS FOI A ÚNICA FECUNDADA POR UMA DIVINDADE, E NÃO POR UM HOMEM DA TERRA?

A mãe do Jesus mítico, sim; não, porém, a mãe do Jesus histórico. A mãe de Krishna, como a mãe do Jesus mítico, foi fecundada por uma divindade, e não por um homem da Terra (cf. SCHURÉ, 1986, p. 54-58) (negrito meu).

54 - A MÃE DE JESUS FOI CONCEBIDA SEM PECADO?

A mãe do Jesus mítico, sim; não, porém, a mãe do Jesus histórico. A mãe de Krishna, como a mãe do Jesus mítico, foi concebida sem pecado (cf. KERSTEN, 1986, p. 136-137).

55 - A MÃE DE JESUS FOI A ÚNICA MÃE DE DEUS NA HISTÓRIA DAS RELIGÕES?

A mãe do Jesus mítico, sim; não, porém, a mãe do Jesus histórico. Sabemos, pela história das religiões, que o mito da “Mãe de Deus” era muito comum entre as religiões bem mais antigas do que o cristianismo. As religiões pagãs costumavam dar uma mãe às suas divindades, por exemplo, na Babilônia, existiu “Istar” (ou ‘Ishtar’), a mãe virgem do deus Tamuz. Segundo esclarece o escritor José Reis Chaves, “a palavra inglesa *Easter* (Páscoa) é derivada de *Istar* (mãe virgem de Tamuz imolado)” (CHAVES, 2006b, p. 103).

Na Grécia, existiu “Deméter” (a “mãe” de Deus) e “Dioniso” (o “filho” de Deus), duas das divindades mais populares da Grécia antiga, cuja história, ritos e festas antecipam efetivamente, sob muitos aspectos, a religião cristã (cf. DONINI, 1965, p. 145).

Aliás, o termo “**Dioniso**” (da língua trácio-frígia, “dioniso”) significa etimologicamente “filho de deus” – “**dio-niso**” (cf. DONINI, ibid, nota 26). A história de Dioniso, o deus libertador, o “filho de deus”, é muito semelhante à história do “Jesus mítico” (o “Cristo

da fé”), o Filho de Deus e o único libertador (salvador) da humanidade, segundo o mito exclusivista cristão.

Mas se o Jesus mítico não é Deus, como argumento que ele, de fato, não o é, cai por terra a crença mítica na maternidade divina de sua mãe, conforme já defendiam, corretamente, os chamados “hereges” nestorianos da Igreja primitiva (século V), os quais afirmavam, contrariamente ao dogma católico, que Maria não é “Mãe de Deus” (em grego, “Theotókos”), mas apenas “Mãe do homem Jesus Cristo” (em grego, “Cristotókos”).

O monge Nestório de Antioquia, num de seus sermões, afirmava:

Ninguém venha me dizer que Maria é mãe de Deus; ela foi mulher, e Deus não pode nascer de mulher; sustentar o contrário é imitar os pagãos que dão uma mãe às suas divindades (FRANGIOTTI, 1995, p. 128).

Nestório foi condenado no terceiro Concílio Ecumênico, realizado em Éfeso, no ano 431 (o qual proclamou o dogma mítico da maternidade divina de Maria), e, porque se recusou a submeter-se às definições dogmáticas desse Concílio, foi enviado para o exílio, onde morreu.

O escritor José Reis Chaves, em seu livro *A Face Oculta das Religiões: uma visão racional da Bíblia*, explica a questão nestoriana nos seguintes termos:

O Nestorianismo surgiu com Nestório, Bispo Patriarca de Constantinopla, no século V. Sua tese ensinava que em Jesus Cristo havia duas pessoas: uma divina e outra humana, e que essas pessoas eram separadas entre si, sendo uma delas a do Cristo, o Verbo de Deus, e a outra a do homem Jesus, no qual veio encarnada a Pessoa Divina do Verbo de Deus, o Cristo. Nestório não aceitava o título em grego de “Theotókos” (“Mãe de Deus”) dado a Maria, Mãe de Jesus. Para Nestório, Maria era apenas Mãe do homem Jesus, portanto, deveria receber o título em grego de “Cristotókos” (“Mãe do homem Jesus Cristo”). Mas o Concílio Ecumênico de Éfeso (431), apreciando a questão nestoriana, condenou-a, afirmando que em Jesus havia uma

só pessoa, ou seja, a Pessoa Divina, e que Maria deveria ter o título grego de “Theotókos” (“Mãe de Deus”). E, assim, a Igreja criou a oração “Santa Maria, Mãe de Deus...” que foi acrescentada à Ave Maria bíblica da saudação do anjo Gabriel a Maria. [...] O título de “Mãe de Deus” para Maria é estranho e deixa confusos e enrolados os próprios teólogos, pois Deus nunca pode ter tido mãe e nunca poderá tê-la! (CHAVES, 2006b, p. 47-48).

Não há como não concordar plenamente com Nestório, com sua tese de que Maria não é, de fato, literalmente, Mãe de Deus (“Theotókos”), mas apenas Mãe do homem Jesus (“Cristotókos”). “Aliás, seria o cúmulo do absurdo alguém aceitar que Deus tem Mãe” (CHAVES, *ibid.*, p. 100).

Além de nenhuma mulher poder ser “Mãe de Deus”, as mulheres (incluindo a mãe de Jesus) só podem ser mães do **corpo** e não do **espírito** (ou **alma**) de alguém, como bem esclarece o escritor Reis Chaves nos seguintes termos:

Alegam os teólogos dogmáticos que Maria é Mãe de Deus porque a mãe de uma pessoa é mãe do conjunto todo de alma e corpo. Isso não é verdade, pois a mãe de uma pessoa é apenas mãe da parte biológica, de cuja criação ela participou, mas jamais do espírito que, além de não ter mãe, preexiste à criação biológica do corpo. [...] O próprio Jesus destaca que o que é nascido da carne é carne e o que é nascido do espírito é espírito (João 3,6). [...] Em outros termos, o corpo é filho da sua mãe biológica, mas o espírito do corpo não tem mãe. O espírito vem de Deus, o corpo vem do pai, da mãe e, mais remotamente, da terra. O espírito só forma um conjunto com o corpo, enquanto o espírito está reencarnado no corpo. [...] E, se o espírito não é criado junto com o corpo, a mãe biológica do corpo não entra na criação do espírito, do que se conclui que ela não é mãe também do espírito. E disso tudo se infere que **Maria, Mãe de Jesus, só é mãe do corpo e não do espírito de Jesus** (CHAVES, 2006b, p. 100-101) (negrito meu).

Com base nessa convincente argumentação, mesmo para os que acreditam que o Jesus mítico seja Deus e que o seu corpo não tenha sido biologicamente gerado por Maria e seu esposo,

mas por obra do Espírito Santo, conforme os dogmas (ou mitos) cristãos, Maria não pode ter sido mãe do espírito (ou alma) de Jesus (ou de Deus).

Em suma, para concluir a resposta da presente pergunta, reafirmo que Maria não é literalmente a “Mãe de Deus”, mas apenas **mãe do corpo físico de Jesus**. Defender o contrário, é querer permanecer no erro, na mentira, sobre o Jesus histórico e sua mãe.

56 - JESUS MORREU NA CRUZ PARA PAGAR NOSSOS PECADOS?

O Jesus mítico, sim; não, porém, o Jesus histórico. Eu pergunto: Deus pode nascer e morrer? Que crença absurda! Deus, sendo puro espírito, infinito, imaterial, não pode nascer nem morrer. Nesse contexto, tinham muita razão vários escritores dos primeiros séculos do cristianismo, como, entre outros, Celso (séc. II) e Porfírio (séc. III), os quais diziam: “**A Encarnação é um absurdo. Deus, o perfeito, o imutável, não pode rebaixar-se a ponto de se tornar uma criancinha**” (apud COMBY, 1996, p. 35) **negrito meu**). Porfírio (apud COMBY, p. 37) escreveu:

Mesmo supondo que algum dos gregos seja bastante obtuso para pensar que os deuses habitam nas estátuas, essa seria uma concepção mais pura que a de admitir que o Divino tenha descido no seio da Virgem Maria, que se tenha tornado embrião, que, após o seu nascimento, tenha sido envolvido em panos, todo sujo de sangue, de biles e pior ainda [...].

No Concílio de Niceia (ano 325), convocado pelo imperador Constantino,

os bispos acrescentaram ao Filho de Deus o adjetivo *homoousios*, que significa que o Filho tem a mesma *ousía*, a mesma substância que o Pai – em outras palavras, que é consubstancial ao Pai. Esse termo afirma a perfeita igualdade entre o Pai e o Filho. [...] O acordo de Niceia é rapidamente questionado. Muitos rejeitam o termo *homoousios* porque não é encontrado nas Escrituras. Outros recordam que a palavra foi utilizada por heréticos que distinguiam de modo errôneo o Pai do Filho. Logo, a

maior parte dos orientais recusa a fórmula de Niceia, excetuando-se *Atanásio*, bispo de Alexandria a partir de 328. O Ocidente latino permanece, de maneira geral, fiel a Niceia (COMBY, 1996, p. 92-93).

A verdade histórica, porém, é que as interpretações literalistas de Niceia e de Calcedônia, acerca da identidade do Jesus mítico, nunca deixaram de ser contestadas ao longo de toda a história do cristianismo, tendo causado muitos conflitos ideológicos e sérias divisões entre os próprios cristãos. A interpretação literal e exclusiva da encarnação de Deus na pessoa do Jesus mítico é, de fato, uma crença absurda.

Na minha visão (e na de muitos outros estudiosos críticos do cristianismo), o maior erro doutrinário do cristianismo é o dogma da divindade exclusiva do Jesus mítico, segundo o qual o Jesus mítico é literalmente Deus encarnado, uma pessoa totalmente divina, com duas naturezas (a divina e a humana).

O dogma da divindade de Jesus é, indubitavelmente, o fundamento de todo o cristianismo tradicional. Se esse dogma é literalmente falso, como, de fato, argumento que o é, falsos são também todos os demais dogmas ou mitos cristãos que dependem dessa crença literal na divindade do Jesus mítico, tais como: a trindade, o nascimento miraculoso de Jesus, sua morte expiatória, sua ressurreição dos mortos, sua unicidade salvífica e da religião (ou igreja) por ele supostamente instituída, seu retorno físico por ocasião do suposto juízo final, o batismo das crianças, a maternidade divina e a virgindade perpétua de sua mãe etc.

Segundo o ponto de vista que defendo, a crença de que o Jesus mítico é literalmente o único Deus encarnado deste planeta, Segunda Pessoa da Santíssima Trindade, não é uma verdade histórica, mas um mito, por sinal, o mito cristão fundamental, do qual, repito, dependem todos os demais dogmas ou mitos do cristianismo tradicional.

O Jesus histórico nunca declarou ser uma pessoa divina (no sentido literal da palavra). As passagens evangélicas que lhe atribuem tal declaração (por ex., Mateus 26,63-64; Marcos 14,62; João 10,30; 14,9-10) foram criações dos evangelistas para enaltecer

a sua pessoa e para dar credibilidade exclusiva ao cristianismo dogmático.

Nas palavras do escritor inglês John Hick (o maior teólogo pluralista do mundo),

o Jesus histórico não advogou para si ser Deus, Filho de Deus, segunda pessoa da Trindade, encarnado, e a doutrina da encarnação é uma criação da Igreja, apenas finalmente definida no Concílio de Calcedônia no ano 451, depois de mais de quatro séculos de muitas lutas e brigas entre as maiores lideranças do cristianismo primitivo (HICK, 1977, p. ix-x).

O Jesus histórico não pode ter cometido a blasfêmia de ter declarado ser “Filho de Deus” – no sentido *literal, natural* – como dogmatizaram os cristãos, fundamentados na mitologia de muitos povos antigos, principalmente na mitologia greco-romana, em que as encarnações e filiações divinas (no sentido natural/biológico) eram vistas como fenômenos normais.

Convém sabermos que, como o Jesus mítico, também Hórus (do Egito) era visto como Deus encarnado, o Filho de Deus, o Salvador do mundo, nascido de um parto virginal e filho de uma mãe divina. Como o Jesus mítico, também Hórus era “o Senhor da luz” [...], “o Caminho, a Verdade e a Vida” (HARPUR, 2008, p. 88 e 93).

Na minha visão (e na de muitos outros estudiosos do cristianismo), a doutrina cristã paulinista da salvação (ou redenção) da humanidade exclusivamente pelo sangue do Jesus mítico derramado na cruz é um dos maiores erros do cristianismo dogmático.

Esse mito da salvação cristã, conforme nos esclarece o ilustre escritor italiano Ambrogio Donini (grande especialista em História das Religiões), se origina da fórmula antiga de um escravo que adquire a sua liberdade:

O preço do resgate pode ser pago diretamente, ou por um terceiro, sob várias formas, em favor do escravo. A concepção total do mito da salvação cristã já está contida nesta fórmula. [...] Sendo o homem um pecador e incapaz de libertar-se pagando à divindade o preço do seu resgate, intervém um “redentor”, o qual paga por ele com a sua paixão

e a sua morte: esta é a essência da doutrina soteriológica entre os primeiros escritores cristãos gregos, latinos e sírios. [...] Para alguns, o “preço do resgate” é pago a Satanás, que tinha o homem em seu poder (DONINI, p. 203).

Não deixa de ser um grande mito a crença daqueles para os quais o “preço do resgate”, como afirmou Donini nessa citação, “é pago a Satanás, que tinha o homem em seu poder”. No correto dizer do famoso filósofo italiano Pietro Ubaldi, “justificando semelhante absurdo, conceberíamos e converteríamos Deus numa espécie de servo de Satanás” (UBALDI, 1988, p. 274).

Também os deuses gregos do Olimpo (e de outras tradições religiosas mais antigas) podiam libertar o homem dos demônios e de todo o mal e, em virtude disso, eram definidos como “salvadores” (cf. DONINI, p. 204). Ainda hoje, para a grande maioria dos cristãos, a função do “Jesus mítico” é precisamente ser um “preço de resgate para muitos” (Mateus 20, 28; Marcos 10, 45).

57 - A IGREJA CATÓLICA CONSIDERA-SE “A IGREJA DE DEUS QUE ELE ADQUIRIU PARA SI PELO SANGUE DERRAMADO DE SEU PRÓPRIO FILHO”?

Pelo sangue derramado do Jesus mítico, sim; não, porém, pelo sangue derramado do Jesus histórico. Nos Atos dos Apóstolos, Paulo de Tarso, principal fundador do cristianismo dogmático e mítico, faz uma clara referência à Igreja Católica como “**a Igreja de Deus, que ele adquiriu para si pelo sangue de seu próprio Filho**” (Atos dos Apóstolos, 20,28) (negrito meu).

Na visão que defendo, há, pelo menos, três erros nessa teologia paulina: (1) Deus não fundou nenhuma religião ou igreja; (2) Jesus não é literalmente “Filho de Deus” nem “Deus encarnado” e (3) se Deus quisesse fundar uma religião ou igreja, Ele não precisaria do sangue derramado de ninguém, pois o verdadeiro Deus não é “masoquista”, ou seja, não tem prazer com o próprio sofrimento. Essas crenças são velhos mitos cristãos que precisam urgentemente ser discutidos na mesa do diálogo inter-religioso.

“**A RELIGIÃO DE DEUS**”, como acertadamente prega a **LBV (Legião da Boa Vontade)**, é **a prática do Amor**, pregada e vivida pelo Jesus histórico, há dois mil anos, mas que tem sido bastante

negligenciada pela grande maioria dos que se dizem “cristãos”, os quais, como tenho acentuado por diversas vezes em meus livros ecumênicos e em meu *blog*, sempre deram mais valor aos dogmas (ou mitos) cristãos teológicos e cristológicos, isto é, relativos à natureza de Deus e à pessoa do Jesus histórico, do que à sua mensagem verdadeiramente redentora de amor a Deus e ao próximo. Prova disso é a fragmentação constante do cristianismo dogmático e mítico ao longo de sua história, suas guerras, suas pretensões exclusivistas, seu sentimento de unicidade e de superioridade em relação às outras religiões etc. Quantas mortes, intolerância e discriminações ao longo da história do cristianismo mítico. Quem discrimina o próximo não o ama! Quem mata o próximo não o ama. O amor só pode fazer o bem, e não o mal.

O Jesus histórico, de fato, resumiu todos os seus ensinamentos no **MANDAMENTO DO AMOR**: “**Isto vos ordeno: amai-vos uns aos outros**” (João 15,17). “**Um novo mandamento vos dou: que vos ameis uns aos outros**” (João 13,34). “**Amarás ao Senhor teu Deus com todo o teu coração, com toda a tua alma, com todo o teu sentimento e com toda a tua força. Este é o primeiro e mais sublime preceito, porém é igual a este: amarás o teu próximo como a ti mesmo**” (Lucas 10,27; Mateus 22,37) (negrito meu). Esta foi a verdadeira religião ensinada e vivida pelo Jesus histórico. **Uma religião essencialmente moral, moral religiosa, a qual foi substituída posteriormente por dogmas e mitos exclusivistas.**

Nesse contexto, tanto o Espiritismo como a Legião da Boa Vontade (**LBV**) definem-se como o “renascimento” do verdadeiro cristianismo, o “*cristianismo redivivo*”, o “cristianismo das origens”, o “cristianismo do amor-caridade”, o “cristianismo ecumênico”, o “cristianismo do diálogo inter-religioso”, não uma nova religião ou seita (nem uma igreja) no sentido institucional, mas **um código de moral (ou de ética) universal, resumido na lei do amor**, autenticamente ensinado e vivenciado pelo Jesus histórico, “o terreno onde todos os cultos podem se reencontrar, a bandeira sob a qual todos podem se abrigar, quaisquer que sejam suas crenças, porque jamais foi objeto de disputas religiosas, sempre e por toda parte levantadas pelas questões de dogma” (KARDEC, *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, Introdução, 1º parágrafo),

enquanto o cristianismo exclusivista e divisionista dos cristãos é um novo credo religioso, caracterizado, sobretudo, por um conjunto de dogmas (ou de mitos), fragmentado em centenas de igrejas, seitas e denominações, objeto de inúmeras controvérsias e de numerosos conflitos ao longo de sua história, originalmente fundado, não pelo Jesus histórico, mas por Paulo de Tarso, daí ser também chamado de “**paulinismo**” e de “**cristianismo mítico**”, uma vez que é fundamentado muito mais em mitos (literalmente interpretados) do que em fatos históricos.

O cristianismo racional e pluralista do Jesus histórico, repito, é a única forma de religiosidade (ou de espiritualidade) capaz de unir todas as pessoas e todas as crenças deste planeta, enquanto o cristianismo irracional, dogmático, exclusivista e mítico dos cristãos nunca teve (nem terá jamais) condições de unir a cristandade e a humanidade.

É inegável o fato de que, só por fazer renascer e tentar praticar **a Verdadeira Religião – a “vivência do amor”** – o Espiritismo e a LBV merecem todos os elogios e deveriam ser seguidos, pelo menos nesse ponto, por todas as pessoas, uma vez que **a Religião do Amor deve ser vivenciada por todos os seres humanos**, independentemente do credo religioso que professem e independentemente de pertencerem ou não a uma instituição religiosa particular, pois o amor é universal, não tem fronteiras.

Como o Espiritismo e a LBV, também eu, em minhas obras ecumênicas, não tenho almejado alcançar outro objetivo maior, a não ser restaurar o verdadeiro “Cristianismo do Jesus Histórico” – **A VIVÊNCIA DO AMOR, A PRÁTICA DA CARIDADE, A VERDADEIRA RELIGIÃO, A ÚNICA RELIGIÃO DE DEUS E DO JESUS HISTÓRICO, QUE HÁ DE DURAR ETERNAMENTE.**

Como tenho dito e repetido, somente a prática dessa verdadeira religião terá condições de realmente unir a humanidade – atualmente tão fragmentada em milhares de religiões e seitas “todas lutando entre si, exclusivistas na posse da Verdade e isso em nome do próprio Deus, aplicando-se não a procurar a ponte que as una, mas a cavar o abismo que as divida” (UBALDI, 1992, p. 30).

Para concluir a resposta da presente pergunta, reafirmo que não somente a **Legião da Boa Vontade (LBV)**, mas toda e

qualquer outra instituição (religiosa ou não), cujo objetivo central é fazer com que as pessoas pratiquem **a Religião do Amor, a Prática da Caridade**, ensinada e vivida pelo Jesus histórico (e por muitos outros líderes religiosos), pode e deve ser corretamente chamada de **“A RELIGIÃO DE DEUS”**, pois **Deus é Amor e o Amor é Deus**.

Quero encerrar esta resposta, convidando os cristãos dogmáticos a se convencerem de que são chegados os tempos de conhecermos melhor as verdades cristãs, mediante o diálogo ecumênico e/ou inter-religioso, sobretudo as verdades a respeito da verdadeira identidade (ou natureza) de Jesus: **QUEM FOI JESUS?**

A resposta a essa pergunta, objetivo principal de meus livros ecumênicos, tem sido a maior polêmica cristã de todos os tempos. Mas a única saída para se chegar a um consenso é a prática do diálogo inter-religioso, aberto e sincero, à luz da “fé raciocinada”. Não vejo outra saída. Enquanto isso não acontecer, repito, nunca haverá unidade e paz entre os próprios cristãos, nem unidade e paz entre os habitantes da Terra, e nunca chegaremos ao conhecimento da verdade que nos liberta (“*Conhecereis a verdade e a verdade vos libertará*”).

58 - A IGREJA CATÓLICA FOI A ÚNICA RELIGIÃO FUNDADA PELO PRÓPRIO DEUS, NA PESSOA DE JESUS?

Na pessoa do Jesus mítico, sim; não, porém, na pessoa do Jesus histórico. Como já foi dito, o Jesus histórico não fundou nenhuma religião ou igreja. A Igreja Católica sempre teve a convicção de ser a única religião (ou Igreja) fundada pelo próprio Deus, na pessoa do Jesus mítico. Essa pretensão católica tem sido questionada e até negada por muitos especialistas em história das origens do cristianismo (incluindo até mesmo famosos teólogos católicos). Como escreve o escritor espanhol vaticanista Juan Arias,

uma das perguntas mais delicadas, comprometedoras e complexas sobre Jesus é se ele quis fundar uma nova Igreja e uma nova religião. Uma pergunta difícil, já que a Igreja Católica e, em geral, as igrejas cristãs jamais admitirão que não foram fundadas por Jesus [...]. Contudo, **não**

poucos especialistas se fizeram seriamente essa pergunta (ARIAS, 2001, p. 127) (negrito meu).

O famoso teólogo católico Leonardo Boff, por exemplo, em seu livro “Igreja: Carisma e Poder”, publicado (pela Editora Vozes) em 1981, reconhece a existência dentro do próprio catolicismo de duas correntes opostas entre os teólogos: uma corrente afirmando que o Jesus mítico fundou a Igreja e outra afirmando que “a Igreja como instituição não estava nas cogitações do Jesus histórico...” (BOFF, “Igreja: Carisma e Poder”, edição revista, 2005, p. 425). Por causa dessa afirmação, Boff foi duramente criticado por Joseph Ratzinger (hoje o Papa Bento XVI), que o acusa nos seguintes termos, citando o próprio Boff:

Segundo suas próprias palavras, (L. Boff) coloca-se dentro de uma orientação na qual se afirma que “a Igreja como instituição não estava nas cogitações do Jesus histórico, surgindo, isto sim, como evolução posterior à ressurreição, particularmente com o processo progressivo de desescatologização” (p. 133) (RATZINGER, apud BOFF, 2005, p. 425).

A crença de que a Igreja Católica foi fundada pelo Jesus mítico é baseada na seguinte passagem do Evangelho de Mateus:

Também eu te digo que tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei **minha Igreja**, e as portas do Inferno nunca prevalecerão contra ela. Eu te darei as chaves do Reino dos céus e o que ligares na terra será ligado nos céus, e o que desligares na terra será desligado nos céus (Mateus 16,18-19) (negrito meu).

Essa passagem não se encontra em nenhum outro Evangelho e em nenhum outro escrito canônico ou apócrifo do Novo Testamento, o que já constitui uma das maiores provas de sua inautenticidade. Como argumenta o escritor espírita Hermínio C. Miranda, em seu livro “Cristianismo: a mensagem esquecida”,

é pouco provável, contudo, que Jesus tenha, por exemplo, instituído uma igreja, ou melhor, **a sua igreja**, conforme consta em Mateus 16:18. Essa é a única referência específica nos Evangelhos, ressaltando-se, naturalmente,

que a palavra original grega – *ekklesia* – quer dizer comunidade, reunião de pessoas, religiosas ou não. É com essa conotação que começou a ser aplicada, nos Atos e nas Epístolas, ou seja, um local onde se reuniam os cristãos, não como uma Igreja fundada e institucionalizada por Jesus, com a sua estrutura administrativa, ritualística, sacramental e doutrinária (MIRANDA, 1988, p. 168).

O mesmo autor prossegue em sua brilhante argumentação, à luz da “fé raciocinada”, mostrando que o Jesus histórico não fundou nenhuma igreja:

Em suma, Jesus não fundou **a Igreja** e nem mesmo **igrejas**, como Paulo e outros apóstolos. Pregou as suas ideias e deu seu testemunho. Não estava cogitando de templos de pedra nem de hierarquias sacerdotais, dogmas ou normas de direito canônico (ibid.).

Existem famosos teólogos cristãos (incluindo católicos) que negam, corretamente, que o Jesus histórico tenha, de fato, fundado uma igreja durante a sua vida terrena. Um famoso escritor católico que defende essa verdade é o ilustre teólogo Hans Küng, padre suíço, nomeado pelo Papa João XXIII como consultor teológico para o Concílio Vaticano II. Eis suas palavras:

Jesus não fundou uma igreja durante sua vida. [...] Hoje, até exegetas católicos aceitam que a famosa frase sobre Pedro como a pedra na qual Jesus construirá sua igreja (Mateus 16,18-19: a declaração está no futuro), e da qual os outros Evangelhos não têm conhecimento, não é uma frase do Jesus terreno, mas foi composta após a Páscoa pela comunidade palestina, ou mais tarde pela comunidade de Mateus (KÜNG, 2002, p. 28) (negrito meu).

Essa mesma tese, apoiada pelo historiador belga (teólogo e ex-padre católico) Eduardo Hoornaert, já havia sido defendida, no início do século XX, pelo padre francês Alfred Loisy, o qual, no dizer de Eduardo Hoornaert,

sofreu muito por causa desse seu posicionamento, foi humilhado e proibido de ensinar em instituições da Igreja. Morreu isolado de seus colegas. Mesmo assim, **sua tese**

é vitoriosa, hoje, pelo menos entre os estudiosos da história das origens do cristianismo (HOORNAERT, 2006, p. 34) (negrito meu).

Concordo com a tese de que o Jesus histórico não fundou uma nova religião nem uma igreja. Ele formou, sim, uma **COMUNIDADE DE AMOR** (o “cristianismo das origens”), ou seja, uma **COMUNIDADE DE PESSOAS**, para viver e pregar os princípios do **código de moral (ou de ética) universal** que ele ensinou: **a paz, a união, a fraternidade, a justiça, a humildade, o perdão e o amor**, sem exclusivismos e divisionismos de nenhuma espécie. Como poderia o “cristianismo mítico” ter sido fundado pelo Jesus histórico (ou por Deus), se as centenas de igrejas que se dizem “cristãs” vivem a desunião, a intolerância e o exclusivismo, fazendo guerras entre si? Deus não pode ser exclusivista, mas pluralista. Não foi o Jesus histórico, portanto, que fundou uma nova religião ou uma “igreja” (a sua “igreja”), mas foram os cristãos que o fizeram, a começar por **Paulo de Tarso**. Jesus ensinou e praticou não uma nova religião, mas A RELIGIÃO, A VERDADEIRA RELIGIÃO – A VIVÊNCIA DO AMOR!

59 - JESUS ERA UMA PESSOA “EXCLUSIVA”, “EXCEPCIONAL” E “ÚNICA”?

O Jesus mítico, sim; não, porém, o Jesus histórico. Defendo (com muitos outros estudiosos do cristianismo) que o Jesus mítico da fé cristã dogmática é sobretudo um mito das chamadas “religiões de mistérios”, ou seja, das religiões de salvação, em que um deus-homem nasce, morre e ressuscita em três dias, sobe ao céu, de onde retornará para o Juízo Final. Mais precisamente, o Jesus mítico, ou Cristo da fé, não é um personagem “exclusivo”, “excepcional” e “único” do cristianismo dogmático.

O escritor Richard Russell Cassaro mostra, por exemplo, que há profundas semelhanças entre o Jesus mítico (divindade cristã) e **Osíris**, a divindade egípcia mais importante de todas **e a primeira de que se tem registro como tendo sido ressuscitada dos mortos**, o que comprova claramente que o cristianismo dogmático não é uma doutrina original, mas é cópia de outras crenças pagãs bem mais antigas, particularmente do Egito.

Osíris era o personagem central da antiga religião egípcia e os principais fundamentos do seu culto eram (do mesmo modo como no culto paulinista ao “Cristo da fé”) a crença na sua **divindade, morte e ressurreição**.

Caixões representando a imagem de Osíris também exibem um cajado de pastor na mão esquerda, um símbolo inconfundivelmente cristão – Jesus atribuiu a si mesmo o papel de Bom Pastor do rebanho humano e imagens de Cristo mostram-no segurando o cajado de pastor. Objetos de arte egípcios incluem o cajado de pastor nas mãos de Osíris. (Richard Russell Cassaro. O Paralelismo com Osíris. In: KENYON, 2008, p. 30.)

O escritor espanhol Pepe Rodríguez afirma que “a figura de Jesus Cristo foi construída segundo o modelo pagão dos deuses solares” (RODRÍGUEZ, 2001, p. 115). Esse mesmo autor nos fornece os seguintes dados comparativos entre o Jesus mítico e os deuses solares pagãos:

O deus que Saintyves identifica como “o jovem Sol” é obviamente Jesus Cristo, em cuja concepção mítica intervieram todos os elementos simbólicos e lendários característicos de desenvolvimentos religiosos muito anteriores que tiveram os seus primórdios nos cultos agrícolas que divinizaram todas as forças e manifestações da natureza que intervinham na sobrevivência dos homens nesta terra. [...] Nos mitos solares, o papel central pertence a um deus jovem. De origem astral, morre e ressuscita todos os anos, compendiando em si próprio os ciclos vitais da natureza. [...] Na época em que se formou a lenda de Jesus Cristo os cultos solares dominavam inteiramente o espectro religioso do Império Romano. [...] Durante a Antiguidade, o Sol foi em todo o planeta o emblema de todos os grandes deuses, e os monarcas de todos os impérios fizeram-se adorar como filhos do Sol, sempre identificado com a sua divindade principal. Neste contexto, a antropomorfização do Sol num deus jovem tem antecedentes fundamentais na história das religiões. Deuses como Hórus, Mitra, Adónis, Dioniso, Krishna são exemplos desse mesmo processo. O deus egípcio Hórus, filho de Osíris e de Ísis, é o grande dominador do mundo.

[...] Ele é o *Christós* e simboliza o Sol. [...] Mitra, um dos principais deuses da religião iraniana anterior a Zaratustra, era uma divindade de tipo solar. [...] O deus Mitra hindu, como o persa, é igualmente uma divindade solar. [...] Todas as personalidades dos deuses solares acabam por ser vítimas propiciatórias que expiam os pecados dos mortais, carregando com as suas culpas. Morrendo de morte violenta, são posteriormente ressuscitados. Assim, Osíris, que nasceu como um salvador ou libertador e veio ao mundo para pôr fim à tribulação dos humanos, depositado no seu túmulo, ressuscita e, ao fim de três dias (ou de quarenta, noutras versões), ascende aos céus. [...] Baco, outro deus solar destinado a arcar com as culpas da humanidade, também foi assassinado [morto e ressuscitado] [...] Idêntico destino estava reservado a Adónis, a Dioniso, a Atis e a uma extensa lista de seres divinos que, como Krishna – morto atado a uma árvore, com o corpo atravessado por uma flecha – e como Jesus Cristo – morto numa cruz de madeira, penetrado no lado por uma lança –, foram todos eles condenados à morte, chorados e restituídos à vida. São deuses que desceram ao *Hades* e regressaram, de novo, cheios de vigor, como faz a natureza com o seu ciclo anual das estações. [...] Se a Páscoa católica fosse o equivalente de uma celebração onomástica – a da suposta ressurreição de Jesus, a ser um fato, teria ocorrido num dia determinado – realizar-se-ia por norma numa data fixa o que, como se sabe, não acontece. Pelo contrário, varia de acordo com o ano astronômico, prova da origem pagã deste mito fundamental (RODRÍGUEZ, 2001, p.115-120).

Em face desses e de muitos outros dados históricos que estão sendo apresentados neste livro, ninguém poderá mais duvidar de que o “Jesus mítico” é, de fato, uma incorporação de “elementos de outros deuses ou personagens mitológicos de séculos anteriores a ele” (ARIAS, 2001, p. 111-112).

Em minhas obras ecumênicas, mostro que o processo de transformação do “Jesus histórico” no “Jesus (ou Cristo) mítico”, do nascimento à paixão e à morte, vem sendo confirmado por todas as pesquisas contemporâneas, as quais comprovam que a imagem do “Jesus (ou Cristo) mítico” é apenas uma criação fantástica, elaborada no curso dos tempos (cf. DONINI, 1965, p. 283).

Mas o que é “mito”?

A palavra “mito”, infelizmente, até hoje, ainda não possui uma definição de consenso universal na literatura sobre o assunto, embora os mitólogos afirmem que todas as religiões são baseadas em mitos. Há, de fato, vários sentidos para a palavra “mito”, dentre os quais destaco os quatro seguintes:

- 1) O sentido platônico de mito como mentira (cf. BRUNEL, 1997, p. xv);
- 2) O conceito usual de mito como ficção, ilusão, lenda, fábula, invenção (cf. ELIADE, 2006, p. 7-8);
- 3) O sentido arcaico de mito como “tradição sagrada, revelação primordial, modelo exemplar” (ELIADE, *ibid.*, p. 8); e
- 4) O conceito de mito como uma história (uma crença, uma doutrina) que pode ser *metaforicamente* verdadeira, mas que é *literalmente* falsa (cf. HICK, 1977, p. 178).

Adoto em minhas obras ecumênicas esses quatro sentidos de mito, uma vez que um sentido não exclui necessariamente o outro.

60 - JESUS FALOU DO SEU RETORNO FÍSICO PARA JULGAR A HUMANIDADE?

O Jesus mítico, sim; não, porém, o Jesus histórico. A crença no Juízo Final não é uma doutrina exclusiva do cristianismo mítico, pois ela já existia em religiões bem mais antigas do que o cristianismo, por exemplo, no Egito Antigo, como nos esclarece o escritor Richard Russell Cassaro, nos seguintes termos:

As representações de Cristo e Osíris como juízes são notavelmente semelhantes. O quadro de Michelangelo, *O Juízo Final*, tem muitas características em comum com o Dia do Juízo gravado em papiros egípcios e esculpido nas paredes. [...] Como juiz, Osíris era retratado na posição sentada, uma postura que é semelhante à caracterização do tribunal do Jesus mítico nas escrituras cristãs. O que fazer com essas semelhanças notáveis? Os estudiosos cristãos simplesmente tomaram emprestadas as imagens e os símbolos de Osíris da religião egípcia? Ou essas evidências revelam um fenômeno profundo e até agora não

admitido que teria influenciado o sentido da civilização humana? Ao revelar as semelhanças comuns entre as religiões egípcia e cristã, na realidade estaríamos redescobrimo os planos sagrados de uma tradição messiânica antiga que apressou o desenvolvimento cultural humano desde o princípio da história? (CASSARO, 2008, p. 31-32)

61 - JESUS INSTITUIU E PREGOU O DOGMA DA TRINDADE?

O Jesus mítico, sim; não, porém, o Jesus histórico. A doutrina da Trindade e muitas outras doutrinas cristãs não foram instituídas nem pregadas pelo Jesus histórico, mas foram falsamente intercaladas no Novo Testamento para satisfazer interesses cristãos. A esse respeito, vejamos o que diz o escritor Paulo Finotti (citado em ANDRADE, 1995, p. 49-50):

Depois da proclamação da divindade de Cristo, no século IV, e depois da introdução, no sistema eclesiástico, do dogma da Trindade, no século VI, muitas passagens do Novo Testamento foram modificadas, a fim de que exprimissem as novas doutrinas. Em sua obra, "As Bíblias e os Iniciadores Religiosos", diz Leblois, pastor em Strasburgo: "Vimos na Biblioteca Nacional, na de Santa Geneveva, na do Mosteiro de Saint Gall, manuscritos em que o dogma da Trindade está apenas acrescentado à margem. Mais tarde foi intercalado no texto, onde ainda se encontra" (p. 272).

A doutrina da Trindade foi, de fato, intercalada no Evangelho de Mateus, como nos esclarece, apropriadamente, o escritor judeu Vicente Francimar de Oliveira (cf. OLIVEIRA, 1995, p. 13-14), através da interpolação do seguinte versículo (falsamente atribuído ao Jesus mítico): "Ide, portanto, e fazei que todas as nações se tornem discípulas, **batizando-as em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo**" (Mateus 28,19) (negrito meu).

Outra famosa intercalação da doutrina da Trindade no Novo Testamento, conforme explica o escritor Bart D. Ehrman (cf. EHRMAN, 2006, p. 91-92), ocorreu quando, na Vulgata latina (tradução da Bíblia para o latim, feita por São Jerônimo, no século IV), foi inserida, na Primeira Carta de João, uma passagem que

não se encontra na vasta maioria dos manuscritos gregos do NT, passagem essa que os pesquisadores chamaram de “**o parêntese joanino**” (1João 5,7-8), “uma passagem que foi, por muito tempo, a predileta entre os teólogos cristãos, dado que é a única passagem na Bíblia inteira que delinea explicitamente a doutrina da Trindade, segundo a qual há três pessoas na divindade, com todas as três constituindo um só Deus. Na Vulgata, a passagem é lida assim: *Há três que conduzem o testemunho nos céus: o Pai, o Verbo e o Espírito e esses três são um*” (apud EHRMAN, 2006, p. 91). Por incrível que pareça, essa enxertia bíblica mentirosa, acerca do dogma ou mito da Trindade cristã, alimentou (e continua alimentando) a “fé cega” da maioria dos cristãos no dogma (ou mito) do Deus Uno e Trino.

62 - JESUS DECLAROU SER “DEUS”?

O Jesus mítico, sim; não, porém, o Jesus histórico. Os cristãos dogmáticos, fundamentados em interpretações literalistas de várias passagens do Evangelho de João, por exemplo, “Eu e o Pai somos um” (João 10,30), “Quem me viu, viu o Pai” (João 14,9) e “Não crês que estou no Pai, e o Pai está em mim?” (João 14,10), argumentam que o Jesus mítico realmente declarou “ser Deus”.

Refuto essa argumentação da grande maioria dos cristãos, com base nos argumentos que apresentarei a seguir.

Essas passagens joaninas, atribuídas ao Jesus mítico, não querem dizer que ele era literalmente “Deus”, como erroneamente interpretaram (e continuam interpretando) os cristãos convencionais e os adeptos de algumas filosofias e/ou religiões panteístas, mas pretendem apenas expressar a união e comunhão íntima de Jesus com Deus.

Essa união e comunhão íntima com Deus (**que está dentro de nós**) não significam dizer que existe uma identidade perfeita entre nós e a divindade, mas expressa apenas a união, a comunhão íntima e imanente entre nós e Deus, “no qual vivemos, nos movemos e existimos” (Atos 17,28).

Procurar constantemente essa união íntima e mística com Deus é tarefa de todos nós, o que não significa dizer, como afirmam os panteístas, que “todos somos Deus”. Por isso, no mesmo

Evangelho de João (João 1,12), como elucidada o escritor espírita (e ex-pastor evangélico) Jayme Andrade (cf. ANDRADE, 1995, p. 59), Jesus supostamente incluiu na mesma categoria de “união com o Pai” seus apóstolos, quando afirmou: “Pai Santo, guarda em teu nome aqueles que me deste, para que sejam um, assim como nós” e “para que também eles sejam **um em nós**” (João 17-11) (negrito meu).

Por conseguinte, a crença dos cristãos tradicionais, segundo a qual as passagens joaninas há pouco citadas seriam provas de que o Jesus mítico declarou “ser Deus” (no sentido natural), perde totalmente o seu sentido, sem mencionar o fato de que o Evangelho de João é o menos histórico de todos, cujo objetivo principal é provar que Jesus é, literalmente, Deus encarnado. Por isso, para atingir esse seu objetivo teológico, João não teme colocar nos lábios de Jesus frases que ele nunca disse.

Mas, os que seguem a interpretação literal desses versículos joaninos deveriam notar que, em várias outros trechos do mesmo Evangelho de João, ele se contradiz, porquanto, como ressalta Andrade (1995, p. 59), ele mostra em várias outras passagens que o Jesus mítico não era Deus, mas um “enviado de Deus” (João 4,34; 5,24; 6,44; 7,29; 8,26; 12,45; 17,3) e que chegou a afirmar: “Porque eu desci do Céu, não para fazer a minha vontade, mas a daquele que me enviou” (João 6,38). E, como conclui Andrade (ibid.), “é claro que um enviado é sempre inferior àquele que o enviou”. O Jesus mítico também teria afirmado: “O Pai é maior do que eu” (João 14,28); “Subirei ao meu Pai e ao vosso Pai, ao meu Deus e ao vosso Deus” (João 20, 17); e também teria dito: “Eu rogarei ao Pai” (João 14,16 e 16,26) e o que roga é obviamente inferior ao rogado.

Essas passagens bíblicas são mais do que suficientes para se concluir, à luz da “fé raciocinada”, que Jesus nunca cometeu a blasfêmia de afirmar que era *literalmente* Deus, mas que foram os cristãos que, de fato, o “endeusaram”.

Por mais que eu respeite essa crença sincera e honesta da maioria dos cristãos, não posso deixar de dizer, a bem da verdade, que ela é uma crença puramente mitológica, e não uma verdade histórica, absoluta e exclusiva do cristianismo dogmático, como já

vêm entendendo há bastante tempo os próprios cristãos liberais e, mais recentemente, diversos teólogos cristãos pluralistas, sem falar, é lógico, nas religiões e/ou filosofias espiritualistas reencarnacionistas (como o espiritismo), que vêm há muito tempo fornecendo lúcidos esclarecimentos sobre o caráter puramente mitológico, e não histórico, do fenômeno de se “endeusar” (“divinizar” ou “deificar”) personagens marcantes da História.

A própria Bíblia judaico-cristã declara também que alguém pode ser chamado “deus” ou “filho de Deus”, não no sentido natural, mas no sentido metafórico ou honorífico, principalmente quando exerce uma função importante na sociedade. Exemplos:

Eu declarei: Vós sois deuses, todos vós sois filhos do Altíssimo. (Salmo 82, 6)

Não está escrito em vossa Lei: *Eu disse: Sois deuses?* (João 10,34)

A Bíblia de Jerusalém elucidada, nas notas de rodapé referentes a essas duas passagens bíblicas, o sentido *metafórico* (e não *literal*) de alguém ser chamado “deus” ou “filho de Deus” na Bíblia:

Os príncipes e os juízes são comparados aos “filhos do Altíssimo”, membros da corte divina. (*A Bíblia de Jerusalém*, Salmo 82, 6, nota g)

Esta palavra dirige-se aos juízes, chamados “deuses” metaforicamente, por causa de seu ofício, pois “o julgamento cabe a Deus”. (*A Bíblia de Jerusalém*, João 10,34, nota c)

Além disso, essas passagens não dizem que todos somos “deus” (no singular), mas “*deuses*” (no plural), o que significa, metaforicamente, que todos somos como deuses, como seres divinos. Por conseguinte, essas e outras passagens bíblicas semelhantes não podem servir de apoio para provar que todos somos literalmente “Deus” e “filhos de Deus”, nem que Jesus tenha declarado ser literalmente como o único “Deus encarnado” e o único “Filho de Deus”.

Como já vimos neste livro, mas convém repetir, esse mito exclusivista cristão de Jesus ser o único Deus encarnado é falso, pois **todos nós também somos Deus encarnado**, não no nosso

ego, mas na profundidade do nosso ser, como bem expressou Joseph Campbell, uma das maiores autoridades no campo da mitologia no século XX, em sua monumental obra “O Poder do Mito”, já com 28 edições:

Veja, há dois modos de pensar “**Eu sou Deus**”. Se você pensa: “Aqui, em minha presença física e em meu caráter temporal, eu sou Deus”, então você está louco e provocou um curto-circuito na experiência. **Você é Deus não em seu ego, mas em seu mais profundo ser, onde você é uno com o transcendente não dual** (CAMPBELL, 2011, P. 221) (negrito meu).

É este Deus transcendente, não dual, não pessoal e invisível (o chamado *Cristo interno, a chama divina, Deus dentro de nós*) que nos sustenta: **“O tema básico de toda a mitologia é o de que existe um plano invisível sustentando o visível** (CAMPBELL, 2011, p. 76) (negrito meu).

Os antigos situaram no centro do mito uma pessoa ideal que simbolizasse a humanidade em si na sua natureza dual humana e divina. Essa pessoa ideal – os nomes eram Tamuz, Adônis, Mitra, Dioniso, Krishna, Cristo, entre muitos outros – simbolizava a centelha divina encarnada em todo ser humano, o elemento “destinado em última análise a deificar a humanidade” (HARPUR, 2008, p. 36).

Para concluir a reposta da presente pergunta, reafirmo que Jesus não é o único Deus encarnado, uma vez que todos nós também o somos, não no nosso ego, ou seja, no nosso eu inferior, mas na profundidade do nosso ser.

63 - JESUS FOI O ÚNICO QUE INSTITUIU A CEIA EUCARÍSTICA NA HISTÓRIA DAS RELIGÕES?

O Jesus mítico, sim; não, porém, o Jesus histórico. Se quase toda a Igreja Católica é de origem pagã, como comprovo em meus livros ecumênicos, não há como ignorar o fato de que todos os seus **sacramentos** são também de origem pagã, conforme argumentam muitos estudiosos das religiões.

Com todo o meu respeito à crença católica no Sacramento da Eucaristia, que alimenta a fé de mais de um bilhão de fiéis, devo expressar, contudo, a bem da verdade, meu pensamento atual sobre a sua origem pagã, à luz da história das religiões e da “fé raciocinada”.

Segundo o teólogo e ex-padre católico Franz GRIESE (cf. GRIESE, 1957, p. 106), a cena da Última Ceia Eucarística católica é uma cópia exata da cena da Última Ceia Eucarística de Agni (divindade hindu e védica, cultuada na Índia), em que **os fiéis tomavam pão e vinho consagrados como se fossem o corpo e o sangue do filho de Deus**.

Analogamente, os adoradores do deus Mitra também deviam servi-lo com absoluta pureza, recebendo **sete sacramentos**, entre os quais figuravam **o batismo, a confirmação e a comunhão: pão e vinho consagrados** por fórmulas rituais. **Os fiéis tomavam pão e vinho consagrados como se fossem o corpo e o sangue do próprio deus Mitra (ou Mitras)**.

Mais explicitamente, uma das principais características do mitraísmo era precisamente **a refeição sacrificial** (que certamente deu origem à Ceia Eucarística cristã e à Missa dos católicos), que envolvia **comer a carne e beber o sangue de um touro como se fossem a carne e o sangue do próprio deus Mitra**. Em outros termos, Mitra, como o Jesus mítico (no pão e vinho eucarísticos), estava “presente” na carne e no sangue do touro e, quando consumido, concedia salvação àqueles que tomavam parte da refeição sacrificial (rito de **teofagia = comer o próprio deus**).

É muito interessante saber que o apóstolo Paulo, o verdadeiro fundador do cristianismo mítico dos cristãos, não interpretava a Ceia Eucarística (pagã ou cristã) literalmente, mas simbolicamente. Logo, para Paulo (o maior apóstolo do cristianismo dogmático), a Ceia Eucarística é metaforicamente (simbolicamente) “verdadeira”, mas é literalmente “falsa”.

Nesse sentido, Paulo chamava os elementos da Ceia de **pão e vinho** (ou de **pão e cálice**), e não de **corpo e sangue**: “Porque **todas as vezes que comerdes este pão e beberdes o cálice**, anunciais a morte do Senhor até que ele venha” (1Coríntios 11,26) (negrito meu).

Como também nos esclarece o teólogo (e ex-padre católico) Franz GRIESE (cf. GRIESE, 1957, p. 174-175), no tempo de Paulo, os pagãos e os judeus costumavam sacrificar animais aos respectivos deuses. A carne desses animais sacrificados era consumida nos mercados públicos, na qualidade de carne de Júpiter (o Senhor dos deuses), carne de Minerva (deusa da sabedoria), carne de Mitra (deus da luz) etc., segundo as divindades a quem haviam sido sacrificados os animais.

Os consumidores escolhiam a carne que mais lhes convinha, crendo que comendo esta carne recebiam uma bênção especial da divindade respectiva, e até entrar em certa união com ela, mediante aquela carne.

Pois bem, o apóstolo Paulo, para induzir os novos cristãos, oriundos dos povos pagãos, a não participarem dos sacrifícios pagãos e não comerem a carne dos animais sacrificados aos ídolos, proíbe essa prática, substituindo-a pela “Ceia do Senhor”, dizendo que, como pela carne dos ídolos, o homem participa dos “demônios”, ou seja, dos “deuses pagãos”, do mesmo modo pelo consumo do pão e do vinho eucarísticos o cristão participa do Jesus mítico (ou “Cristo da fé”) (o **Deus-Jesus**).

Mas, como afirma o teólogo católico Franz GRIESE (ibid.), não há a menor dúvida de que Paulo não acreditava numa participação literal da própria pessoa dos deuses pagãos, mediante a carne dos ídolos e, portanto, tampouco na participação literal da verdadeira pessoa de Cristo, mediante o pão e o vinho eucarísticos.

64 - JESUS FAZIA USO DA “FÉ CEGA”?

O Jesus mítico, sim; não, porém, o Jesus histórico. A “fé cega”, em oposição à “fé raciocinada”, é aquela fé que não faz uso da razão. O Jesus mítico não fazia uso da “fé raciocinada”, mas de “fé cega”. Por exemplo, o Jesus mítico seria o autor exclusivo do seguinte versículo evangélico: “Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida. Ninguém vem ao Pai a não ser por mim” (João 4,6). Em todos os meus livros ecumênicos, argumento que este versículo não é de autoria do Jesus histórico, mas do Jesus mítico, por ser um versículo altamente exclusivista e o Jesus histórico era uma

pessoa altamente pluralista, que não excluía nem discriminava ninguém. O Jesus histórico ensinou e viveu o amor e quem exclui e discrimina o próximo não o ama. Logo, este versículo exclusivista não pode ter sido de autoria do Jesus histórico, mas do evangelista João, a fim de mitificar o Jesus histórico.

No dizer de Allan Kardec, a “fé raciocinada” é aquela fé que pode encarar a razão face a face, em todas as épocas da humanidade, enquanto a “fé cega” é aquela fé que não admite interferência da razão, nem atualizações ou revisões em assuntos doutrinários. Sem a “fé raciocinada”, é impossível qualquer tentativa de um autêntico diálogo inter-religioso, uma vez que não pode haver diálogo sem o livre exercício da razão.

Combato ao longo de todos meus livros ecumênicos o erro dos cristãos dogmáticos, segundo o qual seus dogmas de fé são verdades absolutas. Logo, não podem ser questionados nem avaliados na mesa do diálogo inter-religioso. Defendo a tese oposta de que toda verdade religiosa pode e deve ser discutida, questionada e avaliada na mesa do diálogo inter-religioso. Não existem doutrinas religiosas infalíveis. Todas as religiões possuem erros, pois os homens que as criaram são todos imperfeitos.

Feio não é errar, feio é querer continuar nos erros. Não há religiões sem erros. Como argumento e comprovo em minhas obras ecumênicas, o cristianismo dogmático está cheio de erros. Logo, os cristãos dogmáticos precisam dialogar abertamente com os seguidores de outras crenças para descobrir seus erros. Nesse sentido, concordo com as duas citações seguintes: a do teólogo católico Faustino Teixeira, quando ele chega a declarar que **“fora do diálogo, não há futuro possível para o cristianismo”** (TEIXEIRA, 1995, p. 128) (negrito meu) e a do historiador e teólogo católico John Cornwell, quando ele afirma que **“a menos que os católicos possam restaurar o espírito do Vaticano II, vão tomar um choque tão grande ou maior que a divisão do cristianismo quinhentos anos atrás”** (CORNWELL, 2002, p. 74) (negrito meu).

A “fé cega”, repito, é a que não admite interferência da razão, nem atualizações em assuntos doutrinários, enquanto a “fé raciocinada” é “aquela que pode encarar a razão face a face, em todas as épocas da Humanidade” (KARDEC, 1997a, p. 911) e que,

por conseguinte, não se nega a fazer revisões nem atualizações em assuntos doutrinários. Como escreve o escritor espírita Luiz Signates,

trata-se, pois, de uma fé aberta, dialogal, disposta a modificar as próprias opiniões ou o objeto de sua manifestação como crença, desde que satisfeitas as condições do livre exercício da razão (SIGNATES, 1998, p. 32-33).

Sem a “fé raciocinada”, convém repetir, é impossível qualquer tentativa de um autêntico diálogo inter-religioso, uma vez que não pode haver diálogo sem “o livre exercício da razão”.

É preciso distinguir dois tipos de “fé-crença cega”: 1) “fé cega pura” = a que não admite questionamentos nem interferência alguma da razão e 2) “fé cega racionalizada” = a que pode fazer uso da razão para justificar suas crenças, mas sem questioná-las ou revisá-las.

Em oposição a esses dois tipos de “fé-crença cega”, Allan Kardec propõe a “fé raciocinada”, ou seja, a “fé-crença” que admite questionamentos, revisões e atualizações (em assuntos doutrinários), de acordo com as exigências do livre exercício da razão.

A fé cristã dogmática, como todos sabemos, só admite as duas primeiras modalidades de “fé-crença” (“fé cega pura” e “fé cega racionalizada”), enquanto a doutrina espírita se fundamenta essencialmente na terceira modalidade de “fé-crença” (a “fé raciocinada”), ou seja, a que “pode encarar a razão face a face, em todas as épocas da Humanidade” (KARDEC, 1997a, p. 911).

Quanto às duas variantes de “fé-crença cega” (“fé cega pura” e “fé cega racionalizada”), não há praticamente diferença essencial entre elas, uma vez que ambas são estacionárias, não admitindo revisões nem mudanças.

Allan Kardec, em seu livro *O Evangelho Segundo o Espiritismo* (cap. 19, n. 6), esclarece bem a distinção entre “fé cega” e “fé raciocinada” nos seguintes termos:

No seu aspecto religioso, a fé é a crença nos dogmas particulares que constituem as diferentes religiões, e todas elas têm os seus artigos de fé. Nesse sentido, a fé pode

ser *raciocinada* ou *cega*. A fé cega nada examina, aceitando sem controle o falso e o verdadeiro, e a cada passo se choca com a evidência da razão. Levada ao excesso, produz o *fanatismo*. **Quando a fé se firma no erro, cedo ou tarde desmorona. Aquela que tem a verdade por base é a única que tem o futuro assegurado, porque nada deve temer do progresso do conhecimento, já que o verdadeiro na obscuridade também o é a plena luz** (itálicos do original, negrito meu).

A frase de Kardec (que grifei), **“Quando a fé se firma no erro, cedo ou tarde desmorona”**, comprova que a fé católica dogmática se firma em muitos erros, pois está, de fato, desmoronando nos últimos tempos, particularmente na velha Europa, sede do catolicismo.

Os cristãos dogmáticos (católicos, protestantes e ortodoxos), fundamentados na “fé-crença cega” ou na “fé-crença racionalizada”, “seguem a doutrina de Santo Tomás de Aquino, que definia a ‘fé’ como uma opção exclusiva da vontade, sem interferência da razão” (ANDRADE, 1995, p. 91). Mas,

na época atual já não é admissível a concepção aquiniana da fé, por ser evidente que “a fé depende da razão, pois quem crê deve ter uma razão para crer. [...] A aceitação não é só um ato de vontade, mas um ato de discernimento, portanto um ato de razão. Como posso aceitar isto e condenar aquilo, sem recorrer ao juízo, que é função da razão?” (PIRES, em “Revisão do Cristianismo”, p. 89, apud ANDRADE, 1995, p. 92).

Ainda nas palavras de Andrade (ibid.),

se a fé pode ser adquirida por um ato voluntário do agente, ela tem de assentar em bases racionais. Já passou o tempo do “credo quia absurdum” [‘creio porque é absurdo’].

A “fé raciocinada”, convém repetir, é a única modalidade de “fé-crença” que permite um autêntico diálogo entre as religiões, em que toda crença possa e deva ser questionada e avaliada na mesa do debate. Sem fazer uso desse tipo de fé, as religiões permanecerão estacionárias, mantendo crenças míticas

ultrapassadas e absurdas. A “fé raciocinada” rejeita qualquer doutrina absurda, venha de onde vier.

A “fé cega” é muito perigosa para toda a humanidade, porquanto os que alimentam esse tipo de fé normalmente são fanáticos, preconceituosos, violentos e intolerantes para com as crenças dos outros, ao contrário dos que se deixam guiar pela “fé raciocinada”.

O fanatismo religioso gera um grande mal para a sociedade, pois se torna loucura que produz ódios e paixões, capaz de levar muitos religiosos a cometerem os atos mais abomináveis e os crimes mais hediondos, como sempre ocorreu (e continua ocorrendo) na história de todas as grandes tradições religiosas.

65 - JESUS ERA UM MITO DE ORIGEM PAGÃ?

O Jesus mítico, sim; não, porém, o Jesus histórico. Com base na famosa distinção, feita desde o final do século 18, entre o Jesus mítico (“Cristo da fé”) e o “Jesus histórico”, argumento (com muitos outros pesquisadores) que o Jesus mítico, sendo visto literalmente como Deus, é um mito importado de muitas religiões pagãs, bem mais antigas do que o cristianismo, mas o “Jesus histórico”, sendo visto como uma pessoa somente humana, não é um mito importado de religiões pagãs, mas é uma pessoa real que nasceu historicamente neste planeta Terra, em Nazaré (e não em Belém), na região da Palestina, há cerca de dois mil anos, sua mãe chamava-se Maria, seu pai chamava-se José, viveu cerca de 33 anos, foi crucificado e morto pelos romanos (e não pelos judeus).

Mostro em meus livros ecumênicos centenas de provas em favor da tese de que o chamado “Cristo da fé” é realmente uma figura mítica de origem pagã, conforme comprovam todas as pesquisas sérias atuais, as quais mostram convincentemente que o Jesus mítico é apenas um mito, ou seja, uma figura inventada, um personagem mitológico, lendário, semelhante a muitos outros deuses pagãos, como Krishna (da Índia), Osiris e Hórus (do Egito Antigo), Dioniso (da Grécia), Mitra (da Pérsia) e muitos outros.

Alguns autores escrevem, por exemplo, que **existem cerca de 180 semelhanças entre o Jesus mítico e o deus Hórus do Antigo Egito** (ver Questão nº 93 do meu livro “Mentiras sobre Jesus”).

As evidências da grande semelhança entre o Jesus mítico e várias outras divindades, como Osíris, Hórus, Krishna, Buda, Mitra e muitas outras, comprovam que o cristianismo dogmático não é uma religião exclusiva, excepcional e única, mas é uma religião ao lado de muitas outras, com as mesmas crenças, os mesmos ritos, os mesmos mitos e lendas (para mais semelhanças entre o Cristo da fé e várias outras divindades pagãs, ver questões 93, 94, 95, 96 e 97 de meu livro “Mentiras sobre Jesus”).

66 - JESUS ERA TAMBÉM UMA “DIVINDADE SOLAR”?

O Jesus mítico, sim; não, porém, o Jesus histórico. Em meus livros ecumênicos, mostro muitas evidências em favor da tese de que o Jesus mítico é também uma divindade solar, ao lado de muitas outras. Mas o que é uma “**divindade solar**”?

Divindades solares eram pessoas que, nas religiões antigas, personificavam o Deus-Sol. Na antiguidade, a principal divindade era o Sol, o Deus-Sol, uma vez que nada pode existir neste planeta sem o Sol. Por isso, o Sol era visto como “Deus”, como “Filho de Deus”, como “Senhor” e como o “Salvador” da humanidade. O Deus-Sol era adorado no “domingo”, palavra que significa “Dia do Sol”, “Dia do Deus-Sol”.

Por causa do Deus-Sol, criou-se o antigo mito pagão do jovem deus solar expiatório que ressuscitava três dias depois de sua morte, uma lenda que se aplicou totalmente ao Jesus mítico.

Segundo os astrólogos e astrônomos, o Deus-Sol “morria” e “ressuscitava” após três dias, no solstício de inverno (dia do ano em que o sol, ao meio dia, atinge seu ponto mais baixo no céu e tem-se o dia mais curto do ano e a noite mais longa), ou seja, o sol desaparecia (isto é, “morria”) e, depois de três dias, reaparecia (ou seja, “ressuscitava”).

Ao longo da história, muitos personagens foram identificados como o Deus-Sol, “salvador do mundo”, “Filho de Deus”, que “morre” e “ressuscita”, após três dias, para nos salvar, tais como Hórus (do Egito Antigo), Mitra (da Pérsia) e, obviamente, Jesus Cristo e muitos outros.

Na página 179 de meu livro “Mentiras sobre Jesus”, cito o escritor espanhol Pepe Rodríguez, em seu livro “Mentiras Fundamentais da Igreja Católica”, no qual ele defende que “a figura de Jesus Cristo foi construída segundo o modelo pagão dos deuses solares” (RODRÍGUEZ, 2001, p. 115).

67 - JESUS É DEUS E HOMEM?

O Jesus mítico, sim; não, porém, o Jesus histórico. Na visão dogmática cristã, o Jesus mítico foi dogmatizado como sendo **VERDADEIRO DEUS E VERDADEIRO HOMEM**. Não, porém, na visão cristológica que defendo, na qual **O JESUS HISTÓRICO É SÓ HOMEM**.

A maior polêmica cristã de todos os tempos sempre foi (e continua sendo) sobre **a verdadeira identidade (ou natureza) de Jesus**. São três as principais correntes desta polêmica (cf. CHAVES, 2006c):

- 1) A corrente dogmática: **Jesus é Deus e homem**.
- 2) A corrente docetista: **Jesus é só Deus**.
- 3) A corrente adocionista/ariana/espírita: **Jesus é só homem**.

A grande maioria dos cristãos (atualmente mais de dois bilhões) segue a primeira corrente cristológica, ou seja, acredita que o Jesus mítico (“Cristo da fé”) é Deus e homem (VERDADEIRO DEUS E VERDADEIRO HOMEM), que se encarnou na Terra, a fim de morrer pelos pecados da humanidade e que fundou uma religião e uma igreja para proclamar essa verdade.

Se o Jesus mítico é, *literalmente*, Deus encarnado, o cristianismo tradicional (dogmático) é a única religião fundada pessoalmente pelo próprio Deus, e deve ser, por conseguinte, superior a todas as outras religiões deste planeta (cf. HICK, 1993, p. ix).

68 - JESUS FOI UM PERSONAGEM REAL?

O Jesus histórico, sim; não, porém, o Jesus mítico. Para os cristãos dogmáticos, o Jesus mítico (“Cristo da fé”) é um personagem histórico, real, e não um mito. Para mim (e para muitos outros estudiosos críticos do cristianismo), contudo, o “Cristo da

fé” é um personagem puramente mítico (ou mitológico), como estamos comprovando neste livro.

Como já disse, mas faço questão de repetir, defendo o ponto de vista cristológico segundo o qual **Jesus é só homem**, por sinal, a corrente ou posição cristológica que mais cresce atualmente no mundo, em oposição às outras duas correntes cristológicas, as quais defendem, respectivamente, **um Jesus que é Deus e homem** ou **um Jesus que é só Deus**. Essas duas correntes, repito, são “mitos cristãos”, e não verdades históricas absolutas.

A terceira corrente, defendendo a tese de que “Jesus é só homem”, argumenta que este Jesus é o “Jesus real”, o “Jesus verdadeiro”, o “Jesus histórico” (**uma pessoa totalmente humana**), em contraposição ao chamado “Jesus mítico”, “celeste”, rotulado também de “Cristo da fé”, “Cristo confessional”, “Jesus canônico” (**uma pessoa totalmente divina**).

69 - JESUS É APENAS UM MITO?

O Jesus mítico, sim; não, porém, o Jesus histórico. O “Jesus mítico” surgiu a partir do final do século XVIII, com o surgimento dos estudos histórico-críticos dos Evangelhos, em que se tornou comum fazer a distinção muito constrangedora para a maioria dos cristãos entre o “Jesus histórico” (**o Jesus que é só homem**) e o Jesus mítico/Cristo da fé (**o Jesus que é Deus e homem**).

Os próprios cristãos pesquisadores, particularmente os protestantes liberais, começaram a comprovar, mediante seus estudos, que se trata de dois personagens distintos. O Jesus mítico (ou “Cristo da fé”) é uma figura celeste a quem se atribui um papel mítico, sendo o próprio Deus que se encarnou miraculosamente no ventre de Maria, para salvar a humanidade, uma pessoa totalmente divina, que fundou uma nova religião e uma igreja exclusivistas, enquanto o “Jesus histórico” é um personagem real, um profeta (um sábio), uma pessoa totalmente humana, que nunca atribuiu a si mesmo os títulos míticos e exclusivistas de único Deus encarnado ou de único salvador da humanidade, mas que ensinou ao homem uma forma de vida capaz de o libertar do mal e conquistar o Reino de Deus, **mediante a vivência de um código de leis morais universais, resumido na lei do amor**.

O **Jesus histórico** (o **Jesus que é só homem**) – o **Verdadeiro Jesus de Nazaré** – é um dentre os muitos mensageiros de Deus, enviado à Terra para pregar o Reino Universal do Amor de Deus e formar uma comunidade de fiéis discípulos, **UMA COMUNIDADE DE AMOR** (o chamado “cristianismo do Jesus histórico” ou “cristianismo das origens”).

A distinção entre o “Jesus histórico” e o “Jesus mítico” (“Cristo da fé”) – rejeitada pela grande maioria dos cristãos dogmáticos – sempre causou (e continua causando) muitas polêmicas entre os próprios cristãos e, mais ainda, entre cristãos e não cristãos.

Em face desses e de muitos outros dados históricos que apresento em meus livros ecumênicos, ninguém poderá mais duvidar de que o “Jesus (ou Cristo) mítico” é, de fato, uma incorporação de “elementos de outros deuses ou personagens mitológicos de séculos anteriores a ele” (cf. ARIAS, 2001, p. 101-102).

Em minhas obras ecumênicas, mostro que o processo de transformação do Jesus histórico no Jesus mítico, do nascimento à paixão e à morte, vem sendo confirmado por todas as pesquisas contemporâneas, as quais comprovam que a imagem do “Jesus mítico” é apenas uma criação fantástica, elaborada no curso dos tempos (cf. DONINI, 1965, p. 283).

70 - O CREDO APOSTÓLICO REFERE-SE A JESUS?

Ao Jesus mítico, sim; não, porém, ao Jesus histórico. Antes de responder a esta pergunta, leiamos o **Credo Apostólico** (a profissão de fé mais antiga que sintetiza os principais dogmas ou mitos cristãos paulinistas):

CREDO APOSTÓLICO

CREIO EM DEUS PAI,
TODO-PODEROSO,
CRIADOR DO CÉU E DA TERRA,
E EM JESUS CRISTO,
SEU ÚNICO FILHO,
NOSSO SENHOR;
QUE FOI CONCEBIDO PELO PODER DO ESPÍRITO SANTO;
NASCEU DA VIRGEM MARIA;
PADECEU SOB PÔNCIO PILATOS;

FOI CRUCIFICADO,
MORTO E SEPULTADO;
DESCEU À MANSÃO DOS MORTOS;
RESSUSCITOU AO TERCEIRO DIA;
SUBIU AOS CÉUS;
ESTÁ SENTADO À DIREITA DE DEUS PAI,
TODO-PODEROSO,
DE ONDE HÁ DE VIR A JULGAR OS VIVOS E OS MORTOS.
CREIO NO ESPÍRITO SANTO, NA SANTA IGREJA CATÓLICA,
NA COMUNHÃO DOS SANTOS,
NA REMISSÃO DOS PECADOS,
NA RESSURREIÇÃO DA CARNE,
NA VIDA ETERNA.
AMÉM.
(Extraído de TABOR, 2006, p. 336)

Pela leitura desse **Credo Apostólico, derivado da visão paulina**, já podemos responder ao leitor deste livro que ele se refere quase todo ao Jesus mítico (“uma pessoa totalmente divina”), e não ao “Jesus histórico” (o “Jesus real”, o “verdadeiro Jesus de Nazaré”, “uma pessoa inteiramente humana”).

Mais explicitamente, no dizer dos pesquisadores do SJ,

o personagem deste Credo é uma figura celeste ou mítica, cuja ligação com o sábio de Nazaré limita-se ao seu sofrimento e morte sob Pôncio Pilatos. Nada entre o seu nascimento e sua morte parece ser essencial à sua missão ou à fé da Igreja. Assim, os Evangelhos podem ser compreendidos como correções deste desequilíbrio de fé, que foi indubitavelmente derivado da visão adotada pelo apóstolo Paulo, que não conheceu o Jesus histórico. Para Paulo, Cristo devia ser entendido como um Senhor, morto e ressuscitado, simbolizado no batismo (enterrado com ele, ressuscitado com ele), do tipo que ele conhecia das religiões de mistério do mundo greco-romano. No esquema teológico de Paulo, o Homem Jesus [o Jesus histórico] não exerceu nenhum papel essencial. (FUNK, Robert W.; HOOVER, Roy W., and THE JESUS SEMINAR, 1993, p. 7.)

Na minha opinião (e na de muitos outros autores), esse Credo Apostólico é uma prova incontestável da distinção, feita

particularmente a partir do século 18, entre o Jesus histórico e o mítico, ou seja, entre o “Jesus da História” (um personagem real, uma pessoa inteiramente humana) e o Jesus mítico (um personagem celeste, uma pessoa totalmente divina).

Essa distinção entre **o Jesus histórico** e **o Jesus mítico (Cristo da fé)** sempre foi (e continua sendo) a principal causa de conflitos e divisões entre os próprios cristãos e, mais ainda, entre cristãos e não cristãos.

Até quando os cristãos vão continuar com esses conflitos e divisões, existentes há mais de dois mil anos, a respeito da **verdadeira identidade (ou natureza) de Jesus?** Só Deus sabe!

71 - JESUS É O SALVADOR?

O Jesus mítico, sim; não, porém, o Jesus histórico. Para os cristãos dogmáticos, Jesus é o único salvador da humanidade (**SÓ JESUS SALVA!**). Proclamar que Jesus é o único caminho de salvação é uma das crenças mais exclusivistas do cristianismo dogmático. O Jesus histórico, porém, nunca afirmou ser o único caminho de salvação. Tal atitude exclusivista de Jesus feriria frontalmente a base de sua doutrina pluralista, qual seja, a do amor ao próximo e a humildade, caracterizando arrogância espiritual, erguendo assim um muro intransponível entre o cristianismo e todas as demais religiões deste planeta.

Segundo o ponto de vista que defendo, o Jesus histórico, repito, é um caminho ao lado de muitos outros, mas não o único caminho. Essa velha crença exclusivista do cristianismo dogmático precisa mudar. Do contrário, dificilmente poderá haver verdadeira fraternidade entre cristãos e não cristãos e, menos ainda, a existência do diálogo inter-religioso de igual para igual.

Convém esclarecer que dizer, por exemplo, que o Jesus mítico é o Salvador (e não um Salvador ao lado de outros), o Caminho (e não um Caminho ao lado de outros) expressa apenas um ponto de vista (uma fé, uma crença) particular de uma determinada religião, no presente caso, o cristianismo dogmático, o qual merece todo o nosso respeito, mas expressões exclusivistas como essas a respeito do Jesus mítico não devem ser tomadas ao pé da letra, como verdades históricas absolutas, mas apenas como verdades

teológicas, particulares, relativas, simbólicas, míticas, do cristianismo ortodoxo.

Além disso, a interpretação literal desses títulos exclusivistas aplicados ao Jesus mítico e ao cristianismo ortodoxo como verdades históricas absolutas (por ex., **SÓ CRISTO SALVA!**) cria uma barreira intransponível entre o cristianismo dogmático e as outras religiões deste planeta, impedindo o cada vez mais necessário e urgente diálogo inter-religioso de igual para igual. Como os cristãos dogmáticos podem dialogar abertamente com os membros das outras religiões, se eles argumentam que suas crenças são verdades históricas absolutas e que somente eles têm verdades e os outros têm mentiras?

72 - AS PASSAGENS DO “SERVO SOFREDOR” (ISAÍAS 53) REFEREM-SE AO SOFRIMENTO DE JESUS?

Ao sofrimento do Jesus mítico, sim; não, porém, ao sofrimento do Jesus histórico. Várias passagens de Isaías, particularmente as referentes ao “servo sofredor” (Isaías 53), são normalmente interpretadas pelos cristãos paulinistas como se referindo ao sofrimento redentor do Jesus mítico para pagar nossos pecados. Isso, porém, não é “história lembrada” (verdade histórica), mas “profecia historicizada” (narrativa inventada pelos escritores cristãos para fazer cumprir determinadas escrituras do Antigo Testamento). Leiaamos, a seguir, algumas passagens do chamado Segundo Isaías que parecem referir-se ao suposto sofrimento redentor do Jesus mítico, comentadas pelo escritor Bart D. Ehrman, em sua obra *O Problema com Deus: as respostas que a Bíblia não dá ao sofrimento* (EHRMAN, 2008, p. 75ss):

“Ofereci o dorso aos que me feriam e as faces aos que me arrancavam os fios da barba; não ocultei o rosto às injúrias e aos escarros” (Isaías 50,6). [...]

“E no entanto, eram as nossas enfermidades que ele levava sobre si, as nossas dores que ele carregava” (Isaías 53,4). “Mas ele foi trespassado por causa de nossas transgressões, esmagado em virtude das nossas iniquidades. O castigo que havia de trazer-nos a paz caiu

sobre ele, sim, por suas feridas fomos curados. Todos nós, como ovelhas, andávamos errantes, seguindo cada um o seu próprio caminho, mas lahweh fez cair sobre ele a iniquidade de todos nós. Foi maltratado, mas livremente humilhou-se e não abriu a boca, como um cordeiro conduzido ao matadouro” (Isaías 53,5-7). [...] “Deram-lhe sepultura com os ímpios, o seu túmulo está com os ricos” (Isaías 53,9).

Passagens como essas, do “servo sofredor” do chamado Segundo Isaías, marcaram o modo como os cristãos contaram erroneamente suas histórias da paixão do Jesus mítico (veja EHRMAN, 2008, p. 74-77). Mateus, por exemplo, escreveu:

“E cuspiram-lhe no rosto e o esbofetearam. Outros lhe davam bordoadas” (Mateus 26,67); [...] “E cuspiando nele, tomaram o caniço e batiam-lhe na cabeça. Depois de caçoarem dele, despiram-lhe a capa escarlata e tornaram a vesti-lo com as suas próprias vestes, e levaram-no para o crucificar” (Mateus 27,30-31). [...] “Chegada a tarde, veio um homem rico de Arimateia, chamado José, o qual também se tornara discípulo de Jesus. E dirigindo-se a Pilatos, pediu-lhe o corpo de Jesus. Então Pilatos mandou que lhe fosse entregue. José, tomando o corpo, envolveu num lençol limpo e o pôs em seu túmulo novo, que talhara na rocha” (Mateus 27,57-60).

Não é por acaso que os relatos da crucificação e morte de Jesus sejam tão parecidos com Isaías 53: Mateus, baseado em Marcos, estava pensando no “servo sofredor” de Isaías 53, enquanto escrevia sobre o sofrimento de Jesus, embora saibamos que as referidas passagens de Isaías 53 não se referem a Jesus, mas a Israel, que tinha sido levado para o exílio de Babilônia, cerca de seis séculos antes do nascimento de Jesus. **O próprio Isaías afirma claramente que o “servo” de lahweh é Israel: “Tu és meu servo, Israel” (Isaías 49,3); “E tu, Israel, meu servo” (Isaías 41,8) (EHRMAN, ibid.) (negrito meu).**

Como continua esclarecendo o escritor Bart D. Ehrman,

em seu contexto original, Isaías 53 estava insistindo na ideia de que o sofrimento dos exilados na Babilônia tinha “pagado” os pecados da nação e de que, conseqüentemente,

agora poderia haver a salvação. O povo seria perdoado e retornaria à sua terra, onde teria um relacionamento restaurado com Deus. **O sofrimento do exílio, portanto, era sofrimento substitutivo: a dor e a infelicidade de um contavam como uma espécie de sacrifício por outro** (EHRMAN, 2008, p. 125) (negrito meu).

A afirmação de Mateus de que José de Arimateia depositou Jesus “em seu túmulo novo, que talhara na rocha”, é um acréscimo, pois não se encontra em nenhum outro evangelista. Além disso, tudo indica mesmo que Mateus quis simplesmente fazer cumprir-se aqui, como em muitas outras passagens de seu Evangelho, mais uma “profecia historicizada”, para provar que Jesus era a figura do “servo sofredor” de Isaías 53: “Deram-lhe sepultura com os ímpios, o seu túmulo está com os ricos” (Isaías 53,9).

Em suma, a passagem de Isaías 53 passou a ser erroneamente interpretada pelos escritores cristãos do Novo Testamento como se referindo ao sacrifício redentor de Cristo na cruz. Paulo, por exemplo, fala da “redenção realizada em Cristo Jesus: Deus o expôs como instrumento de propiciação, por seu próprio sangue, mediante a fé” (Romanos 3, 24-25). Convém esclarecer que o termo “propiciação” significa um ritual com que se procura agradar uma divindade, para conseguir seu perdão; é “um sacrifício ou oferenda que se faz para aplacar a ira dos deuses” (Dicionário HOUAISS, verbete **propiciação**).

73 - DEUS “AUTOESVAZIOU-SE” NA PESSOA DE JESUS?

Na pessoa do Jesus mítico, sim; não, porém, na pessoa do Jesus histórico. O apóstolo Paulo, em sua carta aos Filipenses (Filipenses 2, 6-11), expõe a chamada doutrina da *kenosis* de Cristo, ou seja, a doutrina mítica do “autoesvaziamento” de Deus na pessoa de Jesus,

o qual, subsistindo na forma de Deus,
não se aferrou a sua igualdade com Deus,
mas aniquilou-se a si mesmo
para assumir a condição de servo,
e se fez semelhante aos homens;
foi ainda mais humilde,

a ponto de aceitar a morte,
e morte na cruz.
Porém Deus o exaltou
e lhe deu o nome
que está acima de todos os nomes,
para que, ao nome de Jesus,
todas as criaturas,
nos céus, e na terra, e debaixo da terra,
e toda língua aclame
Jesus como o Senhor [kyrios]
para a glória de Deus Pai. (Filipenses 2, 6-11) (versão
extraída de ARMSTRONG, 2008, p. 124-125)

Essa crença mítica (paulinista) é outra grande mentira sobre o Jesus histórico. É a doutrina mítica segundo a qual Deus “autoesvaziou-se” temporariamente de seus atributos divinos, ao encarnar-se na pessoa física do Jesus mítico, a fim de que ele sofresse e morresse na cruz para pagar os nossos pecados. A crença mítica no “autoesvaziamento” temporário de Deus, para encarnar-se num ser humano, era comum a muitas outras culturas religiosas bem mais antigas do que o cristianismo. Segundo esse mito antigo, Deus pode “autoesvaziar-se” temporariamente de seus atributos divinos e encarnar-se na forma de um ser humano, assumindo todas as nossas imperfeições e limitações, o chamado mito da *kenosis*, ou do “autoesvaziamento” de Deus.

Este chamado mito da *kenosis*, ou do “autoesvaziamento” de Deus, é idêntico ao mito do “Deus encarnado”, comum a muitas outras religiões, e não exclusivamente ao cristianismo, em que Deus supostamente se encarna num ser humano, que passa a ser chamado de “avatar” ou “salvador”, o qual vem ao mundo para nos redimir ou nos salvar, inclusive com seu derramamento de sangue.

No cristianismo exclusivista paulinista, conforme já sabemos, Jesus é visto como o único salvador da humanidade, a única encarnação de Deus na história, o único “avatar” enviado por Deus a este mundo para nos redimir de nossos pecados mediante seu sangue derramado na cruz. Para os cristãos dogmáticos paulinistas, **SÓ JESUS SALVA!** Que grande mentira!

O escritor Tom Harpur nos esclarece, em seu livro “O Cristo dos Pagãos”, que os estudos comparativos das religiões (sobretudo

das chamadas “religiões de mistérios”) comprovam que quase todas as crenças tradicionais do mundo repousam em um mito central de um “Salvador” (um “avatar”), ou seja, um filho de um rei/deus celestial que desce para o mundo de trevas inferior, sofrendo, morrendo e ressuscitando, antes de voltar ao seu mundo superior de origem (cf. HARPUR, 2008, p. 50-51):

A história nos diz como esse rei/deus conquista a vitória sobre os seus inimigos, tem um cortejo triunfante e é entronizado nas alturas. [...] **Os pesquisadores dedicados ao estudo comparativo das religiões fizeram listas de trinta a cinquenta desses avatares ou salvadores.** Kersey Graves escreveu um livro intitulado *The World's Sixteen Crucified Saviors* [**Os 16 Salvadores Crucificados no Mundo**]. Frank e Gandy mostram que a religião cristã e as religiões de mistério dos períodos anteriores e contemporâneo compartilham praticamente todas as mesmas crenças, doutrinas, rituais e ritos (HARPUR, *ibid.*) (negrito meu).

O mito da salvação cristã, segundo nos esclarece o escritor Ambrogio Donini, também se origina da fórmula antiga de um escravo que adquire a sua liberdade:

O preço do resgate pode ser pago diretamente, ou por um terceiro, sob várias formas, em favor do escravo. A concepção total do mito da salvação cristã já está contida nesta fórmula. [...] Sendo o homem um pecador e incapaz de libertar-se pagando à divindade o preço do seu resgate, intervém um “redentor”, o qual paga por ele com a sua paixão e a sua morte: esta é a essência da doutrina soteriológica entre os primeiros escritores cristãos gregos, latinos e sírios. [...] Para alguns, o “preço do resgate” é pago a Satanás, que tinha o homem em seu poder (DONINI, p. 203).

Conforme venho argumentando, à luz da filosofia espírita da “fé raciocinada”, o que nos salva, ou melhor, o que nos liberta e nos faz evoluir espiritualmente, é a prática da caridade, a qual inclui, obviamente, a “kenosis”, no sentido de “desapego”, “humildade”, “mansidão”, “amor”, “perdão”, mas não a “kenosis” no sentido mítico da crença num avatar ou salvador exclusivista,

como o Jesus mítico (Cristo da fé), que supostamente veio ao mundo para nos salvar, nos redimir, mediante sua morte expiatória com seu derramamento de sangue na cruz.

Para o apóstolo Paulo, a salvação não vem pelas obras de amor-caridade, mas exclusivamente pela fé em Cristo morto e ressuscitado. Segundo essa sua doutrina, se uma pessoa pudesse se salvar apenas pelo cumprimento da lei judaica (incluindo obviamente a Lei do Amor), então não teria sido preciso que o Deus se “autoesvaziasse” na pessoa do Jesus mítico e viesse morrer na cruz. Logo, o fato de o Deus ter se “autoesvaziado” e morrido na cruz tinha de significar, no raciocínio de Paulo, que Deus queria mesmo que o Jesus mítico morresse na cruz, pois, para Paulo, **“a salvação exigia sofrimento. Ainda mais que isso, exigia o horrendo sofrimento da crucificação”** (EHRMAN, 2008, p. 128) (negrito meu).

Como aceitar essa doutrina absurda, repugnante, sadista, masoquista e sadomasoquista, ou seja, essa chamada **“teologia do sangue”**, pela qual o Deus antropomórfico dos cristãos parece ter tido prazer com o sofrimento de seu próprio Filho Jesus morto na cruz? O Deus verdadeiro pode deleitar-se com o sofrimento dos outros? Além disso, Deus poderia morrer? Alguns teólogos defendem a tese de que Jesus morreu como homem, e não como Deus, mas esses mesmos teólogos paulinistas se contradizem ao ensinar que **não se pode separar o lado humano de Jesus do seu lado divino!** Logo, segundo essa visão, o Jesus mítico teria morrido como homem e Deus. Por isso, “a Igreja Católica, durante milênios, dedicou-se a tachar os judeus de **assassinos de Deus**” (ARIAS, 2001, p. 92) (negrito meu).

Por influência de religiões pagãs mais antigas, os teólogos cristãos paulinistas sempre defenderam a tese absurda de que Deus, tendo ficado aborrecido, por causa do suposto “pecado original”, decidiu enviar seu próprio Filho Jesus Cristo para sofrer e morrer na cruz a fim de pagar nossa culpa original e nos salvar.

Para concluir a resposta da presente pergunta, reafirmo que, segundo o ponto de vista que defendo, não é a crença num avatar ou salvador externo, ou seja, num Deus encarnado, que se “autoesvaziou” de seus atributos divinos e morreu crucificado,

como no caso do Jesus mítico (ou Cristo da fé), que nos redime, que nos salva, ou melhor, que nos liberta e nos faz evoluir espiritualmente, mas unicamente a prática do amor-caridade: **FORA DA CARIDADE NÃO HÁ SALVAÇÃO**, como prega o espiritismo. O “Jesus histórico” também pregou que não queria sacrifícios, mas a prática do amor-caridade: **“Misericórdia é que eu quero, e não sacrifício”** (Mateus 9,13) (negrito meu).

74 - JESUS RETORNARÁ PARA JULGAR A HUMANIDADE?

O Jesus mítico, sim; não, porém, o Jesus histórico. Nesta resposta, abordo o retorno do Jesus mítico, na interpretação cristã literal dos textos bíblicos sobre esse tema e na visão espírita.

Segundo a interpretação literal de muitos textos bíblicos do Novo Testamento, o Jesus mítico realmente prometeu que retornaria fisicamente, por ocasião do fim do mundo, para julgar a humanidade, enviando os bons para o céu e os maus para o inferno eterno. Na visão espírita, porém (que sigo), o Cristo da fé (o Jesus mítico) não retornará fisicamente para julgar a humanidade, premiando os justos com o céu e castigando os maus com o inferno eterno.

75 - JESUS ERROU?

O Jesus mítico, sim; não, porém, o Jesus histórico. O teólogo e ex-padre católico Franz Griesse defende a tese de que o breve retorno do Jesus mítico, segundo a interpretação literal da Bíblia, por não ter acontecido na época prometida por Cristo, é a maior prova de que ele não era, nem é, Deus.

Em outras palavras, o “Jesus mítico” (ou “Cristo da fé”) não é Deus, porque ele errou, ao profetizar que retornaria a este mundo, quando ainda estivessem vivos alguns de seus apóstolos, profecia que não se cumpriu. Logo, ele não era, nem é, Deus, pois Deus não pode errar. (A matéria completa desse erro do Jesus mítico se encontra na resposta da Pergunta nº 155 do meu 3º livro ecumênico “Catecismo Ecumênico” (SOUZA, 2010a).

A grande maioria dos cristãos acredita na segunda vinda física e gloriosa do Jesus mítico (Cristo da fé) para o Juízo Final da humanidade (cf. Mateus 25,31-46), premiando os justos com o

céu e castigando os maus com o inferno eterno. Muitas passagens do Novo Testamento (por exemplo, Mateus 16,27; 24, 1-35; 25, 31-46; Marcos 9,1; 13, 1-32; Lucas 9,27; 21, 5-33; 1Coríntios 15,23; 1Tessalonicenses 2,19; 3,13; 4,15-17; 5,2; 5,23; 2Tessalonicenses 1, 6-10; 2,1-12 etc.) afirmam que o Jesus mítico garantiu que retornaria à Terra para o julgamento final da humanidade, enquanto ainda alguns de seus discípulos ou apóstolos estivessem vivos.

A crença na segunda vinda do Cristo da fé para o Juízo Final da humanidade, premiando os justos com o céu e castigando os maus com o inferno eterno, é mais um mito cristão, um mito escatológico, isto é, referente às últimas coisas que supostamente deverão acontecer no final dos tempos, doutrina antiga, segundo a qual Deus poria um fim na história da humanidade, ressuscitando todos os mortos e dando a cada um a sua sentença final, de acordo com as suas obras (cf. FUNK, HOOVER & THE JESUS SEMINAR, 1993, p. 245-246).

76 - JESUS VIRÁ PARA O JUÍZO FINAL?

O Jesus mítico, sim; não, porém, o Jesus histórico. Segundo o espiritismo, o planeta Terra não terá um fim, como descreve o mito cristão do Juízo Final, mas uma *transformação*, na época de sua *regeneração*, em que o nosso planeta atingirá mais uma etapa evolutiva, subindo um degrau a mais na sua evolução material e moral, semelhante à que ocorreu no planeta Capela, há milhares de anos atrás, e semelhante às etapas de regeneração que ocorrem constantemente nos milhares de outros planetas habitados do Universo.

Na fase de regeneração do planeta Terra, os seus habitantes que ainda não tiverem atingido o nível de adiantamento moral adequado à sua nova etapa evolutiva, não mais reencarnarão aqui, mas em outros planetas de níveis semelhantes ou inferiores ao do planeta Terra. Isto, porém, não é o fim do mundo, mas o início de uma nova era para o planeta Terra, uma era de mais união, amor, paz e fraternidade entre os seus habitantes. Na nova fase evolutiva da Terra, repito, só reencarnarão nela espíritos mais evoluídos do que a grande maioria dos atuais habitantes dela. Nesse sentido, refletamos agora sobre o Juízo Final, na visão espírita, conforme

os lúcidos esclarecimentos fornecidos por Allan Kardec, o codificador da Doutrina dos Espíritos:

Chegado o momento em que, pelo progresso moral de seus habitantes, o globo terráqueo tem de ascender na hierarquia dos mundos, interdito será ele, como morada, a encarnados e desencarnados que não hajam aproveitado os ensinamentos que uns e outros se achavam em condições de aí receber. Serão exilados para mundos inferiores, como o foram outrora para a Terra os da raça adâmica, vindo substituí-los Espíritos melhores. Essa separação [...] é que se acha figurada por estas palavras sobre o juízo final: “Os bons passarão à minha direita e os maus à minha esquerda.” [...]

A doutrina de um juízo final, único e universal, pondo fim para sempre à Humanidade, repugna à razão, por implicar a inatividade de Deus, durante a eternidade que precedeu à eternidade da Terra e durante a eternidade que se seguirá à sua destruição. Que utilidade teriam então o Sol, a Lua e as estrelas que, segundo a Gênese, foram feitos para iluminar o mundo? Causa espanto que tão imensa obra se haja produzido para tão pouco tempo e a benefício de seres votados de antemão, em sua maioria, aos suplícios eternos.

Materialmente, a ideia de um julgamento único seria, até certo ponto, admissível para os que não procuram a razão das coisas, quando se cria que a Humanidade toda se achava concentrada na Terra e que para seus habitantes fora feito tudo o que o Universo contém. É, porém, inadmissível, desde que se sabe que há milhares de milhares de mundos semelhantes, que perpetuam as Humanidades pela eternidade em fora e entre as quais a Terra é dos menos consideráveis, simples ponto imperceptível. [...]

O juízo, pelo processo da emigração, conforme ficou explicado acima, é racional; funda-se na mais rigorosa justiça, visto que conserva para o Espírito, eternamente, o seu livre-arbítrio; não constitui privilégio para ninguém; a todas as suas criaturas, sem exceção alguma, concede Deus igual liberdade de ação para progredirem; o próprio aniquilamento de um mundo, acarretando a destruição do

corpo, nenhuma interrupção ocasionará à marcha progressiva do Espírito. Tais as consequências da pluralidade dos mundos e da pluralidade das existências.

Segundo essa interpretação, não é exata a qualificação de *juízo final*, pois que os Espíritos passam por análogas feiras a cada renovação dos mundos por eles habitados, até que atinjam certo grau de perfeição. Não há, portanto, *juízo final* propriamente dito, mas *juízos gerais* em todas as épocas de renovação parcial ou total da população dos mundos, por efeito das quais se operam as grandes emigrações e imigrações de Espíritos. (KARDEC, *A Gênese*, cap. 17, n. 63-67)

O progresso intelectual realizado até ao presente, nas mais largas proporções, constitui um grande passo e marca uma primeira fase no avanço geral da Humanidade; impotente, porém, ele é para regenerá-la. Enquanto o orgulho e o egoísmo o dominarem, o homem se servirá da sua inteligência e dos seus conhecimentos para satisfazer às suas paixões e aos seus interesses pessoais, razão por que os aplica em aperfeiçoar os meios de prejudicar os seus semelhantes e de os destruir.

Somente o progresso moral pode assegurar aos homens a felicidade na Terra, restando as paixões más; somente esse progresso pode fazer que entre os homens reinem a concórdia, a paz, a fraternidade.

Será ele que deitará por terra as barreiras que separam os povos, que fará cair os preconceitos de casta e se calem os antagonismos de seitas, ensinando os homens a se considerarem irmãos que têm por dever auxiliarem-se mutuamente e não destinados a viver à custa uns dos outros.

Será ainda o progresso moral que, secundado então pelo da inteligência, confundirá os homens numa mesma crença fundada nas verdades eternas, não sujeitas a controvérsias e, em consequência, aceitáveis por todos.

A unidade de crença será o laço mais forte, o fundamento mais sólido da fraternidade universal, obstada, desde todos os tempos pelos antagonismos religiosos que dividem os povos e as famílias, que

fazem sejam uns, os dissidentes, vistos, pelos outros, como inimigos a serem evitados, combatidos, exterminados, em vez de irmãos a serem amados. (Negrito meu) [...]

A geração que desaparece levará consigo seus erros e prejuízos; a geração que surge, retemperada em fonte mais pura, imbuída de ideias mais sãs, imprimirá ao mundo ascensional movimento, no sentido do progresso moral que assinalará a nova fase da evolução humana. (A *Gênese*, cap. 18, n. 18-20) (negrito meu)

Concluindo esta resposta da presente pergunta, reafirmo, com o teólogo Franz Griesse, que o retorno de Cristo, na interpretação literal da Bíblia, é, de fato, a maior prova de que ele não era, nem é, Deus, pois ele errou, e Deus não pode errar. O retorno de Cristo, na visão espírita, é a época do retorno de seu verdadeiro cristianismo (o “cristianismo redivivo”) – a religião do amor-caridade, e só na visão espírita o Juízo Final tem uma explicação racional.

77 - A DOUTRINA DE JESUS É QUE SE ACHA RESUMIDA NA EPÍSTOLA AOS ROMANOS?

A do Jesus mítico, sim; não, porém, a do Jesus histórico. Nas palavras do renomado escritor racionalista Ernest Renan,

não é a *Epístola aos Romanos* o resumo do cristianismo, e sim o *Sermão da Montanha*. O verdadeiro cristianismo, que há de durar eternamente, vem dos Evangelhos, não das Epístolas de Paulo. Os textos de Paulo foram um perigo e um obstáculo, a causa dos principais erros da teologia cristã; Paulo é o pai do sutil Agostinho, do árido Tomás de Aquino, do sombrio calvinista, do impertinente jansenista, da teologia irada que danifica e perverte. [...] O personagem histórico que mais semelhança apresenta com Paulo é Lutero. Em um ou em outro existe a mesma violência na linguagem, a mesma paixão, a mesma energia, a mesma nobre independência, o mesmo agarrar-se, frenético, a uma tese considerada como a verdade absoluta (RENAN, 2004, p. 381-382).

Se os cristãos paulinistas não mais confundissem seus dogmas ou mitos exclusivistas e divisionistas com os verdadeiros ensinamentos do Jesus histórico, resumidos no *Sermão da Montanha* (Mateus 5-7), não mais haveria tantas divisões e brigas entre eles, como vem ocorrendo há dois mil anos. Essa verdade é muito bem expressa pelo escritor e ex-padre católico Huberto Rohden, em seu livro *O Sermão da Montanha*, nos seguintes termos:

Há séculos que as igrejas cristãs do Ocidente se acham divididas em partidos, e, não raro, se digladiam ferozmente – por causa de quê? Por causa de determinados dogmas que elas identificam com a doutrina de Jesus – infalibilidade pontifícia, batismo, confissão, eucaristia, pecado original, redenção pelo sangue de Jesus, unicidade e infalibilidade da Bíblia etc. No entanto, seria possível evitar todas essas polêmicas e controvérsias – bastaria que todos os setores do Cristianismo fizessem do Sermão da Montanha o seu credo único e universal. Essa mensagem suprema do Cristo não contém uma só palavra de colorido dogmático-teológico – o Sermão da Montanha é integralmente espiritual, cósmico, ou melhor, “místico-ético”; não é uma teoria em que o homem deva “crer”, mas uma realidade que ele deve “ser”. [...] Quem é proclamado “bem-aventurado” feliz? Quem é chamado “filho de Deus”? Quem é que “verá a Deus”? De quem é o “reino dos céus”? Será de algum crente no dogma A, B ou C? Será o adepto da teologia desta ou daquela igreja ou seita? Será o partidário de um determinado credo eclesialístico? Nem vestígio disso!

Os homens bem-aventurados, os cidadãos do reino dos céus, são os “pobres pelo espírito”, são os “puros de coração”, são os “mansos”, os que “sofrem perseguição por causa da justiça”, são os “pacificadores”, são os “misericordiosos” e “os que choram”, são os que “amam aos que os odeiam” e “fazem bem aos que lhes fazem mal”.

No dia e na hora em que a cristandade resolver aposentar as suas teologias humanas e proclamar a divina sabedoria do *Sermão da Montanha* como credo único e universal, acabarão todas as dissensões, guerras de religião e excomunhões de hereges e

dissidentes. Isso, naturalmente, supõe que esse documento máximo de espiritualidade, como Mahatma Gandhi o chama, seja experiencialmente vivido, e não apenas intelectualmente analisado (ROHDEN, 2007, p. 15-16).

78 - “SALVAÇÃO” SIGNIFICA “REDEÇÃO” DE NOSSOS PECADOS?

Para o Jesus mítico, sim; não, porém, para o Jesus histórico. Para a grande maioria dos cristãos, no contexto bíblico do Novo Testamento, o conceito mítico de “salvação” geralmente significa “redenção” (“resgate” ou “remissão”) do gênero humano, ou melhor, de seus “pecados”, pelo sangue do Jesus mítico derramado na cruz, e também significa “felicidade eterna” no céu, obtida após a morte, em oposição ao conceito igualmente mítico de “condenação eterna”.

Para todos os espiritualistas reencarnacionistas (nos quais me incluo), “salvação” deixa de ser um termo mítico, quando significa “libertação” e “evolução espiritual” do ser humano através da prática do amor em múltiplas (re)encarnações neste e em outros planetas.

Aliás, para nós (reencarnacionistas), como esclareço em meus livros ecumênicos (e nas matérias de meu *blog*), a palavra-chave não é “salvação” (nem “redenção”), mas “evolução”. Esses dois termos são bem distintos: “salvação” é algo que vem de fora, enquanto “evolução” é algo que vem de dentro; “salvação” é libertação concedida pela fé em um “salvador” externo ao indivíduo; “evolução” é desenvolvimento de nossas potencialidades divinas, é nosso aperfeiçoamento espiritual, gradativo, realizado por nós mesmos ao longo de nossas múltiplas existências na matéria.

Deus não nos criou “árvores”, mas “sementes” para que nós as façamos germinar e desenvolver frutos virtuosos: amor, inteligência, honestidade, humildade, caridade, perdão, fraternidade, justiça etc.

A “evolução”, ao contrário da “salvação”, depende de nosso trabalho individual e coletivo para chegarmos à perfeição. Só com muita luta e esforço, conseguiremos, gradativamente, através de muitas (re)encarnações, nosso desenvolvimento espiritual,

enquanto a “salvação” é de graça, dada de uma vez por todas. Basta “crer” para recebê-la ou basta arrepender-se dos “pecados”, mesmo que no último segundo de vida, para ganhar o céu e livrar-se do inferno.

A respeito do mito paulinista da redenção de Cristo pelo seu sangue derramado na cruz, convém recordarmos aqui a seguinte citação, feita no capítulo 4 deste livro, na qual o teólogo Holger Kersten esclarece-nos que, para criar essa doutrina mítica da redenção pela morte do Filho Unigênito, Paulo de Tarso **“retrocedeu às primitivas religiões semíticas, em que os pais deviam imolar seus primogênitos”** (KERSTEN, 1986, p. 34) (negrito meu):

Associando a morte do Unigênito de Deus à redenção de nossos pecados, Paulo retrocedeu às primitivas religiões semíticas, em que os pais deviam imolar seus primogênitos. (KERSTEN, *ibid.*).

Essa doutrina mítica, infantil e falsa do pecado original e da redenção da humanidade pelo sangue de Cristo derramado na cruz, além de ser totalmente inconciliável com a justiça de Deus, “fazendo todos os homens responsáveis pela culpa de um só” (KARDEC, *A Gênese*, cap. I, n. 38), contradiz o bom senso, a lógica, a “fé raciocinada”, a “razão comunicativa” e a ciência, sobretudo levando-se em conta que esta vem comprovando, há mais de um século, que a espécie humana não se originou de um único primeiro casal humano, como narra a Bíblia no livro do Gênesis.

79 - JESUS MORREU NA CRUZ POR CAUSA DO “PECADO ORIGINAL”?

O Jesus mítico, sim; não, porém, o Jesus histórico. Na visão cristã dogmática, o Jesus mítico morreu na cruz por causa do “pecado original”, que herdamos de nossos primeiros pais, Adão e Eva.

Essa doutrina mítica do pecado original é totalmente falsa, pois Adão e Eva não existiram e, conforme comprova a Ciência, os seres humanos não se originaram de um único primeiro casal (Adão e Eva).

Nesse sentido, cai igualmente por terra a doutrina paulinista mítica da morte do Jesus mítico na cruz para nos libertar do “pecado original”, herdado de Adão e Eva, causa principal de todos os nossos sofrimentos.

A causa de nossos sofrimentos é um dos temas mais abordados em todas as religiões e filosofias. Muitas pessoas até questionam Deus ou chegam mesmo a perder sua fé na existência dEle, por reflexões do seguinte tipo: “Se Deus existe e é perfeito, bom, tudo sabe e vê, e não cai uma folha da árvore sem sua permissão, por que teria permitido tanto mal no mundo? Por que permitiria que os maus agissem e ferissem os bons? Por que tanto crime, tanta violência, tanto roubo, tanta injustiça, tanta discriminação, tanta pobreza, tanta fome, tanta miséria, tanta doença, tantas guerras e tanta corrupção no mundo?” (cf. GASPARETTTO, 2006, p. 131).

A Doutrina Espírita revela, racionalmente, que o planeta Terra é apenas um dentre os inúmeros mundos habitados do Universo, por sinal, um dos mais atrasados em evolução moral. Daí, a explicação para tanta violência, tantas guerras, tanto ódio, tanto preconceito e tudo o que há de mau neste planeta. A Terra classifica-se como uma escola (primária), um laboratório, uma oficina de trabalho, onde o espírito se esmera, ou deveria esmerar-se, na apuração das suas qualidades espirituais latentes. É também classificada como um *planeta de provas e expiações*, um “vale de lágrimas”, como se diz na “Salve Rainha” dos católicos.

Segundo a Doutrina Espírita, sofremos por dois motivos básicos: 1) porque fizemos mal uso de nosso livre-arbítrio na presente encarnação ou em encarnações passadas; 2) porque escolhemos livremente a existência e as provas que acreditamos serem próprias para o nosso progresso, quando não nos são impostas, ou seja, sofremos para acelerar nossa evolução. “Os sofrimentos são o preço de nossa felicidade” (PALHANO, 1997, p. 108).

Convém acrescentar ainda, à luz da mesma Doutrina Espírita, que sofremos porque não amamos. Quem ama não sofre. Viemos a este mundo para aprender a amar a Deus e ao próximo. Deus nos criou simples e ignorantes, mas nos deu a capacidade e a liberdade de aprendermos a amar. E é somente através do amor

que venceremos qualquer tipo de sofrimento. É somente através do **amor universal**, ou seja, do **código de moral (ou de ética) universal**, resumido na **lei do amor**, ensinado pelo Jesus histórico e por muitos outros líderes religiosos, que a Humanidade deixará de sofrer e poderá evoluir para mundos isentos de sofrimento.

Deus, conceituado no Espiritismo como “a inteligência suprema, causa primária de todas as coisas” (KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, resposta à pergunta nº 1), nos criou livres para plantarmos o bem ou o mal. Se plantarmos o bem, colheremos o bem, mas se plantarmos o mal, colheremos o mal. Se plantarmos videiras, colheremos uvas, mas se plantarmos carrapicho, só poderemos colher carrapicho. Essa é uma lei divina natural, muito lógica e justíssima.

Nossa principal missão neste mundo, como nos ensina a própria Doutrina Espírita, é aprender a amar. Somente através da caridade, do perdão e do amor, o homem consegue redimir-se de seus débitos e evoluir para mundos mais adiantados, onde passa a viver mais feliz e livre de reencarnações em mundos físicos atrasados como o planeta Terra. O lema religioso do Espiritismo é este: **FORA DA CARIDADE NÃO HÁ SALVAÇÃO!**

O livre-arbítrio é a liberdade que temos de pensar e de agir. Sem o livre-arbítrio, o homem seria uma espécie de máquina ou robô. O livre-arbítrio faz com que o homem se torne sempre responsável por aquilo que faz ou que não faz. Ele goza dessa liberdade e é em virtude desta faculdade que ele escolhe livremente a existência e as provas que acredita serem próprias para o seu progresso, quando elas não lhe são impostas; ele conserva a liberdade no estado corporal, a fim de poder lutar contra essas mesmas provas. Em outras palavras, o homem colhe o que planta (lei de causa e efeito).

A explicação de nossos sofrimentos, dada pela Doutrina Espírita, é bem mais racional do que a resposta fornecida pelo cristianismo mítico, segundo a qual todos nós sofremos por causa do “pecado original”, que herdamos de nossos primeiros pais, Adão e Eva.

Por isso, mesmo não sendo ateu (pois creio no Deus dos Espíritos), vou concluir esta esta resposta com o seguinte pensamento, já citado neste livro, de um escritor ateu:

Agora o sadomasoquismo. Deus encarnou-se como homem, Jesus, para que pudesse ser torturado e executado em *expição* do pecado hereditário de Adão. Desde que Paulo expôs essa doutrina repugnante, Jesus vem sendo adorado como o *redentor* de todos os nossos pecados. Não apenas o pecado de Adão: pecados *futuros* também, decidam ou não as pessoas futuras cometê-los. (DAWKINS, 2007, p. 325.)

80 - JESUS FOI MORTO PELOS JUDEUS?

O Jesus mítico, sim; não, porém, o Jesus histórico. “A resposta a essa pergunta resultou em séculos de desentendimento, rancor, ódio e perseguição entre Roma e Jerusalém” (ARIAS, 2001, p. 91).

Resumirei, a seguir, com esse mesmo autor, a polêmica questão em torno de quem matou Jesus: foram os judeus ou os romanos?

É evidente que desde muito cedo, quase desde o século II d.C., tudo contribuiu para que se jogasse exclusivamente nas costas dos judeus do tempo de Jesus o peso do processo, da tortura e da condenação à morte na cruz do grande inocente da história. A Igreja necessitou de muitos séculos – praticamente até a chegada de João XXIII ao trono de Pedro, em meados do século XX – para apagar de seus livros litúrgicos da Semana Santa a horrível frase que os cristãos rezavam toda Sexta-feira Santa: “**pelos pérfidos judeus**”. Como escreveu recentemente o escritor judeu Amos Oz, “a Igreja Católica, durante milênios, dedicou-se a tachar os judeus de **assassinos de Deus**” (ARIAS, p. 91-92) (negrito meu).

Todos os estudos mais sérios estão chegando à conclusão de que Jesus foi condenado à morte e executado não pelos judeus, mas pelos romanos que naquele tempo ocupavam a Palestina. [...] De fontes históricas não-júdas, sabe-se, por exemplo, que a crucificação, à pena de morte a que Jesus foi condenado, não estava entre as várias formas que os judeus tinham de infligir a pena capital. Os judeus matavam por apedrejamento, pelo fogo e por decapitação. [...] Portanto, se Jesus tivesse sido condenado à morte pelos judeus – afirma Winter... –, não teria sido condenado à pena de crucificação, que era o suplício que os romanos daquele tempo reservavam aos

rebeldes políticos, mas a um dos métodos de execução adotados pelas autoridades judaicas (ARIAS, p. 92-93).

Concluindo a resposta da presente pergunta, reafirmo que o Jesus histórico não foi morto pelos judeus, mas pelos romanos.

81 - JESUS FALOU QUE SATANÁS E OS DEMÔNIOS EXISTEM?

O Jesus mítico, sim; não, porém, o Jesus histórico. Satanás e os demônios não existem como espíritos criados por Deus em estado de perfeição, que se revoltaram contra Ele e, por isso, foram expulsos do céu e conduzidos para o inferno eterno, passando a viver em eterna luta contra Deus e a humanidade. Essa crença não passa de um velho mito cristão. Na visão espírita, Satanás e os demônios, embora também personifiquem o mal, são todos apenas espíritos imperfeitos (desde sua criação), suscetíveis de regeneração e evolução, como qualquer um de nós.

Mais explicitamente, segundo a crença mítica da maioria dos cristãos, Satanás (ou Satã) e os demônios são espíritos concretos, reais, criados por Deus num estado de perfeição, mas que se revoltaram contra Ele e, por isso, foram expulsos do céu e conduzidos para o inferno eterno. Já para o espiritismo, eles são vistos apenas como espíritos imperfeitos (desde sua criação), suscetíveis de regeneração e evolução, como qualquer um de nós. Vejamos a esse respeito o que escreve Allan Kardec:

Segundo a doutrina da Igreja, os demônios foram criados bons e tornaram-se maus por sua desobediência: são anjos colocados primitivamente por Deus no ápice da escala, tendo dela decaído. Segundo o Espiritismo, os demônios são espíritos imperfeitos, suscetíveis de regeneração e que, colocados na base da escala, hão de nela graduar-se (KARDEC, *O Céu e o Inferno*, capítulo 9, n. 21).

Para muitos estudiosos críticos das religiões, Satanás e os demônios são figuras puramente mitológicas que personificam o mal.

Segundo o escritor Juan Arias (ARIAS, 2001, p. 112), a origem remota de Satã e dos demônios na Bíblia, particularmente nos Evangelhos, se encontra na mitologia egípcia.

Como o inimigo de Hórus era Satã, deduz-se que daí teria vindo a teoria de Satanás e dos demônios contida nos Evangelhos. Hórus, assim como o “Jesus mítico”, também lutou no deserto, durante quarenta dias, contra as tentações de Satã, numa luta simbólica entre a luz e a escuridão.

De acordo com outros autores, a origem próxima de Satanás e dos demônios na Bíblia se encontra no zoroastrismo, nome da antiga religião da Pérsia (atual Irã), fundada por Zoroastro (ou Zaratustra) no século VII a.C. O judaísmo, o cristianismo e muitas outras religiões importaram vários conceitos religiosos do zoroastrismo, entre outros, as dicotomias ‘bem x mal’, ‘céu x inferno’, ‘anjos bons x anjos maus’ (‘demônios’), ‘juízo particular x juízo final’, ‘ressurreição do corpo’ etc. Jomar Morais (cf. MORAIS, 2002, p. 57) relata o surgimento de Satanás e de seu aparecimento no judaísmo e no cristianismo (ver também NOGUEIRA, 2000).

No Antigo Testamento, há poucas menções à figura de Satanás (ou do Diabo). Já no Novo Testamento, “há mais citações do mal que do bem. Mais referências a Satã que a Deus” (MORAIS, *ibid.*).

Sobre a origem divina mítica de Satanás, é interessante notar, com Weiser (1978, p. 106-107), que Satanás (ou o Diabo), em sua origem mítica, já foi membro da corte divina, já foi um dos “filhos de Deus”. Depois, com “a revolta e a queda de Lúcifer (‘o portador da luz’), o serafim mais belo e mais próximo de Deus” (MORAIS, p. 58), Satanás perdeu o cargo que ocupava na corte celeste (bem como sua identidade de “filho de Deus”), foi expulso do céu e passou a morar no inferno (literalmente ‘mundo subterrâneo’) juntamente com uma corte de espíritos malignos, passando daí em diante a travar uma luta sem tréguas contra Deus e os seres humanos, começando pela estratégia de tentar Adão e Eva a cometerem o pecado original e, assim, obrigar Deus a se encarnar na Terra na pessoa do “Jesus mítico” para vingar-se de Satanás e redimir a humanidade de tão “grande” falta, mediante sua morte na cruz.

Não deixa, portanto, de ser um grande erro a crença cristã segundo a qual o “preço do resgate é pago a Satanás, que tinha o homem em seu poder” (DONINI, p. 203). Conforme esclarecido, com Ubaldi (1988, p. 274), “justificando semelhante

absurdo, conceberíamos e converteríamos Deus numa espécie de servo de Satanás”.

O sentido alegórico de Satanás, como personificação do mal, é bem retratado no capítulo 12 do Apocalipse de João, onde o autor descreve a tremenda luta simbólica entre Deus e Satanás. O diabo estava tentando destruir a Igreja, usando Roma como seu agente, mas termina perdendo a batalha pelo poder do Jesus mítico. João escreveu essa obra para encorajar seus leitores que estavam sofrendo por causa do ataque de Satanás através de um poder mundial perverso.

Concluindo a resposta da presente pergunta, reafirmo, à luz do espiritismo, que Satanás e os demônios não são espíritos criados por Deus em estado de perfeição, que se revoltaram contra Ele e, por isso, foram expulsos do céu e conduzidos para o inferno eterno, passando a viver em eterna luta contra Deus e a humanidade. Essa crença não passa de um velho mito cristão. Satanás e os demônios, embora também personifiquem o mal, são todos apenas espíritos imperfeitos (desde sua criação), suscetíveis de regeneração e evolução, como qualquer um de nós.

82 - JESUS FALOU SOBRE A “REENCARNAÇÃO”?

O Jesus mítico, não; mas o Jesus histórico, sim. É mais uma grande mentira sobre o Jesus histórico afirmar que ele nunca falou de “reencarnação”. No encontro com Nicodemos, o Jesus histórico não falou da necessidade do batismo, mas da reencarnação. Em João 3,3-10, o Jesus histórico mostra que todos temos que nascer **de novo**, ou seja, **reencarnar**, e não nascer **do alto**, isto é, “nascer da água e do Espírito” – alusão ao batismo e à sua necessidade salvífica.

Mais explicitamente, os cristãos antirreencarnacionistas alegam que, nesse encontro com Nicodemos, o Jesus mítico, ao contrário da interpretação dos reencarnacionistas, não falou (cf. João 3, 7) que devemos “nascer de novo” (isto é, que devemos **reencarnar**), para entrar no Reino de Deus, mas sim, que devemos “nascer do alto”, ou seja, que devemos “nascer da água e do Espírito” (João 3,5) – “alusão ao batismo e à sua absoluta necessidade” – (*A Bíblia de Jerusalém*, João 3,5, nota z).

Repito que, em João 3,1-10, o Jesus histórico disse que, para entrar no Reino de Deus, é preciso “nascer de novo”, isto é, “reencarnar”. A tradução “nascer do alto” – adotada pela *Bíblia de Jerusalém* (e por outras Bíblias cristãs) – fica totalmente sem nexo em face da pergunta de Nicodemos: “Como pode um homem nascer, sendo já velho? Poderá entrar uma segunda vez no seio de sua mãe e (re)nascer?” (João 3, 4)

Além disso, é preciso esclarecer, com Allan Kardec, o sentido de “água” e “Espírito” na expressão bíblica “**nascer da água e do Espírito**” (João 3,5):

Para compreender o verdadeiro sentido dessas palavras, é necessário reportar à significação da palavra água, que não foi empregada em sua acepção própria. Os antigos tinham conhecimentos imperfeitos sobre as ciências físicas, e acreditavam que a Terra havia saído das águas. Por isso, consideravam a água como o elemento gerador absoluto. É assim que encontramos no Gênesis: “O Espírito de Deus era levado sobre as águas”, “flutuava sobre as águas”, “que o firmamento seja feito no meio das águas”, “que as águas que estão sob o céu se reúnam num só lugar, e que o elemento árido apareça”, que a água produza a terra e debaixo do firmamento”. Conforme essa crença, a água tornara-se o símbolo da natureza material, como o Espírito o era da natureza inteligente. Estas palavras: “Se o homem não renasce da água e do Espírito, ou em água e em Espírito”, significam, pois: “Se o homem não renasce com seu corpo e sua alma.” Neste sentido é que foram compreendidas no princípio. Essa interpretação, aliás, está justificada por estas outras palavras: *o que é nascido da carne é carne, e o que é nascido do Espírito é Espírito.[...] O que é nascido da carne é carne* indica claramente que só o corpo procede do corpo, e que o Espírito é independente do corpo (KARDEC, *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, cap. 4.8).

Vamos analisar um pouco mais a pergunta de Nicodemos: “Como pode um homem nascer, sendo já velho? Poderá entrar uma segunda vez no seio de sua mãe e (re)nascer [ou seja, **reencarnar**]” (João 3,4)?

A tradução “nascer do alto”, convém repetir, feita por quem não crê na reencarnação, fica totalmente sem nexos. Respondeu-lhe Jesus: “Em verdade, em verdade, te digo: quem não nascer **da água e do Espírito** não pode entrar no Reino de Deus” (João 3,5) (negrito meu). Esta tradução, como nos esclarece o escritor espírita Severino Celestino da Silva (SILVA, 2000, p. 226), está incorreta, pois, no texto original grego, não há artigo diante das palavras “**água**” e “**espírito**”; portanto, o texto fala em nascer “**de água e de espírito**”, e não nascer **da água do batismo, nem do espírito**, mas **de água** (materialmente, com o corpo denso/físico) e **de espírito** (pela reencarnação do espírito).

Na época em que a Bíblia foi escrita, a água era o símbolo da natureza material, como o espírito o era da natureza inteligente. Por isso, as expressões: “Se o homem não nasce da água e do Espírito, ou melhor, **de água e de espírito**”, significam, pois: “Se o homem não renasce com seu corpo e sua alma”. Em suma, a expressão original grega é “**nascer de água e de espírito**”, que significa “nascer de novo” (**reencarnar**), e não “nascer do alto”.

Em suma, reafirmo que a expressão “nascer da água e do Espírito”, ou melhor, “**nascer de água e de espírito**”, significa “**nascer de novo**” (**reencarnar**), e não “**nascer do alto**” (João 3,5). O advérbio original grego “*another*” (cf. CHAMPLIN, 2002, p. 304) não significa apenas “do alto”, mas também “de novo” e, nesse contexto, ele só tem sentido correto se for traduzido por “de novo”, e não “do alto”.

Alguém poderia me fazer a seguinte pergunta crítica: “Se nós trazemos o conhecimento e experiências de vidas passadas, por que nascemos analfabetos, e temos de aprender tudo a partir da estaca zero?”

E eu lhe daria a seguinte resposta: Como explicar, então, os inúmeros casos de crianças superdotadas e os chamados “gênios”? Na visão de muitos cristãos dogmáticos, os inúmeros casos de crianças superdotadas e os chamados “gênios” são almas favorecidas por Deus, não, porém, na visão espírita. Do mesmo modo como sem a **preexistência** e sem a **reencarnação**, não se explica o verdadeiro “pecado original”, assim também sem a preexistência e sem a reencarnação, não se explicaria a existência

dos inúmeros “gênios” da humanidade, muitos dos quais revelam a sua genialidade desde a infância, como nos inúmeros casos de crianças superdotadas.

Os inúmeros casos de crianças superdotadas e os chamados “gênios” são mais uma prova convincente da existência da **reencarnação**. Os religiosos que não acreditam na reencarnação, como os cristãos dogmáticos, dão uma explicação irracional e ingênua para esse fenômeno, afirmando que os inúmeros casos de crianças superdotadas e os “gênios” são almas favorecidas por Deus. Ora, se essa crença fosse verdadeira, Deus seria um ser parcial, criando almas superdotadas e almas totalmente ignorantes, crença essa que é desmentida pela própria Bíblia judaico-cristã, a qual afirma que “Deus não faz acepção de pessoas” (Deuteronômio 10,17; Atos 10,34).

Sem a doutrina da **preexistência e da reencarnação**, seria impossível, de fato, dar uma explicação racional para a existência dos grandes gênios da humanidade (por ex., Mozart, Bach, Einstein), incluindo também os inúmeros casos de crianças superdotadas e os grandes líderes religiosos do mundo (por ex., Krishna, Buda, Moisés, Cristo, Gandhi, Kardec etc.)

A doutrina da preexistência e da pluralidade de existências na Terra (**reencarnação**) é a única que, de fato, explica racionalmente o fenômeno dos grandes gênios da humanidade: Nas palavras do escritor espírita Jayme Andrade,

o gênio é experiência. Alguns parecem julgar que seja um dom ou um talento [uma “graça” especial de Deus], mas é o fruto de longa experiência em muitas vidas. Algumas almas são mais velhas do que outras e, por isso, sabem mais...” (ANDRADE, 1995, p. 28).

(Sobre a explicação dos gênios da humanidade na visão espírita, ver KARDEC, *A GÊNESE*, Capítulo I, n. 5)

83 - JESUS FEZ MILAGRES COMO FENÔMENOS SOBRENATURAIS?

O Jesus mítico, sim; não, porém, o Jesus histórico. Na visão espírita (que sigo), não existe “milagre”, no sentido vulgar (e até mesmo teológico) de “uma derrogação das leis da natureza, por

meio da qual Deus manifesta o seu poder” (KARDEC, *A Gênese*, cap. 13, n. 1). Em outros termos, para o espiritismo, “não há milagres, nem fatos sobrenaturais, tudo o que pertence ao universo fenomênico é natural” (PALHANO, 1997, p. 249) (Para a interpretação espírita dos milagres atribuídos a Jesus nos Evangelhos, ver KARDEC, *A Gênese*, cap. 15).

Com essa argumentação, não se quer negar que haja fenômenos extraordinários, até o momento inexplicáveis pela ciência convencional, rotulados de “milagres”, como “levitação”, “bilocação”, “materialização” etc., que aparentemente contrariam as leis conhecidas da natureza.

O que se deseja esclarecer é que é preciso saber distinguir, na literatura religiosa, fatos “miraculosos” reais (ou possíveis) de relatos puramente míticos, alegóricos, simbólicos ou *teofânicos*. Nos relatos de *epifania* ou *teofania*, muito comuns na literatura religiosa, atribuem-se a um ser supostamente divino ações “miraculosas” que aparentemente suspendem as leis da natureza (cf. FUNK & THE JESUS SEMINAR, 1998, p. 207, 389). Por isso, é preciso saber distinguir fatos de mitos nas narrativas de milagres.

A ressurreição de Lázaro (João 11), por exemplo, não pode ser interpretada literalmente como um fato miraculoso real, mas como um relato simbólico, com o objetivo de provar a divindade do Jesus mítico. Se esse famoso milagre tivesse realmente acontecido, como é que os outros evangelistas não o teriam narrado? O mesmo se diga a respeito do suposto milagre da transformação do pão e do vinho no corpo e no sangue do Jesus mítico, o qual não deve ser interpretado ao pé da letra, mas simbolicamente. Como é que Jesus poderia ter dito, na Última Ceia, que em suas mãos estavam o seu próprio corpo e sangue, “quando ainda estava **VIVO NO MEIO DOS DISCÍPULOS**, habitando o mesmo corpo com o qual nascera de Maria e com o qual **andara e ainda estava andando** na companhia dos discípulos? Tal pensamento propalado pela Igreja Romana para assegurar a doutrina da **transubstanciação** fere frontalmente a inteligência das pessoas sensatas!” (NETO, 2004, p. 83) (negrito do original).

É preciso também combater, como faço em meus livros ecumênicos, duas atitudes exclusivistas e errôneas da maioria dos

cristãos: 1) a crença de que os milagres realizados pelo Jesus mítico são provas de sua divindade e 2) a crença de que somente os milagres atribuídos ao Jesus mítico têm valor histórico, os demais milagres atribuídos a outros líderes religiosos do mundo sendo considerados como “magia” ou como relatos puramente mitológicos, sem nenhum valor histórico. Por que essa discriminação?

Essas atitudes são totalmente falsas, pois os milagres não constituem por si mesmos um critério suficiente para julgar a origem divina ou humana de uma pessoa, uma vez que o próprio Jesus mítico teria afirmado que milagres podem também ser realizados por “falsos Cristos e falsos profetas”: “Surgirão falsos Cristos e falsos profetas e farão grandes milagres” (Mateus 24, 24).

A crença cristã segundo a qual somente os milagres atribuídos ao Jesus mítico têm valor histórico, os demais milagres atribuídos a outros líderes religiosos do mundo sendo considerados como “magia” ou como relatos puramente mitológicos, sem nenhum valor histórico, também é inteiramente falsa, uma vez que todos os tipos de milagres atribuídos ao Jesus mítico no Novo Testamento já tinham sido realizados por outros líderes religiosos do mundo, como acalmar uma tempestade, andar sobre as águas, multiplicar pães etc.

“Na mitologia religiosa, todos os tipos de milagres são possíveis” (HASSNAIN, 1999, p. 73). Logo, para quem acredita no mito da divindade de Jesus, isto é, que ele seja *literalmente* Deus encarnado, todos os tipos de milagres são possíveis, inclusive os que aparentemente anulam as leis da natureza. Aliás, todos os milagres a ele atribuídos no Novo Testamento tinham a função de provar que ele era realmente um ser divino, com poderes singulares e exclusivos, em relação aos milagreiros de outras tradições religiosas.

Por isso mesmo, a maioria dos cristãos, na sua convicção sincera e honesta (mesmo que errônea) de o Jesus mítico ser literalmente Deus encarnado, acredita que ele fez vários milagres que supostamente suspendem as leis da natureza, como ressuscitar mortos, acalmar uma tempestade, andar sobre as águas, multiplicar pães, transformar água em vinho, mudar a substância do pão e do vinho em seu próprio corpo e sangue etc.

Mesmo na hipótese de que o Jesus mítico tenha, de fato, realizado todos esses tipos de milagres, não é justo os cristãos

pensarem que esses tipos de milagres tenham sido realizados única e exclusivamente pelo Jesus mítico, uma vez que milagres desse tipo são igualmente atribuídos a inúmeros outros personagens da literatura religiosa deste planeta: sabe-se, por exemplo, que o profeta Eliseu (cf. 2Reis 4,42-44) também “multiplicou” pães, um discípulo de Buda também “andou” sobre as águas do rio Acivarati (cf. FUNK & THE JESUS SEMINAR, 1998, p. 207) e vários profetas, como Elias e Eliseu (1Reis 17; 2Reis 4), também “ressuscitaram” mortos etc.

84 - JESUS DISSE QUE NÃO DEVEMOS JULGAR O PRÓXIMO PARA NÃO SERMOS JULGADOS?

O Jesus mítico, sim; não, porém, o Jesus histórico. Esta é outra mentira sobre o Jesus, histórico, pois ele, segundo os integrantes do Seminário de Jesus, não é o autor da seguinte passagem evangélica, falsamente atribuída a ele pelo evangelista Mateus: “Não julgueis, para não serdes julgados. Pois com o julgamento com que julgais sereis julgados, e com a medida com que medis sereis medidos” (Mateus 7,1-2).

Como esclarecem os pesquisadores do SJ (no livro *The Five Gospels*, p. 154), essa passagem do evangelista Mateus, referente à proibição de julgar o próximo, não é de autoria exclusiva do Jesus mítico, uma vez que a proibição de julgar os outros já existia muito tempo antes do Jesus mítico, não só no judaísmo como também em outras religiões mais antigas.

Além disso, se Jesus mítico tivesse sido o verdadeiro autor dessa passagem bíblica de Mateus, ele estaria defendendo também a chamada **lei de talião**, “*olho por olho, dente por dente*”, uma das mais antigas leis existentes no mundo, até mesmo no Código de Hammurabi, no reino da Babilônia, desde o ano 1780 a.C.

O conteúdo da **lei de talião** é idêntico ao do referido versículo de Mateus: “Pois com o julgamento com que julgais sereis julgados, e com a medida com que medis sereis medidos” (Mateus 7,2).

O conteúdo vingativo desse versículo bíblico, prevendo um **castigo igual ao dano causado**, idêntico ao da **lei de talião**, existente também no Antigo Testamento (Êxodo 21,23-24, “vida por vida, olho por olho, dente por dente, pé por pé, queimadura

por queimadura, ferida por ferida, golpe por golpe”), é uma doutrina religiosa completamente rejeitada pelo Jesus histórico, substituída pelo amor e o perdão. Nada de vingança.

Como parte da mesma lei do amor, o Jesus histórico não teria proibido ninguém de ajudar o próximo a enxergar e corrigir os seus erros, o que é uma tarefa válida. O que o Jesus histórico efetivamente teria proibido seria a condenação do próximo sem julgamento justo, o menosprezo entre as pessoas e qualquer discriminação entre irmãos. Isso é o que não devemos fazer. Mas ajudar o próximo a enxergar e corrigir os seus erros é uma tarefa válida e também aprovada pelo próprio Jesus histórico, ao ter afirmado: **“Conhecereis a verdade e a verdade vos libertará”** (João 8,32) (negrito meu).

O Jesus histórico também aprova a “correção fraterna”: “Se o teu irmão pecar, vai corrigi-lo a sós contigo. Se ele te ouvir, ganhaste o teu irmão. Se não te ouvir, porém, toma contigo mais uma ou duas pessoas, para que toda questão seja decidida pela palavra de duas ou três testemunhas” (Mateus 18,15-16).

Quanto à rejeição da **lei de talião**, eis o que diz o próprio Jesus histórico: Ouvistes que foi dito: *Olho por olho e dente por dente*. Eu, porém, vos digo: não resistais ao homem mau; antes, àquele que te fere na face direita oferece-lhe também a esquerda; e àquele que quer pleitear contigo, para tomar-te a túnica, deixa-lhe também a veste; e se alguém te obriga a andar uma milha, caminha com ele duas. Dá ao que te pede e não voltes as costas ao que te pede emprestado (Mateus 5,38-42).

85 - JESUS PROFERIU MALDIÇÕES?

O Jesus mítico, sim; não, porém, o Jesus histórico. No Evangelho de Lucas, há **quatro maldições (ou condenações)** supostamente proferidas pelo Jesus mítico (Lucas 6,24-26), em oposição às **quatro bem-aventuranças** pregadas pelo Jesus histórico no mesmo Evangelho de Lucas (cf. Lucas 6,20-22). Eis as quatro maldições:

- 1) Mas, ai de vós, ricos, porque já tendes a vossa consolação!

- 2) Ai de vós, que agora estais saciados, porque tereis fome!
- 3) Ai de vós, que agora rides, porque conhecereis o luto e as lágrimas!
- 4) Ai de vós, quando todos vos bendisserem, pois do mesmo modo seus pais tratavam os falsos profetas (Lucas 6,24-26).

De acordo com os pesquisadores do SJ, essas quatro maldições são de autoria de Lucas, e não do Jesus histórico, nem do Jesus mítico (cf. FUNK, HOOVER & THE JESUS SEMINAR, p. 290).

No Evangelho de Mateus, há também **sete maldições (ou condenações)** supostamente pronunciadas pelo Jesus mítico contra os escribas e os fariseus (**os sete “ais”**): “Ai de vós, escribas e fariseus, hipócritas, ...” (cf. Mateus 23,23-32).

De acordo com os pesquisadores do SJ, **os sete “ais”** são de autoria de Mateus, e não do Jesus histórico, nem do Jesus mítico (cf. FUNK, HOOVER & THE JESUS SEMINAR, p. 243-244).

86 - JESUS PREGOU CONTRA FALSOS PROFETAS E FALSOS MESSIAS?

O Jesus mítico, sim; não, porém, o Jesus histórico. Foram os evangelistas que falsamente atribuíram ao Jesus mítico pregações apocalípticas contra “falsos profetas” ou “falsos messias”.

Como a grande preocupação constante dos autores do Novo Testamento era defender o mito da *unicidade* e *universalidade* do cristianismo tradicional (a “sã doutrina”), contra os ataques de seus adversários, os chamados “falsos profetas” ou “falsos Messias”, eles colocaram nos lábios do Jesus mítico sérias advertências contra eles, como as seguintes:

Guardai-vos dos falsos profetas, que vêm a vós disfarçados de ovelhas, mas por dentro são lobos ferozes (Mateus 7,15).

E surgirão falsos profetas em grande número e enganarão a muitos (Mateus 24,11).

Pois hão de surgir falsos Messias e *falsos profetas*, que *apresentarão* grandes *sinais e prodígios* de modo a enganar,

se possível, até mesmo os eleitos. Eis que eu vo-lo predisse (Mateus 24, 24-25; ver também Marcos 13, 22-23).

Esclareço, com os pesquisadores do SJ, que o aparecimento de “falsos profetas” ou “falsos messias” é um tema comum na *literatura escatológico-apocalíptica* judaico-cristã (cf. FUNK, HOOVER & THE JESUS SEMINAR, 1993, p. 157).

O gênero literário escatológico-apocalíptico é uma forma de literatura mítica que contém **revelações** (sob a forma de visões) – **supostamente definitivas** – sobre as coisas que supostamente devem acontecer no fim dos tempos, no fim do mundo (cf. HOUAISS, verbetes **apocalipse/escatologia**).

O termo “apocalipse” é a transcrição duma palavra grega que significa “revelação”; todo apocalipse supõe, pois, uma revelação feita por Deus aos homens de coisas ocultas e só por Ele conhecidas, especialmente de coisas referentes ao futuro (*A Bíblia de Jerusalém*, Introdução ao Apocalipse, p. 1605).

É dentro do gênero literário apocalíptico que os escritores bíblicos geralmente descrevem as chamadas verdades *escatológicas* – as que supostamente se referem aos fins derradeiros do homem: a morte, o juízo, a segunda vinda do Jesus mítico (ou “Cristo da fé”), a ressurreição dos mortos etc. Os Evangelhos estão cheios de passagens apocalípticas, até mesmo em muitas parábolas atribuídas ao Jesus mítico, conforme comprovo em meu 5º livro ecumênico (“Mentiras sobre Jesus”).

87 - JESUS É O AUTOR DE VÁRIAS PASSAGENS AGRESSIVAS (OU VINGATIVAS) ATRIBUÍDAS A ELE NOS EVANGELHOS?

O Jesus mítico, sim; não, porém, o Jesus histórico. Argumento (com os pesquisadores do SJ) que o Jesus histórico não é o autor de várias passagens agressivas (ou vingativas) atribuídas ao Jesus mítico nos Evangelhos. Essas frases não são de autoria do Jesus histórico, mas dos autores dos Evangelhos, como as que analiso a seguir:

- 1) “Se alguém não permanecer em mim será lançado fora como um ramo de árvore, e secará; tais ramos são recolhidos, lançados ao fogo e se queimam” (João 15,6).

A queima de incrédulos durante a Inquisição da Igreja Católica foi baseada, em grande parte, na interpretação literal dessa passagem evangélica apocalíptica falsamente atribuída a Jesus, o qual não foi um religioso agressivo e vingativo. Logo, é mentira atribuir literalmente a Jesus passagens apocalípticas desse tipo.

- 2) “Não penseis que vim trazer paz à Terra: não vim trazer paz, mas uma espada” (Mateus 10,34). Essa é outra passagem chocante atribuída a Jesus, que contradiz frontalmente seu código divino de moral (ou de ética) universal resumido na lei do amor. Logo, essa passagem evangélica não pode ter sido proferida por Jesus.
- 3) “De fato, aquele que, nesta geração adúltera e pecadora, se envergonhar de mim e de minhas palavras, também **o Filho do Homem** se envergonhará dele quando vier na glória do seu Pai com os santos anjos” (Marcos 8, 38; ver também Marcos 13,26; 14,62; Mateus 16,27; Lucas 9,26; 12,8-10; Mateus 10, 32-33) (negrito meu). De acordo com os pesquisadores do SJ (cf. FUNK, HOOVER & THE JESUS SEMINAR, *The Five Gospels*, p. 77), essa passagem evangélica apocalíptica, atribuída a Jesus, é derivada de Daniel 7 e, por conseguinte, não é de autoria do Jesus histórico, mas posta nos seus lábios pelos escritores do Novo Testamento. Aliás, todos os títulos neotestamentários exclusivistas, míticos e/ou apocalípticos atribuídos a Jesus nos Evangelhos (tais como: **Filho do Homem, Filho de Davi, Filho de Deus, Logos, Senhor...**) são, na sua origem, pré-cristãos, tendo sido posteriormente mudados e adaptados na aplicação feita a Jesus e atribuídos a ele pelos cristãos primitivos.
- 4) “Estando próxima a Páscoa dos judeus, Jesus subiu a Jerusalém. No Templo, encontrou os vendedores de bois, de ovelhas e de pombas e os cambistas em suas bancas. Tendo feito um chicote de cordas, expulsou todos do Templo, com as ovelhas e os bois; lançou ao chão o dinheiro dos cambistas e derrubou as mesas e disse aos que vendiam pombas: ‘Tirai tudo isto daqui; não façais da casa de meu Pai uma casa de comércio’ “ (João 2,13-16).

Em primeiro lugar, de acordo com os pesquisadores do SJ (cf. FUNK & THE JESUS SEMINAR, *The Acts of Jesus*, p. 373-374), existe uma forte contradição entre a narrativa de João e as dos Evangelhos sinópticos quanto ao contexto e ao conteúdo dessa passagem evangélica: no Evangelho de João, ela ocorre quase no início da vida pública de Jesus, enquanto nos Evangelhos sinópticos ela ocorre na última semana de vida pública de Jesus, ou seja, na Semana da Paixão de Cristo; em segundo lugar, o modo de Jesus falar e o que ele diz nesse episódio diferem muito entre a passagem de João e as dos outros evangelistas. Os pesquisadores do SJ acham que Jesus pode ter, de fato, feito algumas críticas ao culto do Templo, sobretudo contra a comercialização feita nele, mas não que ele tenha ficado com “raiva” e tenha feito um “chicote” e expulsado “todos” do Templo, pois o Templo era enorme e continha milhares de fiéis durante as grandes festas. Se ele tivesse tentado expulsar “todos” do Templo, ele teria sido preso.

- 5) “Se alguém escandalizar um desses pequeninos que creem, melhor seria que lhe enfiassem pelo pescoço a mó que os jumentos movem e o atirassem ao mar” (Marcos 9, 42). Esse versículo apocalíptico, conforme esclarecem os pesquisadores do SJ, era um provérbio usado pelos judeus em vários contextos, muito tempo antes da vinda de Jesus, mas que foi erroneamente atribuído exclusivamente a ele pelos autores dos Evangelhos sinópticos.
- 6) “E se a tua mão te escandalizar, corta-a: melhor é entreres mutilado para a Vida do que, tendo as duas mãos, ires para a geena [=para o inferno eterno], para o fogo inextinguível” (Marcos 9, 43-44). 7) “Aquele, porém, que me renegar diante dos homens, também o renegarei diante de meu Pai que está nos Céus” (Mateus 10,33). Jesus, que ensinou o amor até aos inimigos, não poderia ter sido um profeta vingativo. Logo, essa passagem bíblica apocalíptica também não é de autoria do Jesus histórico.
- 8) “Na verdade eu vos digo: tudo será perdoado aos filhos dos homens, os pecados e todas as blasfêmias que tiverem proferido. Aquele, porém, que blasfemar contra o Espírito

Santo, não terá remissão para sempre. Pelo contrário, é culpado de um pecado eterno” (Marcos 3,28-29; Mateus 12,32; Lucas 12,10). Eu pergunto (com o escritor judeu Francimar de Oliveira, ao ler e revisar este livro): “Por que o pecado contra o Pai e o Filho poderão ser perdoados, mas o pecado contra o Espírito Santo, não? O Espírito Santo é maior do que o Pai? O dogma cristão não proclama a igualdade das três pessoas divinas?” Essa passagem evangélica (contraditória e apocalíptica) não é de autoria de Jesus, mas dos evangelistas, com a finalidade de defenderem a doutrina apocalíptica do inferno eterno e a controvertida divindade do Espírito Santo (Terceira Pessoa da Trindade). Outro argumento contra a referida passagem evangélica: Se o pecado contra o Espírito Santo não tem perdão, o sacramento católico da confissão, ou seja, do perdão gratuito de todos os nossos pecados, perde totalmente o seu sentido, pois quem peca contra o Espírito Santo não será perdoado. Quantas contradições e mentiras!

- 9) “De manhã, ao voltar para a cidade, [Jesus] teve fome. E vendo uma figueira à beira do caminho, foi até ela, mas nada encontrou, senão folhas. E disse à figueira: ‘Nunca mais produzas fruto!’ E a figueira secou no mesmo instante” (Mateus 21,18-19; Marcos 11,14). Eu pergunto (com os pesquisadores do SJ): “Como poderia Jesus ter amaldiçoado uma figueira por estar infrutífera fora de estação?” Essa passagem evangélica, interpretada literalmente, é, portanto, completamente absurda, mentirosa e, logo, não pode ter sido de autoria de Jesus (cf. FUNK, HOOVER & THE JESUS SEMINAR, p. 97).
- 10) “É mais fácil um camelo passar pelo buraco de uma agulha que um rico entrar no Reino de Deus” (Marcos 10,25; Mateus 19,24; Lucas 18,25). De acordo com os integrantes do SJ (cf. *The Five Gospels*, p. 223), este versículo parece ser um aforismo humorístico, que não pode ser interpretado literalmente, uma vez que nenhum camelo pode literalmente passar pelo buraco de uma agulha. Acreditar que Jesus disse literalmente essa frase é crer que nenhum rico poderá salvar-se, o que é uma

mentira, pois Jesus nunca discriminou ninguém. Logo, ele não pode ter sido o autor literal dessa passagem bíblica.

Há, nos Evangelhos, inúmeras outras passagens apocalípticas semelhantes às que acabei de analisar nesta questão, mas creio que essas são suficientes para mostrar ao leitor que nenhuma passagem arrogante (vingativa, agressiva ou apocalíptica) é de autoria do Jesus histórico, mas dos autores dos Evangelhos.

88 - JESUS DECLAROU QUE SE TIVERMOS FÉ COMO UM GRÃO DE MOSTARDA PODEREMOS TRANSPORTAR MONTANHAS DE UM LUGAR PARA OUTRO?

O Jesus mítico, sim; não, porém, o Jesus histórico. Segundo o Evangelho de Mateus, interpretado literalmente, o Jesus mítico fez essa declaração: “Se tiverdes fé como um grão de mostarda, direis a este monte: Transporta-te daqui para lá, e ele se transportará, e nada vos será impossível” (Mateus 17,20-21).

A grande maioria dos cristãos ainda interpreta literalmente essa suposta declaração do Jesus mítico e crê também que ele fez “milagres” que anulam as leis da natureza, como ressuscitar mortos, acalmar uma tempestade, andar sobre as águas, multiplicar pães, transformar água em vinho, mudar a substância do pão e do vinho em seu próprio corpo e sangue etc.

Milagres desse tipo são igualmente atribuídos a muitos outros personagens da literatura religiosa deste planeta: sabe-se, por exemplo, que o profeta Eliseu (cf. 2Reis 4,42-44) também “multiplicou” pães, Buda também alimentou 5.000 homens com um único pão (cf. GRIESE, 1957, p. 111), um discípulo de Buda também “andou” sobre as águas do rio Acivarati (cf. FUNK & THE JESUS SEMINAR, p. 207) e vários profetas, como Elias e Eliseu (1Reis 17; 2Reis 4), também “ressuscitaram” mortos etc.

Antes de concluir mais diretamente a resposta da presente pergunta, quero esclarecer ao leitor, à luz do espiritismo, que não existe “milagre”, no sentido vulgar (e até mesmo teológico) de “uma derrogação das leis da natureza, por meio da qual Deus manifesta o seu poder” (KARDEC, *A Gênese*, cap. 13, n. 1). Como já foi dito neste livro, para o espiritismo, “não há milagres, nem fatos sobrenaturais, tudo o que pertence ao universo fenomênico é

natural” (PALHANO, 1997, p. 249). (Para a interpretação espírita dos milagres atribuídos a Jesus nos Evangelhos, ver KARDEC, *A Gênese*, cap. 15.)

A essa altura de minha reflexão, alguém poderia fazer-me o seguinte questionamento:

- “Mas Jesus não declarou, no Evangelho de Mateus (17,20), que se tivermos fé como um grão de mostarda, poderemos transportar montanhas de um lugar para outro? Isso não seria um milagre que anularia as leis da natureza?”
- Com certeza. Se esse tipo de milagre realmente ocorresse, seria uma violação contra as leis da natureza. Só que esse tipo de milagre nunca aconteceu na história da humanidade. Quem quiser tentar realizá-lo ficará decepcionado, pois não foi no sentido literal/físico (mas no sentido figurado/moral) que Jesus fez essa afirmação de **fé-confiança**.

Como explica muito bem Allan Kardec (no livro *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, cap. 19, n. 2),

é somente no seu sentido moral que devemos entender estas palavras. As montanhas que a fé transporta são as dificuldades, as resistências, a má vontade. [...] Os preconceitos da rotina, o interesse material, o egoísmo, a cegueira do fanatismo e as paixões orgulhosas são outras tantas montanhas que atravancam o caminho dos que trabalham para o progresso da humanidade.

89 - JESUS DISSE QUE PEDRO ERA A PEDRA SOBRE A QUAL ELE EDIFICARIA A SUA IGREJA?

O Jesus mítico, sim; não, porém, o Jesus histórico. Os católicos estão convictos de que PEDRO FOI A ÚNICA PEDRA SOBRE A QUAL O JESUS MÍTICO EDIFICOU A SUA IGREJA. Logo, segundo eles, o Jesus mítico é o verdadeiro fundador e dono da Igreja Católica. Essa pretensão católica está longe de ser verdadeira, como passarei a explicar detalhadamente.

O principal argumento dos católicos para essa velha pretensão exclusivista e, portanto, antiecumênica, é baseada numa

interpretação literal do Evangelho de Mateus (Mateus 16,18-19), em que Pedro teria sido a pedra sobre a qual o Jesus mítico teria edificado a **sua** Igreja, tendo sido ele o único a receber do Jesus mítico as chaves do reino dos céus.

Trata-se aqui, na realidade, de uma passagem altamente controversa do Novo Testamento e que tem dado origem a numerosos conflitos e divisões dentro do próprio cristianismo. Esses versículos de Mateus constituem, de fato, como vêm comprovando, há tempo, muitos estudiosos do Novo Testamento, uma mal-arrumada montagem, criada pelo autor do Evangelho de Mateus (Mateus 16,13-19), que coloca retroativamente nos lábios do Jesus mítico a célebre passagem deste evangelista, com fins totalmente apologéticos (“apologia” aqui significa “defesa da fé” cristã dogmática e mítica). Leiamos a referida passagem:

Chegando Jesus ao território de Cesareia de Filipe, perguntou aos discípulos: “Quem dizem os homens ser o Filho do Homem?” Disseram: “Uns afirmam que é João Batista, outros que é Elias, outros, ainda, que é Jeremias ou um dos profetas.” Então lhes perguntou: “E vós, quem dizeis que eu sou?” Simão Pedro, respondendo, disse: “Tu és o Messias, o Filho de Deus vivo.” Jesus respondeu-lhe: “Bem-aventurado és tu, Simão, filho de Jonas, porque não foi carne ou sangue que te revelaram isto, e sim o meu Pai que está nos céus. Também eu te digo que tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei **minha Igreja**, e as portas do Inferno nunca prevalecerão contra ela. Eu te darei as chaves do Reino dos céus e o que ligares na terra será ligado nos céus, e o que desligares na terra será desligado nos céus (Mateus 16,13-19) (negrito meu).

Para quem interpreta os relatos evangélicos ingênua e literalmente, não precisaria mais nada além dessa famosa passagem de Mateus para concordar com a crença mítica dos católicos segundo a qual a sua Igreja teria sido realmente instituída pelo Jesus mítico. O caso, entretanto, não é tão simples assim. Essa passagem de Mateus – exclusivista por natureza – divide os católicos de todos os outros cristãos e de todos os não cristãos. Só por essa característica exclusivista, e também pelo fato de essa passagem ser exclusiva de Mateus, já se pode deduzir que ela

tem sabor de inautenticidade. Tanto os protestantes (até mesmo os fundamentalistas) como os espíritas (e outros espiritualistas reencarnacionistas) são unânimes em afirmar que essa passagem não pode ser autêntica, mas trata-se de uma montagem mal-arrumada para satisfazer interesses católicos.

Para enriquecer nossa reflexão, recebamos, nesse sentido, a contribuição que nos oferece o escritor espírita Hermínio C. Miranda, através da seguinte convincente argumentação:

É pouco provável, contudo, que Jesus tenha, por exemplo, instituído uma igreja, ou melhor, **a sua igreja**, conforme consta em Mateus 16:18. Essa é a única referência específica nos Evangelhos, ressaltando-se, naturalmente, que a palavra original grega – *ekklesia* – quer dizer comunidade, reunião de pessoas, religiosas ou não. É com essa conotação que começou a ser aplicada, nos Atos e nas Epístolas, ou seja, um local onde se reuniam os cristãos, não como uma Igreja fundada e institucionalizada por Jesus, com a sua estrutura administrativa, ritualística, sacramental e doutrinária (MIRANDA, 1988, p. 168-169) (negrito do autor).

O mesmo autor prossegue em sua brilhante argumentação, à luz da “fé raciocinada”, mostrando que o Jesus histórico não fundou nenhuma igreja:

Em suma, Jesus não fundou **a Igreja** e nem mesmo **igrejas**, como Paulo e outros apóstolos. Pregou as suas ideias e deu seu testemunho. Não estava cogitando de templos de pedra e nem de hierarquias sacerdotais, dogmas ou normas de direito canônico. Sequer de uma teologia, no sentido em que hoje conhecemos esse conceito. Para que igrejas, se ele não cuidara, sequer, de ter uma pedra sobre a qual pousasse a cabeça? (ibid.) (negritos do autor)

O escritor espírita J. Herculano Pires, em seu livro “Revisão do Cristianismo”, também argumenta que o Jesus histórico não pretendeu fundar nenhuma religião ou igreja (cf. PIRES, 1977, p. 55).

90 - JESUS FOI UM PREGADOR ESCATOLÓGICO APOCALÍPTICO?

O Jesus mítico, sim; não, porém, o Jesus histórico. Na visão do Seminário de Jesus (que sigo), o Jesus histórico não foi um “pregador escatológico apocalíptico”, mas foi um “**pregador escatológico sapiencial**”. O SJ distingue dois tipos de escatologia: a apocalíptica e a sapiencial. A “escatologia apocalíptica” é também chamada de “escatologia sobrenatural ou intervencionista” e a “escatologia sapiencial” é também chamada de “escatologia colaborativa ou participativa”. Com base nessa distinção, o Jesus histórico não foi um “pregador escatológico apocalíptico” (sobrenatural ou intervencionista), no sentido de pregar que o fim cataclísmico do mundo estava bem próximo, em que Deus interviria de maneira iminente e cataclísmica, através de seu Filho Jesus Cristo, para julgar a humanidade, enviando os bons para o céu e os maus para o inferno eterno, profecia que nunca se cumpriu (nem se cumprirá). A mensagem central do Jesus histórico, na opinião de John Dominic Crossan, foi a de ser um “pregador escatológico sapiencial” no sentido de envolver “um modo de vida para agora, em vez de uma esperança de vida para o futuro” (CROSSAN, 1995, p. 66-67; ver também BORG & CROSSAN, 2008, p. 280-281).

Mais explicitamente, Crossan distingue, no Novo Testamento, “escatologia apocalíptica” (como a de João Batista, a do Jesus mítico e a de Paulo de Tarso) de “escatologia sapiencial” (**a mensagem central do Jesus histórico**). Eis suas palavras:

A escatologia apocalíptica anuncia que Deus fez a nós somente (algum grupo específico) uma revelação especial e secreta sobre uma intervenção divina iminente e cataclísmica para restaurar a paz no mundo desordenado [...]; *a escatologia sapiencial* é o que, finalmente, se tornou a mensagem de Jesus. [...] Envolve um modo de vida para agora, em vez de uma esperança de vida para o futuro. Um exemplo de desafio do estilo de vida radical da escatologia sapiencial é, no mundo antigo, Diógenes, da Grécia, vivendo em seu barril, e, no mundo moderno, Gandhi, da Índia, dizendo não à violência. **A escatologia apocalíptica é a**

negação do mundo com destaque para a intervenção divina futura e iminente; a escatologia sapiencial é a negação do mundo com ênfase na intervenção divina presente e imanente. Na escatologia apocalíptica, estamos esperando que Deus aja. Na escatologia sapiencial, Deus está esperando que nós ajamos. (CROSSAN, 1995, p. 65-67) (Negrito meu).

No livro “O Primeiro Natal”, Marcus J. Borg e John Dominic Crossan dão uma explicação mais clara ainda do *Reino Escatológico de Deus*, bastante semelhante à visão escatológica espírita: “A escatologia não se refere, é claro, à destruição da Terra, mas à sua transformação; não concerne ao fim do mundo, mas ao fim do mal, da injustiça, da violência... e do imperialismo” (BORG & CROSSAN, 2008, p. 83).

Nessa mesma obra, Marcus J. Borg e John Dominic Crossan explicam que “o Natal tem três tempos: Existe um espírito do Natal passado, do Natal de hoje e do futuro Natal” (BORG & CROSSAN, 2008, p. 279). Eles explicam que o futuro Natal tem a ver com um novo mundo e, por conseguinte, com a escatologia, não, porém, com a “escatologia apocalíptica”, também chamada de “escatologia sobrenatural” (ou “escatologia intervencionista”), mas com a “escatologia sapiencial”, também chamada de “escatologia participativa” (ou “escatologia colaborativa”). Eis como eles explicam a relação do futuro Natal com a “escatologia participativa ou colaborativa”:

Passemos agora ao futuro Natal. O Advento e o Natal concernem a um novo mundo. Portanto, têm a ver, intrinsecamente, com a escatologia. [...] A escatologia refere-se à transformação divina de nossa Terra. Não tem a ver com a emigração de um mundo condenado para um paraíso de bem-aventurança. Ao contrário, diz respeito ao fim desta era de guerra e violência, injustiça e opressão. Refere-se à transformação da Terra, não a sua devastação. Refere-se a um mundo de justiça e paz. Como se dará essa transformação do mundo? Para dizer o óbvio, ela ainda não aconteceu, apesar de haverem decorridos dois mil anos. Ela ainda não se consumou. Porventura isso significa que as histórias do Natal são um castelo de vento? Que elas (e

o Novo Testamento em geral) são mais um exemplo de escatologia fracassada, de esperança que se desesperançou? Depende de como pensamos que o novo mundo será criado. Duas formas de compreensão muito diferentes, duas escatologias diferentes, encontram-se na história do cristianismo, assim como nos estudos eruditos modernos. Chamamos a primeira de “escatologia sobrenatural” ou “escatologia intervencionista”. Segundo essa compreensão, só Deus é capaz de promover o novo mundo. Este só poderá materializar-se por uma dramática intervenção divina. Tudo que podemos fazer é aguardá-la e rezar por ela. Muitos estudiosos do século XX argumentaram que era isso que Jesus e os primeiros cristãos esperavam. Essa ideia também foi encontrada no cristianismo popular ao longo dos séculos. Em nossa época, ela é particularmente virulenta, nos cenários violentamente destrutivos imaginados pelos que esperam o segundo advento de Jesus num futuro próximo. Damos à segunda o nome de “escatologia participativa” ou “escatologia colaborativa”. Dito em termos simples, devemos participar com Deus da criação do mundo prometido pelo Natal. Em vez de esperar que Deus o faça, devemos colaborar com Deus (BORG & CROSSAN, 2008, p. 279-201).

Para resumir, no sentido da “escatologia sobrenatural ou intervencionista”, podemos dizer que o “Jesus mítico” (ou “Cristo da fé”) foi um grande pregador apocalíptico, prometendo, durante suas inúmeras pregações (na Palestina), que retornaria brevemente à Terra, por ocasião do suposto fim do mundo e do Juízo Final, enquanto ainda estivessem vivos alguns de seus apóstolos, a fim de julgar a humanidade, enviando os bons para o céu e os maus para o castigo eterno (cf. Mateus 25,31-46), profecia que não se cumpriu; logo, o Jesus mítico **ERROU**, a maior prova bíblica, conforme esclareço em meu livro “Catecismo Ecumênico” e em várias matérias de meu *blog* (**Blog do Pinheiro: diálogo inter-religioso**) de que o Jesus mítico (ou “Cristo da fé”) não era, nem é, Deus, pois Deus não pode errar.

Este erro, reafirmo, não foi cometido pelo “Jesus histórico”, mas pelos cristãos, ao transformarem o “Jesus histórico” no Jesus mítico (um grande profeta escatológico sobrenatural ou

intervencionista), o qual, interpretado literalmente, pregava, como João Batista e Paulo de Tarso, a chamada “escatologia apocalíptica”, também chamada de “escatologia sobrenatural” (ou “escatologia intervencionista”), ou seja, “uma intervenção divina iminente e cataclísmica” (cf. CROSSAN, 1995, p. 65; BORG & CROSSAN, 2008, p. 280-281).

Nos Evangelhos, quando interpretados ao pé da letra, o Jesus mítico se atribuía, com frequência, o título mítico de “Filho do Homem”, em seu sentido apocalíptico e/ou messiânico, ou seja, alguém dotado do poder de perdoar pecados ou votado ao sofrimento. Exemplo:

“De fato, aquele que, nesta geração adúltera e pecadora, se envergonhar de mim e de minhas palavras, também o **Filho do Homem** se envergonhará dele quando vier na glória do seu Pai com os santos anjos.” (Marcos 8, 38; ver também Marcos 13,26; 14,62; Mateus 16,27; 10,33; Lucas 9,26; 12,8-10;) (negrito meu)

De acordo com os integrantes do SJ (cf. FUNK, HOOVER & THE JESUS SEMINAR, *The Five Gospels*, p. 77), essas passagens evangélicas atribuídas ao Jesus mítico são derivadas do chamado Pequeno Apocalipse de Daniel 7 e, por conseguinte, não são de autoria do “Jesus histórico”, mas postas nos lábios dele (pelos escritores do Novo Testamento), para que ele fosse visto como um grande “pregador escatológico apocalíptico/intervencionista”

91 - PARA JESUS, O “REINO DE DEUS” SIGNIFICAVA A IMINENTE INTERVENÇÃO APOCALÍPTICA DE DEUS?

Para o Jesus mítico, sim; não, porém, para o Jesus histórico. Conforme esclarece John Dominic Crossan, no livro “O Essencial de Jesus” (CROSSAN, 2008) e no livro “Quem Matou Jesus?” (CROSSAN, 1995),

a expressão *Reino de Deus* deve ser entendida, primeiro, dentro daquela absoluta conjunção de religião e política e, segundo, dentro da situação de dominação imperial e exploração colonial. A expressão evoca uma visão ideal de poder político e religioso, de como este mundo terreno seria

governado se Deus, e não César, se sentasse no trono imperial. Como tal, invariavelmente, lança uma sombra causticamente crítica sobre o governo humano. A expressão revela principalmente uma básica, fundamental, radical, utópica, contracultural ou escatológica rejeição do mundo da forma como ele era governado na época. [...] Insisto em que, embora a escatologia tenha relação etimológica com o fim do mundo (literalmente: relativo às coisas finais), o fim do mundo ou a negação dele aparecem de muitas formas diferentes. Existem, por exemplo, escatologias apocalípticas, sapienciais, cínicas, gnósticas, monásticas, eremitas, anárquicas e até niilistas. As duas primeiras são de importância imediata neste momento. A *escatologia apocalíptica* anuncia o apocalipse (palavra grega que significa “revelação”) da intervenção divina iminente e cataclísmica, para restaurar a paz e a justiça de um mundo desordenado. Se depois disso existirá o paraíso na terra ou a terra no paraíso, não fica muito claro, mas *eles*, os maus, desaparecerão para sempre e *nós*, os abençoados, estaremos no comando sob as ordens de Deus. [...] A *escatologia sapiencial*, por outro lado, enfatiza a sapiência (palavra latina que significa “sabedoria”) de como se deve viver hoje, aqui e agora, de forma que o poder presente de Deus seja convincentemente óbvio para todos (CROSSAN, 2008, p. 20).

Jesus chamava seu programa de a presença do Reino de Deus, mas esta expressão deve ser interpretada principalmente à luz do que ele próprio fazia e do que desafiava seus companheiros a fazer. **Ela não significava para Jesus, como podia significar para os outros, a iminente intervenção apocalíptica de Deus para consertar um mundo tomado pela maldade e pela injustiça. Significava a presença do Reino de Deus aqui e agora, na reciprocidade da comida compartilhada e na cura livre, em vidas, isto é, do igualitarismo radical tanto em níveis socioeconômicos (alimentação) como religioso-políticos (cura)** (CROSSAN, 1995, p. 68) (negrito meu).

Concluindo a resposta da presente pergunta, podemos dizer que, no sentido da “escatologia sapiencial”, também chamada de “escatologia participativa” (ou “escatologia colaborativa”), o Jesus

histórico foi um grande “pregador escatológico”, mas afirmar que ele foi um “pregador escatológico apocalíptico”, no sentido da “escatologia apocalíptica sobrenatural” (ou “intervencionista”), é uma grande mentira sobre o Jesus histórico. Nesse sentido, é preciso saber distinguir nos Evangelhos “passagens de significado escatológico sobrenatural ou intervencionista”, as quais não são de autoria do Jesus histórico, mas do Jesus mítico (ou autoria dos autores dos Evangelhos), de “passagens de significado escatológico sapiencial, ou seja, de “passagens de significado escatológico colaborativo ou participativo”, as quais são verdadeiramente de autoria do Jesus histórico.

92 - A PARÁBOLA DA FIGUEIRA (MARCOS 13,28-32) É DE AUTORIA DE JESUS?

Do Jesus mítico, sim; não, porém, do Jesus histórico. Também esta parábola, como asseguram os integrantes do SJ (cf. FUNK, HOOVER & THE JESUS SEMINAR, p. 113), não é de autoria do Jesus histórico, mas de Marcos, por ter um significado fortemente apocalíptico intervencionista:

“Aprendeis, pois, a parábola da figueira. Quando o seu ramo se torna tenro e as suas folhas começam a brotar, sabeis que o verão está próximo. Da mesma forma, também vós, quando virdes estas coisas acontecerem, sabeis que ele [o Filho do Homem] está próximo, às portas. Em verdade vos digo que esta geração não passará até que tudo isso aconteça. Passará o céu e a terra. Minhas palavras, porém, não passarão. Daquele dia e daquela hora, ninguém sabe, nem mesmo os anjos no céu, nem o Filho, somente o Pai” (Marcos 13,28-32).

93 - A PARÁBOLA DOS VINHATEIROS HOMICIDAS (MARCOS 12,1-12; MATEUS 21,33-46; LUCAS 20,9-19) É DE AUTORIA DE JESUS?

Do Jesus mítico, sim; não, porém, do Jesus histórico. Conforme os integrantes do SJ (cf. FUNK, HOOVER & THE JESUS SEMINAR, p. 101, esta parábola, no correto dizer dos

pesquisadores do SJ, não é de autoria do Jesus histórico, mas dos evangelistas Marcos, Mateus e Lucas, criada por eles para expressar a doutrina central cristã da salvação por meio do Jesus mítico. Logo, ela não pode ser interpretada literalmente como sendo de autoria do Jesus histórico. Eis um resumo comentado da referida parábola feita pelos pesquisadores do SJ:

Deus plantou uma vinha, arrendou-a a vinhateiros (=o Seu Povo Eleito, Israel) e partiu para o estrangeiro. Chegada a época da colheita, enviou os seus servos aos vinhateiros, para receberem os seus frutos. Os vinhateiros (=os judeus), porém, agarraram os servos (=os profetas), espancaram um, mataram outro e apedrejaram o terceiro. Deus enviou outros servos (=outros profetas), em maior número do que os primeiros, mas eles (=os judeus) os trataram da mesma forma. Por fim, enviou-lhe o seu Filho (=o Jesus mítico), o qual foi morto pelos arrendatários, ou seja, pelo Seu Povo Eleito (os judeus), [o que não é verdade, pois Jesus não foi morto pelos judeus, mas pelos romanos] (FUNK, HOOVER & THE JESUS SEMINAR, p. 101)

Esta parábola discriminatória, por conseguinte, não pode ter sido de autoria do Jesus histórico, o qual nunca discriminou ninguém. Ela, repito, é de autoria dos autores dos Evangelhos sinópticos (Marcos, Mateus e Lucas), e não do Jesus histórico.

94 - A PARÁBOLA DAS DEZ VIRGENS (MATEUS 25,1-13) É DE AUTORIA DE JESUS?

Do Jesus mítico, sim; não, porém, do Jesus histórico. De acordo com o SJ, a parábola das dez virgens, cinco prudentes e cinco imprudentes/insensatas, também não é de autoria do Jesus histórico, mas de Mateus, por duas razões principais: 1) o seu estilo difere radicalmente do estilo autêntico do Jesus histórico ao narrar suas autênticas parábolas; 2) o contexto no qual essa parábola aparece em Mateus é fortemente **escatológico apocalíptico (sobrenatural e intervencionista)**: as cinco virgens prudentes estavam prontas para o retorno do Jesus mítico Cristo, com lâmpadas preparadas e providas de azeite, enquanto as cinco imprudentes, que dormiam, não tinham azeite em suas lâmpadas. De repente, veio o noivo

celestial levando as prudentes consigo, enquanto as imprudentes vão em busca de azeite, perdendo, desta maneira, sua entrada no Céu. Termina esta parábola com as palavras: **“Vigiai, portanto, porque não sabeis nem o dia nem a hora em que o Filho do Homem virá”** (Mateus 25,13) (negrito meu).

O significado escatológico sobrenatural ou intervencionista desta parábola é este: Os discípulos do Jesus mítico devem ficar atentos e preparados porque eles não sabem quando o Senhor retornará (Mateus 14,1-36). Seu retorno, aparentemente, está demorando (cf. FUNK & THE JESUS SEMINAR, 1993, p. 254).

95 - A PARÁBOLA DO MAU RICO E DO POBRE LÁZARO (LUCAS 16,19-31) É DE AUTORIA DE JESUS?

Do Jesus mítico, sim; não, porém, do Jesus histórico. Esta parábola é usada pelos cristãos dogmáticos como forte argumento contra a **reencarnação**, uma vez que nela o Jesus mítico teria contestado abertamente a possibilidade de arrependimento e perdão, passados os umbrais da eternidade. Na crítica de Frei Boaventura Kloppenburg, Jesus (o Jesus mítico) “ao menos nesta parábola, não era reencarnacionista, nem espírita, nem esoterista” (KLOPPENBURG, 1997, p. 104-105).

Conforme atestam apropriadamente os integrantes do SJ (cf. FUNK, HOOVER & THE JESUS SEMINAR, p. 361), esta parábola não é de autoria do Jesus histórico, ou seja, eles negam que ela tenha sido relatada pelo Jesus histórico, pelas seguintes razões:

- 1) histórias de ricos e pobres cujos destinos se invertem após a morte são comuníssimas na literatura do Oriente Próximo;
- 2) em nenhuma outra parábola autenticamente narrada pelo Jesus histórico os personagens recebem nomes próprios e
- 3) a atenção dada aos pobres é uma característica particular de Lucas.

96 - A PARÁBOLA DO JOIO (MATEUS 13,24-30) É DE AUTORIA DE JESUS?

Do Jesus mítico, sim; não, porém, do Jesus histórico. Esta parábola tem um significado fortemente escatológico intervencionista: “Deixai-os crescer juntos até a colheita [=dia do Juízo Final]. No tempo da colheita, direi aos ceifeiros: Arrancai primeiro o joio e atai-o em feixes para ser queimado; em seguida, recolhei o trigo no meu celeiro” (Mateus 13,30). Ou seja, o joio representa os maus que, no Juízo Final, serão separados dos bons pelo Jesus mítico e enviados por ele para o fogo eterno (o inferno eterno), enquanto o trigo representa os bons, que, no Juízo Final, serão separados dos maus pelo Jesus mítico e enviados para o céu. Como o Jesus histórico, conforme já foi esclarecido, não era, na visão dos pesquisadores do SJ, um profeta da “escatologia apocalíptica intervencionista”, mas da “escatologia sapiencial” (chamada também de “escatologia participativa ou colaborativa”), nenhuma passagem evangélica de caráter discriminatório escatológico apocalíptico, isto é, da chamada “escatologia sobrenatural” (ou “escatologia intervencionista”) é de autoria do Jesus histórico, mas dos cristãos apocalíptistas, pregadores da “escatologia sobrenatural” ou “escatologia intervencionista” (cf. FUNK, HOOVER & THE JESUS SEMINAR, p. 194; ver também BORG & CROSSAN, 2008, p. 280-281).

97 - A PARÁBOLA DA REDE (MATEUS 13,47-50) É DE AUTORIA DE JESUS?

Do Jesus mítico, sim; não, porém, do Jesus histórico. Esta parábola também tem um forte significado escatológico intervencionista (separatista): “O Reino dos Céus é ainda semelhante a uma rede lançada ao mar, que apanha de tudo. Quando está cheia, puxam-na para a praia e, sentados, juntam o que é bom em vasilhas, mas o que não presta, deitam fora. Assim será no fim do mundo: virão os anjos e separarão os maus dentre os justos e os lançarão na fornalha ardente [=o inferno eterno]. Ali haverá choro e ranger de dentes” (cf. FUNK, HOOVER & THE JESUS SEMINAR, p. 197).

98 - A PARÁBOLA DO MORDOMO (MATEUS 24,45-51) É DE AUTORIA DE JESUS?

Do Jesus mítico, sim; não, porém, do Jesus histórico. Esta parábola também tem um forte significado escatológico sobrenatural condenatório: “Feliz daquele servo que o senhor, ao chegar [por ocasião do Juízo Final], encontrar assim ocupado. Em verdade vos digo, ele o constituirá sobre todos os seus bens. Se aquele mau servo disser em seu coração: ‘Meu senhor tarda’, e começar a espancar os seus companheiros, a comer e beber em companhia dos bebedores, o senhor daquele servo virá em dia imprevisto e hora ignorada. Ele o partirá ao meio e lhe imporá a sorte dos hipócritas. Ali haverá choro e ranger de dentes” (Mateus 24, 46-51) (cf. FUNK, HOOVER & THE JESUS SEMINAR, p. 253).

99 - A PARÁBOLA DOS TALENTOS (MATEUS 25,14-30) É DE AUTORIA DE JESUS?

Do Jesus mítico, sim; não, porém, do Jesus histórico. Também esta parábola não pode ter sido de autoria do Jesus histórico, uma vez que ela também tem um forte significado escatológico intervencionista (separatista e condenatório): “Depois de muito tempo, o senhor daqueles servos voltou e pôs-se a ajustar contas com eles” (Mateus 25,19); **“Quanto ao servo inútil, lançai-o foras trevas [=no inferno eterno]. Ali haverá choro e ranger de dentes!”** (Mateus 25,30) (cf. FUNK, HOOVER & THE JESUS SEMINAR, p. 256) (negrito meu).

100 - O DISCURSO ESCATOLÓGICO SOBRE O JUÍZO FINAL (MATEUS 25,31-46) É DE AUTORIA DE JESUS?

Do Jesus mítico, sim; não, porém, do Jesus histórico. Este chamado discurso escatológico tem um fortíssimo significado escatológico sobrenatural, uma vez que sabemos, dentro do ponto de vista do SJ, que nenhuma passagem bíblica escatológica ou apocalíptica (intervencionista, separatista e condenatória) é de autoria do Jesus histórico, mas dos escritores do Novo Testamento: “Quando o Filho do Homem vier em sua glória, e todos os anjos com ele, então se assentará no trono da sua glória. E serão reunidas

em sua presença todas as nações e ele separará os homens uns dos outros, como o pastor separa as ovelhas dos cabritos, e porá as ovelhas à sua direita e os cabritos à sua esquerda. Então dirá o rei [o Jesus mítico] aos que estiverem à sua direita: 'Vinde, benditos de meu Pai, recebei por herança o Reino preparado para vós desde a fundação do mundo'. [...] Em seguida, dirá aos que estiverem à sua esquerda: **'Apartai-vos de mim, malditos, para o fogo eterno preparado para o diabo e para os seus anjos'...** [...] **E irão estes para o castigo eterno, enquanto os justos irão para a vida eterna**" (Mateus 25, 31-46) (negrito meu).

O Jesus histórico nunca falou de inferno eterno. Por conseguinte, esta parábola não pode ter sido de autoria do Jesus histórico.

Há, nos Evangelhos, muitas outras passagens apocalípticas, semelhantes às que acabei de analisar nas últimas dez questões deste livro, mas creio que essas são suficientes para mostrar aos leitores o caráter fortemente escatológico intervencionista de muitas passagens e parábolas do Novo Testamento falsamente atribuídas ao Jesus histórico. Poderia ter citado também a **parábola do ladrão noturno**, que vem, sem avisar, e com o Jesus mítico compara seu retorno, concluindo essa comparação com a frase: "Por isso, também vós ficai preparados, porque o Filho do Homem virá numa hora que não pensais (Mateus 24,44). O mesmo se diga da **parábola do servo que dormia**, quando seu amo o surpreende com sua chegada: "O senhor daquele servo virá em dia imprevisto e hora ignorada. Ele o partirá ao meio e lhe imporá a sorte dos hipócritas. Ali haverá choro e ranger de dentes (Mateus 24,50-51).



CONCLUSÃO

Escrevi meu 7º livro ecumênico (“O Jesus Histórico e o Mítico: desafio para diálogo inatrer-religioso”), a fim de fazer um resumo das principais distinções entre o “Jesus histórico e o Jesus mítico”, bem como a distinção entre duas modalidades antagônicas de cristianismo (“o cristianismo do Jesus histórico” e “o cristianismo do Jesus mítico”, também chamado de “o cristianismo dos cristãos”):

Como mostramos neste livro, segundo a famosa distinção entre o “Jesus histórico” e o “Jesus mítico” (feita desde o final do século 18), o “Jesus mítico” é literalmente visto como “Deus encarnado”, o único “Filho de Deus” e único “Deus o Filho” (Segunda Pessoa da Santíssima Trindade), que nasceu miraculosamente, de um parto virginal, por obra e graça do Espírito Santo, enquanto o “Jesus histórico” é visto como uma pessoa inteiramente humana, que nasceu de um parto normal como qualquer um de nós. O “Jesus mítico” é visto como o único salvador da humanidade, enquanto o Jesus histórico é visto como um salvador, ou melhor, como um libertador, ao lado de muitos outros. O “Jesus mítico” é interpretado literal e dogmaticamente como o único “Filho de Deus” que morreu na cruz para nos salvar de nossos pecados (incluindo o pecado original cometido pelos nossos primeiros pais, Adão e Eva), enquanto o “Jesus histórico” não é visto como alguém que morreu para nos redimir de nossos pecados, nem do “pecado original”, pois esse tal de “pecado original” nunca existiu e nós não descendemos de Adão e Eva, como comprova a ciência. O “Jesus mítico” fundou uma nova religião ou igreja, enquanto o “Jesus histórico” não fundou nenhuma religião ou igreja, mas apenas nos ensinou um código de moral (ou de ética) universal, resumido na lei do amor, a única forma de religiosidade (ou de espiritualidade) capaz de unir a todos. O “Jesus mítico” instituiu sete sacramentos (indispensáveis à salvação), enquanto o “Jesus histórico” não instituiu nenhum sacramento. O “Jesus mítico” é um personagem superexclusivista, enquanto o “Jesus histórico” é um personagem altamente pluralista. O “Jesus mítico” ressuscitou fisicamente, subiu ao céu fisicamente, de onde retornará fisicamente para julgar a

humanidade, enviando os bons para o céu e os maus para o inferno eterno, enquanto nada disso aconteceu (ou acontecerá) com o “Jesus histórico”. O “Jesus mítico” pregou que o inferno eterno existe, enquanto o “Jesus histórico” nunca falou da existência de penas eternas. O “Jesus mítico” fez “milagres” que supostamente anulam as leis da natureza, tais como: ressuscitar mortos, transformar água em vinho, multiplicar pães e peixes, andar sobre as águas, transformar o pão em seu corpo e o vinho em seu sangue, enquanto nada disso foi feito pelo “Jesus histórico”.

Com relação aos dois cristianismos, argumento meus livros ecumênicos (com muitos outros autores) que é preciso distinguir dois cristianismos, ou duas modalidades antagônicas de ver o cristianismo: **o cristianismo racional, pluralista e unificador do Jesus histórico** (o chamado “cristianismo das origens”) e **o cristianismo irracional, exclusivista, divisionista e mítico dos cristãos** (o qual é mais muito baseado em dogmas ou em mitos do que em fatos históricos). Esta segunda modalidade de cristianismo, supostamente fundada pelo “Cristo da fé” (chamado neste livro de “Jesus mítico”) é considerada pelos cristãos dogmáticos como a única religião verdadeira deste planeta, a única religião que nos salva (pela fé em Cristo morto e ressuscitado). Foi esse cristianismo exclusivista, dogmático e mítico que se tornou (no final do século IV) a religião oficial do Império romano e continua até hoje sendo a religião dominante deste planeta.

Repito que há, de fato, dois cristianismos: O cristianismo do Jesus histórico e o do Jesus mítico, também chamado de “Cristianismo mítico dos cristãos”. O cristianismo racional e pluralista de Jesus histórico, também chamado de “o cristianismo das origens”, não é uma nova religião ou seita (nem uma igreja), mas **um código de moral (ou de ética) universal, resumido na lei do amor**, autenticamente ensinado e vivenciado pelo Jesus histórico, “o terreno onde todos os cultos podem se reencontrar, a bandeira sob a qual todos podem se abrigar, quaisquer que sejam suas crenças, porque jamais foi objeto de disputas religiosas, sempre e por toda parte levantadas pelas questões de dogma” (KARDEC, *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, Introdução, 1º parágrafo), enquanto o cristianismo irracional, exclusivista, dogmático e mítico dos cristãos, é um novo credo religioso,

caracterizado, sobretudo, por um conjunto de dogmas (ou de mitos) exclusivistas e divisionistas, fragmentado em centenas de igrejas, seitas e denominações, objeto de inúmeras controvérsias e de numerosos conflitos ao longo de sua história, originalmente fundado, não por Jesus de Nazaré (o Jesus histórico), mas por Paulo de Tarso, daí ser também chamado de “**paulinismo**” e de “**cristianismo mítico**”, uma vez que é fundamentado muito mais em mitos (literalmente interpretados) do que em fatos históricos.

O cristianismo racional e pluralista do Jesus histórico, repito, é a única forma de religiosidade (ou de espiritualidade) capaz de unir todas as pessoas e todas as crenças deste planeta, enquanto o cristianismo do Jesus mítico, irracional, dogmático, exclusivista e mítico dos cristãos nunca teve (nem terá jamais) condições de unir a cristandade e a humanidade.

Infelizmente, o cristianismo que dominou a História por mais de dois mil anos foi o cristianismo irracional, mítico e exclusivista dos cristãos, e não o cristianismo racional e pluralista do Jesus histórico, o qual só tem um mandamento, **A PRÁTICA DO AMOR: “Isto vos ordeno: amai-vos uns aos outros”** (João 15,17). **“Nisso conhecerão todos que sois meus discípulos [isto é, que sois “cristãos”], se tiverdes amor uns pelos outros”** (João 13,35) (negrito meu).



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- A BÍBLIA de Jerusalém*. São Paulo: Edições Paulinas, 1981.
- BIERLEIN, J. F. *Mitos paralelos*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.
- BLAVATSKY, Helena P. *A Doutrina secreta*. São Paulo: Pensamento, 1995.
- BORG, Marcus J., & CROSSAN, John Dominic. *A Última Semana: um relato detalhado dos dias finais de Jesus*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2007.
- _____. BORG, Marcus J., & CROSSAN, John Dominic. *O Primeiro Natal: o que podemos aprender com o nascimento de Jesus*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.
- BRUNEL, Pierre. *Dicionário de mitos literários*. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 1997.
- BULTMANN, Rudolf. *Teologia do Novo Testamento*. São Paulo: Editora
- ANDRADE, Jayme. *O Espiritismo e as igrejas reformadas*. 4. ed. São Paulo: EME, 1995.
- ARIAS, Juan. *Jesus, esse grande desconhecido*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- BLAVATSKY, Helena P. *Glossário teosófico*. 4. ed. São Paulo: Ground, 2000.
- BOFF, Leonardo. *Fundamentalismo: a globalização e o futuro da humanidade*. Rio de Janeiro: Sextante, 2002.
- BRUNEL, Pierre. *Dicionário de mitos literários*. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 1997.
- BULTMANN, Rudolf. *Teologia do Novo Testamento*. São Paulo: Editora Teológica, 2004.
- CAMPBELL, Joseph. *O Poder do mito, com Bil Moyers*. 28. ed. São Paulo: Palas Athena, 2011.

- CASSARO, Richard Russell. O paralelismo com Osíris. In: KENYON, J. Douglas (org.). *O que a Bíblia não nos contou: a história secreta sobre as heresias da religião ocidental*. São Paulo: Pensamento, 2008.
- CHAVES, José Reis. *A Reencarnação na Bíblia e na ciência*. 7. ed. rev. São Paulo: Editora Bezerra de Menezes, 2006a.
- _____. *A Face oculta das religiões: uma visão racional da Bíblia*. 2. ed. São Paulo: Editora Bezerra de Menezes, 2006b.
- _____. "O que é e o que não é a Bíblia". DIÁRIO O Tempo, de Belo Horizonte-MG. Coluna em O TEMPO, Página Opinião, 27/nov. 2006c.
- _____. *A Bíblia e o Espiritismo: artigos teológicos*. Belo Horizonte: Editora Espaço Literarium, 2009.
- COMBY, Jean. *Para ler a história da Igreja I: das origens ao século XV*. 2. ed. São Paulo: Edições Loyola, 1996.
- COMMELIN, P. *Mitologia grega e romana*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- CORNWELL, John. *Quebra da fé: o papa, o povo e o destino do catolicismo*. Rio de Janeiro: Imago, 2002.
- CROSSAN, John Dominic. *O Jesus histórico: a vida de um camponês judeu do Mediterrâneo*. Rio de Janeiro: Imago, 1994.
- _____. *Quem Matou Jesus? As raízes do antissemitismo na história evangélica da morte de Jesus*. Rio de Janeiro: Imago, 1995.
- _____. *O Essencial de Jesus*. São Paulo: Jardim dos livros, 2008.
- DAWKINS, Richard. *Deus, um delírio*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- DONINI, Ambrogio. *Breve história das religiões*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1965.
- EHRMAN, Bart D. *O Que Jesus disse? O que Jesus não disse?: quem mudou a Bíblia e por quê*. São Paulo: Prestígio, 2006.
- _____. *O Problema com Deus: as respostas que a Bíblia não dá ao sofrimento*. Rio de Janeiro: Agir, 2008.

- ELIADE, Mircea. *Mito e realidade*. 6. ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 2006.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo dicionário da língua portuguesa*. 2.ed. Rev. Aum. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
- FRANGIOTTI, Roque. *História das heresias: conflitos ideológicos dentro do cristianismo*. São Paulo: Paulus, 1995.
- FUNK, Robert W.; HOOVER, Roy W., and THE JESUS SEMINAR. *The Five Gospels: what did Jesus really say? The search for the authentic words of Jesus*. New York: Macmillan Publishing Company, 1993.
- FUNK, Robert W., and THE JESUS SEMINAR. *The Acts of Jesus: what did Jesus really do? The search for the authentic deeds of Jesus*. New York: Harper Collins, and Harper San Francisco, 1998.
- GAGLIARDO, Vitor. "O Papa do Jesus histórico", Revista SUPER Interessante, edição 250, março/2008.
- GASPARETTO, Zíbia, ditado por Lucius. *Somos todos inocentes*. 23. ed. São Paulo: Vida & Consciência Editora, 2006.
- GRIESE, Franz. *La Desilusión de un sacerdote: la verdad científica sobre la religión cristiana*. 2. ed. reformada y aumentada. Buenos Aires: Editorial Cultura Laica, 1957.
- HARPUR, Tom. *O Cristo dos pagãos: a sabedoria antiga e o significado espiritual da Bíblia e da história de Jesus*. São Paulo: Pensamento, 2008.
- _____. *Transformando Água em Vinho: uma visão profunda e transformadora sobre os Evangelhos*. São Paulo: Editora Pensamento, 2009.
- HASSNAIN, Fida. *Jesus, a verdade e a vida: uma busca histórica pelos caminhos apócrifos, budistas, islâmicos e sânscritos*. São Paulo: Madras, 1999.
- HART, Michael H. *As 100 maiores personalidades da história: uma classificação das pessoas que mais influenciaram a História*. 10. ed. Rio de Janeiro: DIFEL, 2005.

- HICK, John (Org.). *The Myth of God incarnate*. London: SCM Press, 1977.
- _____. *Philosophy of religion*. 4. ed. Upper Saddle river, New Jersey: Prentice Hall, 1990.
- HICK, John & KNITTER, Paul (Orgs.). *The Myth of christian uniqueness, toward a pluralistic theology of religions*. New York: Orbis Book, 1987.
- HISLOP, Dr. John S. *Meu Baba e eu: vivências com o mestre indiano Sri Sathya Sai Baba*. Rio de Janeiro: Nova Era, 2003.
- HODSON, Geoffrey. *A Sabedoria oculta na Bíblia Sagrada*. Brasília: Editora Teosófica, 2007.
- HOORNAERT, Eduardo. *Origens do cristianismo: uma leitura crítica*. Brasília: Editora Ser, 2006.
- HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- KARDEC, Allan. *O Evangelho Segundo o Espiritismo. A Codificação da doutrina espírita: obras completas de Allan Kardec*. São Paulo: Instituto de Difusão Espírita, 1997a.
- _____. *A Gênese. A Codificação da doutrina espírita: obras completas de Allan Kardec*. São Paulo: Instituto de Difusão Espírita, 1997b.
- _____. *O Céu e o inferno. A Codificação da doutrina espírita: obras completas de Allan Kardec*. São Paulo: Instituto de Difusão Espírita, 1997c.
- _____. *O Livro dos Espíritos. A Codificação da doutrina espírita: obras completas de Allan Kardec*. São Paulo: Instituto de Difusão Espírita, 1997d.
- NETO, José Barbosa de Sena. *Confissões surpreendentes de um ex-padre*. Niterói - RJ: Editora ADOS, 2004.
- NETO, Eduardo de Castro Bezerra. *Inferno e céu: desafio à inteligência*. Fortaleza: *Premius* Editora, 2010.

- KENYON, J. Douglas (org.). *O que a Bíblia não nos contou: a história secreta sobre as heresias da religião ocidental*. São Paulo: Pensamento, 2008.
- KERSTEN, Holger. *Jesus viveu na Índia: a desconhecida história de Cristo antes e depois da crucificação*. 17. ed. São Paulo: Best Seller, 1986.
- KLOPPENBURG, Frei Boaventura. *Espiritismo: orientação para os católicos*. 6. ed. São Paulo: Loyola, 1997.
- KÜNG, Hans. Is there one true religion? An essay in establishing ecumenical criteria. In: HICK, John & HEBBLETHWAITE, Brian (Orgs.). *Christianity and other religions*. Oxford: Oneworld, 2001.
- _____. *A Igreja Católica*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.
- LEWIS, H. Spencer. *A Vida mística de Jesus*. 7. ed. Curitiba-Paraná: Biblioteca da Ordem Rosacruz – AMORC, 1997.
- MATHER, George A.; NICHOLS, Larry A. *Dicionário de religiões, crenças e ocultismo*. São Paulo: Vidas, 2000.
- MIRANDA, Hermínio C. *Cristianismo: a mensagem esquecida*. Matão, São Paulo: O Clarim, 1988.
- MORAIS, Jomar. Satã Vive. *Super Interessante*, Edição 174, p. 55-61, mar. 2002.
- NETO, José Barbosa de Sena. *Confissões surpreendentes de um ex-padre*. Niterói - RJ: Editora ADOS, 2004.
- NOGUEIRA, Carlos Roberto F. *O Diabo no imaginário cristão*. Bauru, São Paulo: EDUSC, 2000.
- OLIVEIRA, Francimar de. *O Centurião de Cafarnaum*. Fortaleza: Imprensa Universitária, 1995.
- PALHANO, L. Jr. *Dicionário de filosofia espírita*. Rio de Janeiro: Edições Celd, 1997.
- PIRES, J. Herculano. *Visão Espírita da Bíblia*. 3.ed. São Bernardo do Campo, São Paulo: Correio Fraternal do ABC, 1991.
- RENAN, Ernest. *Paulo: o 13º apóstolo*. São Paulo: Martin Claret, 2004.

- RIFFARD, Pierre A. *O Esoterismo*. São Paulo: Mandarim, 1996.
- RODRÍGUEZ, Pepe. *Mentiras Fundamentais da Igreja Católica: uma análise das graves contradições da Bíblia e de como esta foi manipulada em proveito da Igreja*. Lisboa-Portugal, Editora Terramar, 2001.
- ROHDEN, Huberto. *Bhagavad Gita*. 11. ed. São Paulo: Martin Claret. s.d.
- _____. *O Sermão da Montanha*. São Paulo: Martin Claret, 2007.
- SCHLESINGER, Hugo; PORTO, Humberto. *Dicionário enciclopédico das religiões*. Petrópolis: Vozes, 1995. v. 1 e 2.
- SCHURÉ, Édouard. *Krishna: Coleção Os Grandes Iniciados: esboço da história secreta das religiões*. São Paulo: Martin Claret Editores, 1986.
- SCHUTEL, Cairbar. *O Batismo*. 6. ed. São Paulo: O Clarim, 1986.
- SILVA, Severino Celestino da. *Analisando as Traduções Bíblicas: refletindo a essência da mensagem bíblica*. 2. ed., João Pessoa-Paraíba, 2000.
- SOUZA, José Pinheiro de. *Entrevistas com Jesus: reflexões ecumênicas*. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2005.
- _____. *Mitos Cristãos: desafios para o diálogo religioso*. Divinópolis, MG: GEEC Publicações, 2007.
- _____. *Catecismo Ecumênico: 200 perguntas e respostas à luz da "fé raciocinada"*. Fortaleza: Gráfica LCR, 2010a.
- _____. *Paulinismo: a doutrina de Paulo em oposição à de Jesus*. Fortaleza: Gráfica LCR, 2010b.
- _____. *Mentiras sobre Jesus: desafio para o diálogo religioso*. Fortaleza: Gráfica LCR, 2011a.
- _____. *Três Maneiras de Ver Jesus: a maneira histórica, a mítica literal e a mítica simbólica*. Fortaleza: Gráfica LCR, 2011b.
- TABOR, James D. *A Dinastia de Jesus: a história secreta das origens do cristianismo*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.

- TILESSE, Caetano Minette. *Revista Bíblica Brasileira*, Fortaleza, ano 5, 1998.
- TEIXEIRA, Faustino. *Teologia das religiões: uma visão panorâmica*. São Paulo: Paulinas, 1995.
- UBALDI, Pietro. *Problemas atuais*. 3. ed. Campos, Rio de Janeiro: Fundação Pietro Ubaldi, 1986.
- _____. *Cristo*. 3. ed. Campos – Rio de Janeiro: Fundação Pietro Ubaldi, 1988.
- VASCONCELOS, Yuri. O Homem que inventou Cristo. *SUPER Interessante*. Edição 195, dez. 2003.
- WEISER, Alfons. *O Que é milagre na Bíblia: para você entender os relatos dos Evangelhos*. São Paulo: Edições Paulinas, 1978.